



BERNARDO STOLLMEIER KUSS

**O CUIDADO DE DEUS COM O NOVO
ESTADO DE ISRAEL:
Uma perspectiva bíblica da provisão divina a
Israel no século XX**

IJUÍ/RS
2021

BERNARDO STOLLMEIER KUSS

**O CUIDADO DE DEUS COM O NOVO
ESTADO DE ISRAEL:
Uma perspectiva bíblica da provisão divina a
Israel no século XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para cumprir as exigências da disciplina de Supervisão da Pesquisa do Curso de Bacharelado em Teologia, ministrada pela professora Dr^a Marivete Zanoni Kunz.

Orientador: Dr. Claiton André Kunz

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

IJUÍ

2021

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

**O CUIDADO DE DEUS COM O NOVO
ESTADO DE ISRAEL:
Uma perspectiva bíblica da provisão divina a
Israel no século XX**

Autor: **Bel. Bernardo Stollmeier Kuss**

Orientador de conteúdo: **Dr. Claiton André Kunz**

Avaliador de forma: **Dr. Josemar Valdir Modes**

Avaliadora de português: **Me. Juliana Dellafavera**

Avaliadora final: **Dra. Marivete Zanoni Kunz**

Aprovado em: ____ / ____ / ____

IJUÍ
2021

RESUMO

A presente pesquisa consiste em uma relação entre o quadro histórico do povo judeu, atendo-se ao chamado “Fenômeno Israel”, ocorrido no século XX, e profecias sobre o cuidado de Deus com Israel. O primeiro capítulo analisou a formação da nação de Israel como milagre histórico em 1948, tendo em vista o recém-ocorrido Holocausto e o latente antijudaísmo, em especial nos conflitos árabe-israelenses. No segundo capítulo foram examinadas três profecias do Antigo Testamento que tratam da promessa divina de restauração e proteção do povo de Israel (Amós 9.11-15, Ezequiel 36.19-30 e Zacarias 8.1-8). Por fim, foi feita uma análise quanto a profecias, sua interpretação e a implicação disso no tema geral.

Palavras-chave: Israel. Judeus. Árabes. Profecia.

ABSTRACT

The present research consists of a relation between the historical picture of the Jewish people, focusing on the so called “Israel Phenomenon”, which took place in the twentieth century, and prophecies about God’s care for Israel. The first chapter the formation of the nation of Israel as an historical miracle in 1948 was analyzed, considering the recently occurred Holocaust and the latent anti-Judaism, especially in the Arab Israeli conflicts. On the second chapter three Old Testament prophecies about the divine promise of restoration and protection for the people of Israel were examined (Amos 9.11-15; Ezekiel 36.19-30; Zechariah 8.1-8). At last, an analysis about prophecies, their interpretation and its implication on the general topic was made.

Keywords: Israel. Jews. Arabs. Prophecy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O FENÔMENO ISRAEL	13
1.1 Judeus: uma sina de perseguição.....	13
1.1.1 Pogroms, a partir do século XIX	15
1.1.2 Regime Nazista e Holocausto	16
1.1.3 O boicote à imigração e a necessidade de asilo	19
1.1.4 Ataques após a Segunda Guerra Mundial.....	21
1.2 Formação do Estado de Israel em 1948.....	22
1.2.1 Início do retorno à Palestina	22
1.2.2 Atritos entre árabes e judeus.....	25
1.3 Conflito árabe-israelense	29
1.3.1 Guerra de Independência (1947-1949)	31
1.3.2 Campanha do Sinai (1956)	38
2 PROFECIAS SOBRE A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL.....	45
2.1 Amós 9.8-15: o peneiramento e a reconstrução.....	45
2.1.1 O autor	45
2.1.2 Data.....	46
2.1.3 Mensagem e auditório.....	46
2.1.4 Amós 9.8-15: contexto imediato e interpretações	47
2.2 Ezequiel 36.19-30: o amor de Deus ao seu Nome e a bênção do Espírito.....	54
2.2.1 O autor	54
2.2.2 Data.....	54
2.2.3 Mensagem e auditório.....	55
2.2.4 Ezequiel 36: contexto imediato e interpretações	56
2.3 Zacarias 8.1-8: fecundidade, longevidade e reunião do povo em Jerusalém.....	60
2.3.1 O autor	60
2.3.2 Data.....	61
2.3.3 Mensagem e auditório.....	61
2.3.4 Zacarias 8-1-8: contexto imediato e interpretações	62
3 O CUIDADO DE DEUS COM ISRAEL.....	65
3.1 À luz do gênero literário da profecia.....	65
3.1.1 Aspectos gerais	65
3.1.2 Perspectiva de tempo e a esperança na profecia.....	68
3.1.3 Seria possível um cumprimento de profecias na atualidade?	71
3.2 À luz das profecias acerca da restauração de Israel	72
3.2.1 Amós.....	72
3.2.2 Ezequiel	74
3.2.3 Zacarias.....	76
3.2.4 Relação Israel x Igreja	78
3.3 À luz do Fenômeno Israel.....	82
3.3.1 A importância da terra de Israel para o povo judeu.....	82

3.3.2 Cuidado divino.....	84
3.3.3 Restauração de Israel: depois do Exílio ou depois de Cristo?.....	85
CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por título “O cuidado de Deus com o Novo Estado de Israel: uma perspectiva bíblica da proteção divina a Israel no século XX”, e será na área de História de Israel, atendo-se ao chamado “Fenômeno Israel”, ocorrido no século XX. Será analisada a formação da nação de Israel como milagre histórico em 1948, tendo em vista o recém-ocorrido Holocausto e o latente antijudaísmo, em especial nos conflitos árabe-israelenses. Também serão examinadas três profecias do Antigo Testamento que tratam da promessa divina de restauração e proteção do povo de Israel (Am 9.11-15; Ez 36.19-30; Zc 8.1-8). Por fim, será feita uma análise quanto a profecias e sua interpretação e a implicação disso no tema geral.

“Quando o salmista afirmou: ‘...o Senhor não há de rejeitar o Seu povo, nem desamparar a Sua herança’ (Sl 94.14), estava certamente se referindo à restauração do exílio babilônico. Mas, se não desprezou o povo, e se o preservou até agora, terá ainda propósitos a seu respeito?”¹ Para grande parte dos teólogos hoje, “o povo em particular dos judeus e sua terra em particular não importam mais para Deus. Ele não é mais o Deus de Israel, não tem mais um relacionamento especial com seu povo escolhido, e a terra de Israel não é mais importante para Ele que as terras do Canadá”.² Como e a que ponto isso chegou?

Há quem afirme que é difícil acreditar que a recriação de um estado judeu independente, perpassando dificuldades sem medida, seja apenas um acidente histórico - ainda mais lendo o relato bíblico contendo as promessas de Deus sobre a terra e o seu amor com os descendentes de Jacó.³ No entanto, isso não é consenso entre os estudiosos, como será exposto na pesquisa.

Será levada em conta constantemente a opinião e advertência feita por Sayão, de que

é difícil negar um futuro escatológico para o povo judeu na Terra de Israel em vista de muitos textos bíblicos sobre o assunto. Todavia, é imprudente relacionar acriticamente acontecimentos do contexto geopolítico e religioso da região com profecias mal interpretadas. Deus tem promessas e bênçãos para Israel e também para as nações.⁴

A nação de Israel é, sem dúvida, protagonista de grande parte do relato bíblico, especialmente no AT (Antigo Testamento). Sua história, desde o surgimento e as profecias sobre ela são registradas sempre deixando claro que Deus atenta ao seu povo eleito. Esta

¹ FERREIRA, Júlio Andrade de. **Judeu**: enigma da história. Campinas: Luz para o Caminho, 1987, p. 47.

² MCDERMOTT, Gerald R. **A importância de Israel**: porque o cristão deve pensar de maneira diferente em relação ao povo e à terra. Traduzido por A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 155.

³ DOLAN, David. **Guerra Santa para a terra prometida**. Traduzido por João M. Bentes. São Paulo: Candeia, 1993, p. 242.

⁴ SAYÃO, Luiz. Jerusalém: a cidade da fé e o cenário árabe-israelense. In. **Luiz Sayão**, [S.l.], 29 jun. 2020. Disponível em: <https://luizsayao.com.br/jerusalem-a-cidade-da-fe-e-o-cenario-arabe-israelense>. Acesso em: 10 mar. 2021.

pesquisa contribuirá com o entendimento de algumas das possíveis interpretações das profecias referentes à situação atual de Israel, o que reforçará a realidade e confiabilidade do relato bíblico.

Diante do fato de que a nação de Israel ressurgiu e se mantém de forma a constituir um fenômeno histórico sem precedentes, a presente pesquisa buscará avaliar se esse fenômeno concorda com as profecias bíblicas que, quando escritas, referiam-se ao futuro de Israel. Assim, poderá ser destacado o cuidado real de Deus hoje sobre uma nação. Melhor, enfatizará o interesse providencial de Deus na história humana.

Um dos aspectos desse fenômeno histórico é o fato de ter sido expulsa da Palestina grande parte da população judia, a qual foi espalhada pelo mundo. Aliado a isso, há o fato dessa população ter não só asilo rejeitado por inúmeros países, mas ter sido em vários deles perseguida e até alvo de tentativa de extermínio (antisemitismo, Holocausto). Por fim, essa nação retornou ao Oriente Médio, sua região de origem, e formou o Novo Estado de Israel, fervilhando antissionismo à sua volta. Ao considerar isso, pergunta-se: *de que forma pode ser observado o cuidado prometido por Deus nas profecias do AT, nos fatos ocorridos com o Novo Estado de Israel?*

O método adotado será o seguinte: verificar em fontes históricas quais foram os principais eventos ocorridos com o Novo Estado de Israel desde seus precedentes, passando por seu estabelecimento na Palestina em 1948 e o que daí se desencadeou, até os dias atuais. Com esse resultado em mãos, compará-lo com a análise feita dos textos bíblicos que trazem profecias sobre o cuidado de Deus com Israel.

A pesquisa será feita a partir de fontes bibliográficas, sites e palestras sobre o assunto. O primeiro capítulo tratará do “Fenômeno Israel”, observando os principais eventos do séc. XX e o milagre histórico da formação do Estado de Israel, depois do Holocausto, de forma a dar o contexto geral. Então, será enfatizado o conflito árabe-israelense e algumas das suas circunstâncias; em especial, serão enfocados os dois primeiros grandes embates entre os judeus e árabes, a saber, a Guerra de Independência Israelense e a Campanha do Sinai. No segundo capítulo, serão analisados alguns textos importantes sobre a restauração de Israel, por meio da exposição dos pontos de vista de diversos autores, formando um diálogo teológico. Por fim, será feito um estudo acerca do gênero literário “profecia” e sua hermenêutica, bem como no que isso implica à comparação entre os dois primeiros capítulos. Tendo em vista o estudo feito até aí e procurando enfatizar a confiabilidade do texto bíblico, observar-se-á se Deus realmente tem cuidado de Israel até hoje.

É necessário definir algumas palavras utilizadas na pesquisa. O termo *judeu* (do Hebraico *Yehudi*) vem do nome Judá, um dos patriarcas das 12 tribos de Israel e filho de Jacó. Originalmente descrevia qualquer habitante de Judá. Judaísmo, por sua vez, é a religião dos Judeus. De forma geral, na expressão comum, “judeu” é usado para se referir aos descendentes físicos e espirituais de Jacó (também chamado Israel, na Bíblia). Inclusive, à época do Novo Testamento, “judeus” era uma referência a todos os israelitas.⁵ Até a Idade Média e século XX, os judeus eram considerados constituintes de uma nação particular, por causa de sua cultura e língua, e que se espalhou pelo mundo depois da destruição de Jerusalém em 70 d.C. O centro da sua cultura é a religião, a qual determina a alimentação, calendário e é o que preservou sua língua, o Hebraico. Mesmo tendo surgido como uma etnia, o judaísmo não mais é considerado assim. Agora, pode ser definido ao mesmo tempo como religião, nacionalidade e cultura.⁶ Por abordar diferentes períodos históricos, sempre que se utilizar o termo judeu, o presente trabalho refere-se tanto aos que descendem etnicamente do povo israelita, quanto aos fiéis ao judaísmo, quanto aos cidadãos do Estado de Israel. O contexto os definirá.

Árabe, grosso modo, é alguém cuja língua nativa é o árabe.⁷ Até a expansão do Islã e da língua árabe com ele, os árabes eram uma tribo semita habitante da Península Arábica. Hoje, com árabe são englobados todos os povos falantes dessa língua e que habitam desde a região da Mauritânia, na África Atlântica, até o sudoeste do Irã.⁸ Aos nativos da Palestina de fala árabe e àqueles nativos das nações que a circundam (a saber: Egito, Arábia Saudita, Jordânia, Iraque, Síria e Líbano) é que se faz referência, aqui, como árabes.

Palestina, no seu sentido histórico, é o território chamado de Terra Santa.⁹ A Enciclopédia Britânica a define como a “área da região leste do Mediterrâneo, que abrange partes do Israel moderno e os territórios palestinos da Faixa de Gaza (ao longo da costa do Mar Mediterrâneo) e da Margem Leste (a área a oeste do Rio Jordão)”.¹⁰ Morris define as fronteiras

⁵ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. Judaism: Who Is a Jew? In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/who-is-a-jew>. Acesso em: 22 mar. 2021; WISEMAN, D. J. Judeu. In. DOUGLAS, J. D. (org.) **O novo dicionário da Bíblia**. Traduzido por João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 885.

⁶ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. Judaism: Are Jews a Nation or a Religion? In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/are-jews-a-nation-or-a-religion>. Acesso em: 22 mar. 2021. Judeu. In. SACCONI, Luiz A. **Grande dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 1226.

⁷ DOLAN, 1993, p. 53.

⁸ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Arab*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Arab>. Acesso em: 26 mar. 2021.

⁹ DOLAN, 1993, p. 82.

¹⁰ “Area of the eastern Mediterranean region, comprising parts of modern Israel and the Palestinian territories of the Gaza Strip (along the coast of the Mediterranean Sea) and the West Bank (the area west of the Jordan River)”. ALBRIGHT, William Foxwell (et al.). Palestine. In. **Encyclopaedia Britannica**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Palestine>. Acesso em: 26 mar. 2021.

nos quatro pontos cardeais: a norte, uma cadeia de colinas logo ao sul do rio Litani, do Líbano. Ao sul, seu limite é o Golfo de Eilate (ou Golfo de Ácaba). Ao leste, o Rio Jordão, Mar Morto e Vale de Arabá, e a oeste o Mar Mediterrâneo.¹¹ Esse é o sentido adotado no presente trabalho.

Quanto ao termo *aliança*: fazer uma aliança é estabelecer um pacto, um acordo, entrar em liga com alguém.¹² Entre Deus e o homem, uma aliança “selava o pacto com promessas de bênção para quem guardasse a aliança e de maldição para quem a quebrasse”.¹³ É justamente esse o caso das alianças Abraâmica e Mosaica. Em Gênesis 15.8,18, o Senhor prometera a Abraão toda a terra de Canaã, perpetuamente. Era uma aliança imutável, que partira do Senhor. Abraão e sua descendência seriam abençoados e deveriam ser diferenciados dos outros povos e dedicados ao Senhor por meio da circuncisão (Gn 17.9-14). Diretamente ligada à aliança Abraâmica, e em cumprimento dela, Deus estabelecera uma aliança com o povo por meio de Moisés (Êx 2.24, 6.7). Essa aliança, a Mosaica, por mais que tenha partido totalmente de Deus, enfatizou também a obediência do povo aos decretos de Javé, de modo que fossem um povo separado para Ele (Êx 19.5-8). Se eles obedecessem, seriam abençoados. Se não obedecessem, seriam punidos (Lv 26.14ss).¹⁴ Isso é o que se tem em mente ao citar a Aliança de Deus com Seu povo, Israel.

Como parte da pesquisa trata do cumprimento de profecias, é necessário definir esses termos também. *Cumprir* nada mais é que levar a efeito, concluir, realizar, satisfazer inteira e cabalmente; pôr em prática, executar algo ordenado, estipulado, prescrito, prometido.¹⁵ Já *Profecia* significa “falar por ou antes”, ou seja, anunciar acontecimentos futuros, afirma Zuck.¹⁶ No entanto, ela não se limita a isso. Profecia é a declaração da vontade e dos propósitos de Deus por meio de um profeta, que recebe inspiração divina, afirma Oliveira,¹⁷ ao que Sacconi confirma. Destaca-se que ela pode ser uma predição do futuro, conforme revelação divina, mas nem sempre o é. Profeta, em grego, significa “aquele que diz”.¹⁸ Em hebraico, vem

¹¹ MORRIS, Benny. *Righteous victims: a history of the Zionist-Arab conflict, 1881-2001*. Nova York: Vintage, 2001, p. 3.

¹² CHAMPLIN, Russell Norman. Alianças. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. Tradução de João Marques Bentes. 2.ed. São Paulo: Candeia, 1995, v. 1, p. 111.

¹³ SMICK, Elmer B. Aliança. In. HARRIS, R.L. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Bruce K. Waltke. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 214.

¹⁴ MURRAY, J. Aliança. In. *O novo dicionário da Bíblia*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 52-53.

¹⁵ Cumprir. In. SACCONI, 2010, p. 575. Cumprir. In. CALDAS AULETE DIGITAL. Rio de Janeiro: Lexicon, [20-?]. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/cumprir>. Acesso em: 22 jun. 2021.

¹⁶ ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia*. Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 261-262.

¹⁷ OLIVEIRA, Raimundo F. de. *Como estudar e interpretar a Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 51.

¹⁸ Profecia. In. SACCONI, 2010, p. 1673.

especialmente do termo *nabi*, que significa “‘anunciador, declarador’, e, por extensão, aquele que anuncia as mensagens de Deus”.¹⁹

Com o termo *substitucionismo*, também conhecido como *supersessionismo* ou *teologia da substituição*, refere-se ao entendimento de que a Igreja substituiu Israel. Para quem o defende, quando Jesus foi rejeitado pelos judeus como Messias, “Deus revogou sua aliança com o Israel bíblico e a transferiu para aqueles que creram em Jesus”.²⁰ Assim, o substitucionista afirma que Israel não pode mais ser considerado povo de Deus, após a vinda de Cristo.²¹

A formação do Estado de Israel e os conflitos em que ele se envolveu são um assunto muito amplo. É necessário cuidado para não perder a linha de pesquisa. Por isso, é indispensável aqui apenas conhecê-los e ver um panorama deles. Além disso, a posição de Israel é assunto polêmico de debates na área de Escatologia. Será um desafio tratar de Israel sendo cuidado por Deus de forma especial, *sem entrar no debate escatológico*, como é pretendido nesta pesquisa.

¹⁹ Profecia, profetas e o dom da profecia. *In.* CHAMPLIN, 1995, v. 5, p. 423.

²⁰ MCDERMOTT, 2018, p. 25.

²¹ MOYAERT, Marianne. POLLEFEYT, Didier. *Israel and the Church Fulfillment Beyond Supersessionism?* Disponível em: https://www.academia.edu/9743549/Israel_and_the_Church_Fulfillment_Beyond_Supersessionism_with_Didier_Pollefeyt_in_M._MOYAERT_and_D._POLLEFEYT_eds._Never_Revoked_Nostra_Aetate_as_Ongoing_Challenge_for_Jewish-Christian_Dialogue_Louvain_Theological_and_Pastoral_Monographs_40_Louvain_Peeters_2010_159-183. Acesso em: 22 jun. 2021.

1 O FENÔMENO ISRAEL

A nação de Israel tem sido protagonista de acontecimentos raramente antes vistos com outros povos, no decorrer da história. Um deles é o fato de ter sido expulsa da Palestina grande parte da sua população, a qual foi espalhada pelo mundo. Aliado a isso, há o fato dessa população ter não só asilo rejeitado por inúmeros países, mas ter sido em vários deles perseguida e até alvo de tentativa de extermínio (antisemitismo, Holocausto). Por fim, esse povo retorna ao Oriente Médio, sua terra de origem, e forma o Novo Estado de Israel, fervilhando antissionismo²² à sua volta. Por meio da observação de fatos ocorridos com o povo judeu durante os períodos da história (Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea) e dos principais eventos do séc. XX, percebe-se que a perseguição é algo constante. Tanto mais estranho é o milagre histórico da formação do Estado de Israel, depois do Holocausto, a sua defesa e consolidação ante os conflitos a que foi exposto tão logo formado. Para melhor examinar isso, o foco deste capítulo será as duas primeiras guerras enfrentadas por Israel, a saber: a Guerra de Independência e a Campanha do Sinai. Isso tudo será investigado de forma a dar o contexto geral do que tem acontecido com o povo judeu, em especial no que tange à perseguição que vem sofrendo e à sua sobrevivência com o passar dos séculos.

1.1 Judeus: uma sina de perseguição

“A sobrevivência judaica é tanto mais estranha, quanto mais constatamos que se trata de povo perseguido”.²³ Em todos os períodos da História, os judeus foram, de alguma forma, vítimas de violência. Em alguns momentos, violência velada, discriminação não explícita. Sayão chama o fenômeno de “racismo *a priori*” e exemplifica o sentimento comum através da história: se um alemão trabalha e ganha dinheiro, muito bem; se um americano o faz, ótimo, é um empreendedor; se qualquer outro o faz, tudo certo; mas se um judeu trabalha e prospera, “tem alguma coisa errada nisso aí”.²⁴ Em outros momentos, foram alvos de perseguição física, morte e destruição.

Os judeus foram definitivamente expulsos de sua pátria, Israel (no atual Oriente Médio), em 135 d.C. Esse acontecimento é chamado de Diáspora e foi perpetrado pelo Império Romano como retaliação após a derrota de uma série de revoltas judaicas. A última delas teve por líder

²² Antissionismo é a oposição ao movimento de criação e manutenção de um Estado judeu no Oriente Médio, o qual é o Israel moderno. BBC News. **What's the difference between anti-Semitism and anti-Zionism?** [S. l.]: BBC, 29 abr. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-36160928>. Acesso em: 10 nov. 2021.

²³ FERREIRA, 1987, p. 18.

²⁴ SAYÃO, Luiz. **A importância de Israel**. São Paulo: Vida Nova, 30 nov. 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

o judeu Bar Kochba e se deu entre 132 e 135 d.C. Tendo sido derrotada, a cidade de Jerusalém foi renomeada como *Aelia Capitolina*, em homenagem ao imperador romano *Aelius Adrianus* (Adriano) e ao deus pagão Júpiter Capitolino. A população da Judéia foi então massacrada, vendida como escrava ou expulsa dos limites da região. E essa, por sua vez, passou a ser colonizada por estrangeiros que se tornaram maioria demográfica ali, até 1948.²⁵

A partir dessa ocasião, os judeus tornaram-se uma nação desalojada e espalharam-se pelo mundo – em especial, na Europa. Morris descreve que um fator constante na história dos judeus é que eles sempre foram visitantes, estrangeiros em todo lugar, e em lugar nenhum estavam em casa. Enquanto estivessem na Diáspora, sempre seriam alvos do antissemitismo, o qual “sempre existiu e sempre existirá, primeiramente porque a condição dos judeus era inatural e anormal: sem território, eles não tinham substância [...]”.²⁶

Durante muitos séculos, eles tiveram que suportar o ódio religioso e as perseguições pelas próprias igrejas cristãs e seus fiéis, em especial na Europa, mas não apenas.²⁷ Eles eram culpados pelo assassinato de Cristo e por constantemente repelirem a conversão ao cristianismo, o que fazia o ódio contra eles crescer dia a dia. Foram retratados como filhos do Diabo, acusados de matar crianças em rituais, expulsos de suas residências, entre outras demonstrações de repulsa. Mais tarde, passaram a sofrer antissemitismo econômico e social.²⁸ Isso se perpetuou, chegando até o presente século. Podendo soar incrível, sabe-se que há, ainda hoje, grupos que se opõem ideológica e economicamente a Israel e os judeus, e há até quem queira assumidamente exterminá-los.²⁹

Mais de um milênio antes de Hitler estar no poder, já havia perseguição e assassinato de judeus na Europa, por parte dos cristãos. De fato, nessa época todos que se opusessem à Igreja eram punidos, mas a nada se equiparou a profundidade do ódio e a violência dedicados aos judeus.³⁰ No entanto, não há dúvidas de que foi no Holocausto nazista que o ódio antissemita teve seu ápice na história mundial.

Junto do Holocausto, a Idade Contemporânea teve um quê de especial (negativamente falando), ao que se refere a essa violência, se comparada aos outros períodos históricos. Antes do massacre nazista, no século XIX, houve uma crescente nos ataques em massa às

²⁵ KERSTEIN, Benjamin. The Bar-Kochba Revolt. In. *World History Encyclopedia*. Canadá, 30 ago. 2018. Disponível em: https://www.ancient.eu/The_Bar-Kochba_Revolt. Acesso em: 12 mar. 2021.

²⁶ “It always existed and always would, primarily because the Jews' condition was unnatural and abnormal: lacking territory, they lacked substance [...]”. In. MORRIS, 2001, p. 17 *apud* VITAL, 1975, p. 179.

²⁷ GUTTERMAN, Bella. SHALEV, Avner (edt.). *Para que los sepan las generaciones venideras: la recordación del Holocausto en Yad Vashem*. Jerusalém: Yad Vashem, 2008. P. 28.

²⁸ GUTTERMAN, SHALEV, 2008, p.38-39, 54.

²⁹ MCDERMOTT, 2018, p. 168.

³⁰ DOLAN, 1993, p. 35.

comunidades judaicas, em especial no leste europeu.³¹ Depois dele, é gritante a atitude (melhor, a falta dela) das demais nações após a Segunda Guerra Mundial, diante da necessidade de acolhimento dos judeus sobreviventes, como se verá adiante. As consequências desses eventos tiveram papel de maior destaque em relação à formação do novo Estado de Israel em 1948.

Décadas depois ainda eram presentes manifestações violentas e constantes de ódio aos judeus. Nos anos 1980 e 1990, em certas regiões dos EUA, estavam fortes e bem atuantes grupos como a Nação Ariana, que perseguiram e atacavam judeus, assim como ameaçavam aqueles que se opunham e/ou denunciavam isso – existindo, no entanto, desde bem antes.³² McDermott comenta que há hoje, em Universidades, um movimento que se chama BDS: boicotes, desinvestimentos e sanções a Israel, sem explicações.³³ De forma alguma os justificando, há de se convir, no entanto, que não são esses os piores movimentos de ódio antissemita que tomaram lugar nos últimos dois séculos. Antes deles, destacam-se as ondas de *pogroms* no leste europeu, no século XIX, a instituição do Nazismo, nos anos 1940 com o sequente Holocausto, além das atitudes antissemitas de inúmeras nações ocidentais nesse período. A esses acontecimentos será voltado o foco agora, visto que eles são, talvez, as mostras mais evidentes de antissemitismo violento do período.

1.1.1 Pogroms, a partir do século XIX

Pogrom é uma palavra russa que significa “causar estragos, destruir violentamente”. O primeiro caso registrado como *pogrom* foi um tumulto antissemita em Odessa, Ucrânia, em 1821.³⁴ Por sua vez, foi adotada como descrição desse tipo de ataque a judeus, inclusive aqueles que aconteceram antes do termo ser cunhado.

Num primeiro momento, pode parecer que essas arremetidas foram completamente novas e surpreendentes. Shavit afirma que não pois, segundo ele, essa era uma nova forma de antissemitismo que vinha surgindo no leste da Europa, multiplicando os pogroms na Rússia, Bielorrússia, Moldávia, Romênia e Polônia (principalmente).³⁵ Morris concorda com Shavit e afirma que “em contínua discriminação e insegurança e ocasional opressão e violência” era a vivência dos judeus na Rússia Imperial, no séc. XIX. Com suas liberdades fortemente reguladas

³¹ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Pogroms. *In. The Holocaust Memorial Museum*. Washington: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/pogroms>. Acesso em: 25 mar. 2021.

³² DOLAN, 1993, p. 19-22.

³³ MCDERMOTT, 2018, p. 178.

³⁴ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. [20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/pogroms>. Acesso em: 25 mar. 2021.

³⁵ SHAVIT, Ari. **Minha Terra Prometida**: o triunfo e a tragédia de Israel. Traduzido por Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2016, p. 20, 44, 45.

pelo Estado, nesse período os judeus eram submetidos, por exemplo, a serviço militar forçado de vinte anos, além de tentativas forçadas de conversão ao cristianismo por parte das autoridades. O ápice (ou seria o declínio?) da situação deu-se em 1881, quando o assassinato do Czar Alexandre II, perpetrado por revolucionários, foi imputado aos judeus. Isso desencadeou uma onda de pogroms por todo o império, em especial na Ucrânia, com espancamentos, estupros, matança e destruição de bairros judeus,³⁶ até mesmo de vilas e aldeias inteiras (um desses massacres foi grande o suficiente para que os órfãos deixados por ele preenchessem as vagas de uma escola inteira, tempo depois³⁷). Essa principal onda de pogroms, seguiu de modo intervalado por, pelo menos, mais duas décadas. Em 1923, houve outra explosão de violência contra os judeus na Rússia, causando 70 mil mortes.³⁸

O escopo geral sobre os judeus era que:

Na Rússia, eles são perseguidos. Na Polônia são discriminados. Nos países islâmicos são um “povo protegido”, vivendo como cidadãos de segunda categoria. Mesmo nos Estados Unidos, na França e na Grã-Bretanha essa emancipação é meramente um atributo legal. O antissemitismo está crescendo.³⁹

Como se isso não bastasse, seguiram-se várias leis e editos que institucionalizaram a discriminação aos judeus - a ponto de eles serem considerados “nada além de vadios e parasitas, fora da proteção da lei”.⁴⁰ Como não é de surpreender, toda essa situação tensa e sensível piorou terrivelmente a crise existencial e a falta enorme de segurança às quais os judeus estavam sujeitos.⁴¹

1.1.2 Regime Nazista e Holocausto

Pelo panorama histórico, viu-se que o ódio antissemita não é algo novo. Se bem que “não foram apenas nazistas que mataram judeus; cidadãos comuns da Europa com frequência se prontificavam a fazer o mesmo”, é notável que no século XX tal ódio teve seu clímax no nazismo, com o Holocausto.⁴²

O Holocausto, que pode ser considerado o pior pogrom de todos, foi a tentativa alemã nazista de fazer desaparecer totalmente os onze milhões de judeus que habitavam a Europa. Foi iniciado por inúmeros boicotes e leis que rebaixavam os judeus a cidadãos de segunda classe,

³⁶ “[...] *one of continue discrimination and insecurity and occasional oppression and violence*”. In. MORRIS, 2001, p. 15.

³⁷ SHAVIT, 2016, p. 124.

³⁸ DOLAN, 1993, p. 82, 94.

³⁹ SHAVIT, 2016, p. 20.

⁴⁰ MORRIS, 2001, p. 16-17.

⁴¹ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 28.

⁴² MCDERMOTT, 2018, p. 178.

e que culminou com a aprovação da “Solução Final”, a qual consistia no envio e extermínio sistemático de judeus em campos prisionais próprios para isso.⁴³ O Nazismo foi um movimento totalitarista idealizado e liderado por Adolf Hitler na Alemanha, entre os anos 1920 e 1945. O termo nazismo vem de Nazi, a redução do nome do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeitspartei*). É caracterizado por seu fortíssimo nacionalismo e centralidade ditatorial de Hitler, mas, em especial, pela ideologia de extermínio aos inimigos da raça Ariana e da Alemanha. Esses inimigos eram, entre outros, os comunistas, marxistas e bolcheviques, e acima de tudo os judeus.⁴⁴

É importante destacar uma mudança nessa época. Diferente dos *pogroms* que precederam, nesse período a repressão aos judeus já não era pela sua fé religiosa diferente, nem pela sua nacionalidade, mas pela sua raça. Esclarece isso o fato de que na Alemanha da época do regime nazista houve descendentes de judeus que já eram cristãos há tempo e foram enviados mesmo assim a campos de concentração – por causa de sua ascendência.⁴⁵

Não é necessário tentar convencer a ninguém de que Adolf Hitler foi o próprio símbolo do ódio aos judeus e o difusor desse sentimento a grande parte da população alemã da época (e de depois). No entanto, por incrível que possa parecer, antes de chegar às suas conclusões antissemitas, o próprio Hitler comenta que se irritava por serem os judeus perseguidos por causa da sua fé, a qual era o único traço que os distinguia dos alemães.⁴⁶ A população judaica na Europa era, então, de aproximadamente 10 milhões de judeus, que contribuíam com as sociedades onde estavam inseridos de todas as formas possíveis.⁴⁷

Mais tarde, porém, Hitler (comentando seu passado, diz que) chegou à conclusão de que com o passar dos séculos “o aspecto do judeu havia-se europeizado e ele tornara-se parecido com um ser humano”. Seu ódio pelos judeus surgiu e cresceu especialmente em Viena, onde Hitler passou certo tempo de sua vida. Ali, observando, ele concluiu que os judeus: eram os dirigentes inescrupulosos e inteligentes da prostituição e exploração de outros vícios da vida

⁴³ GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**: os 2174 dias que mudaram o mundo. Traduzido por Ana L. Faria e Miguel S. Pereira. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014, p. 365-366.

⁴⁴ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Nazism*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Nazism>. Acesso em: 23 mar. 2021. MOORHOUSE, Roger. **O Terceiro Reich em 100 objetos**: uma história material da Alemanha Nazi. Traduzido por Miguel Mata. Alfragide: Casa das Letras, 2018, p. 23. GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 41ss.

⁴⁵ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 38-39, 54.

⁴⁶ HITLER, Adolf. **Mein Kampf**: a minha luta. Lisboa: Guerra e Paz, 2016, p. 137.

⁴⁷ 9,5 milhões, segundo o Museu Memorial do Holocausto, e 11 milhões de acordo com Martin Gilbert. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Remaining Jewish Population of Europe in 1945. In. *The Holocaust Memorial Museum*. Washington: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/remaining-jewish-population-of-europe-in-1945>. Acesso em: 24 mar. 2021; GILBERT, 2014, p. 365.

noturna; que eles lideravam a social-democracia, da qual Hitler era inimigo mortal, assim como a imprensa socialdemocrata, que veiculava as ideias do movimento; enfim, que os judeus não eram alemães, mas sim os corruptores do povo. A partir de então ele não parou mais de pensar no “problema judaico”, e em como solucioná-lo. Toda essa trajetória de ódio está registrada no livro *Mein Kampf* (Minha Luta), escrito por Hitler nos anos 1920. É válido demonstrar um pouco dele aqui, com as próprias palavras de Hitler que coroam um trecho do seu discurso insano: “Se o judeu, com o auxílio do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, a sua vitória coroará a marcha fúnebre da raça humana [...]” Mas a natureza não permite que seja roubado seu domínio, prossegue sua ideia. “Por isso, acredito agora que ajo de acordo com a vontade do Criador Omnipotente (sic): Lutando contra o judaísmo, realizo a obra de Deus”.⁴⁸

Hitler, então, engajou-se numa luta pessoal contra esses inimigos. Essa luta tomou forma legal quando, em março de 1933, logo depois de Hitler assumir o poder na Alemanha, iniciaram-se ataques organizados contra os judeus. Em abril, saiu a primeira lei que excluía os judeus dos cargos públicos, e daí em diante só piorou. O ano de 1938 é tido como decisivo na perseguição pois foi a partir daí que os nazistas passaram a deportar os judeus. Mais especialmente, em 9 e 10 de novembro daquele ano, houve a *Kristallnacht* (Noite dos Cristais), um pogrom ordenado pelo alto escalão nazista e fomentado por suas tropas. Mais de 1400 sinagogas foram incendiadas e cerca de 30 mil judeus foram presos em campos de concentração, na ocasião.⁴⁹

Uma ferramenta muito utilizada para promover o acossamento dos judeus pelo regime nazista foi a propaganda. Moorhouse confirma que já era existente o antissemitismo passivo na Alemanha em 1940, mas que houve a tentativa das lideranças nacionais de, por meio do cinema de propaganda, intensificar tais sentimentos e preparar a aceitação popular a medidas *drásticas* contra os judeus. Por meio de tal propaganda, os judeus foram mais desumanizados e difamados, e sobre eles se reforçaram aqueles diversos mitos antissemitas (além de se criarem outros).⁵⁰ As informações veiculadas convenciam muitas pessoas que era verdade aquilo que caracteriza o antissemitismo moderno: contestar o status e avanços econômicos dos judeus. Do desenvolvimento dessa ideia, surgiu o mito de que os judeus tinham um plano secreto para tomar o mundo.⁵¹

⁴⁸ HITLER, 2016, p. 137, 139, 144.

⁴⁹ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 44, 47, 56-57.

⁵⁰ MOORHOUSE, 2018, p. 177.

⁵¹ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 38.

Um caso notável da propaganda nazista foi o filme “O Judeu Eterno”, de 1940. Gilbert comenta que o objetivo do filme era expor ao mundo a devastação que os judeus causavam na história mundial. Que os judeus eram portadores de doenças, imundos, sem valores elevados, avarentos e corrompiam o mundo, era o que a propaganda nazista doutrinava.⁵² Em alguns círculos nazistas extremistas, o filme foi aplaudido e houve expressões de profunda gratidão aos que lidavam com o “problema judaico”.⁵³

Parte da “solução” desse “problema” foi a adoção da *Judenstern* (estrela judaica), a famigerada insígnia amarela em forma de estrela de Davi que os judeus em áreas ocupadas pelos nazistas foram obrigados a usar, costurada na roupa, a partir de 1941. Nada de muito novo, conforme Moorhouse, que relembra: a estigmatização pública dos judeus vem de muito tempo. “Desde a Idade Média até ao século XVII, de Bagdade (sic) a Berlim, foram obrigados a usar insígnias, chapéus e pendentes para ser identificados em público”.⁵⁴ Gutterman e Shalev acrescentam que quem primeiro empregou um método semelhante foram os muçulmanos no século VIII, e depois os cristãos na Europa do século XIII: aqueles, faziam os judeus vestirem-se de forma característica; esses, impuseram o uso de chapéus pontiagudos amarelos.⁵⁵

Essas ações, ainda que humilhantes, discriminatórias e violentas, ainda não foram o pior. Os judeus já estavam sendo atacados, linchados, presos e mortos há muito tempo. O pior foi deflagrado em 20 de janeiro de 1942, quando figuras da alta cúpula alemã nazista assinaram a aprovação da “Solução Final”: os judeus, que já eram confinados à força em guetos e campos de concentração com condições desumanas, passaram a ser mortos em câmaras de gás⁵⁶, de forma sistematicamente macabra. Muitos dos campos de concentração, que eram campos prisionais e de trabalhos forçados, foram adaptados para se tornarem campos de extermínio. Por meio de um processo de nível industrial, os presos chegavam por estrada de ferro em vagões de gado, eram descarregados, despídos (seus bens espoliados) e selecionados para o trabalho ou câmaras de gás. Nestas últimas, mais de 80% dos que chegavam encontraram seu fim.⁵⁷

1.1.3 O boicote à imigração e a necessidade de asilo

Engana-se quem pensa que foram os nazistas e seus colaboradores os únicos que odiavam e repulsavam os judeus no século XX. Stalin, o ditador soviético, mesmo que tivesse se considerado um sionista, achava que os judeus eram “[...] meio-homens, aproveitadores e

⁵² GILBERT, 2014, p. 187.

⁵³ MOORHOUSE, 2018, p. 177.

⁵⁴ MOORHOUSE, 2018, p. 177.

⁵⁵ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 84.

⁵⁶ SHAVIT, 2016, p. 106.

⁵⁷ MOORHOUSE, 2018, p. 224-229.

parasitas”.⁵⁸ Parece que essa opinião era compartilhada por muitas nações na época. Se conscientemente ou não, é difícil dizer.

O que fica óbvio é que diante da erupção insuportável de violência na Alemanha e países anexados, aumentaram drasticamente as tentativas de emigração dos judeus. A maioria dos países, no entanto, fechou-se completamente. Não foram poucas as situações como o deprimente caso do navio St. Louis: saído da Alemanha cheio de refugiados judeus com vistos para entrar em Cuba, teve seu desembarque negado pelo governo cubano, assim como pelo estadunidense logo depois. Foi obrigado a voltar para a Alemanha, onde a maioria dos seus quase mil passageiros morreu depois, pela “Solução Final”.⁵⁹

Com a perseguição nazista legalizada e explícita já acontecendo desde 1933, Dolan registra que, em 1938, deu-se a Conferência de Evian, na França, composta por líderes de grande parte dos países ocidentais. O objetivo deles: restringir o número de refugiados judeus que seriam aceitos em seus territórios. Grupos dos EUA queriam suspender a imigração estrangeira por dez anos; os britânicos queriam evitar um êxodo à Palestina e a consequente tensão com os árabes que isso acarretaria, ainda mais às vésperas da Segunda Guerra.⁶⁰ Gutterman e Shalev, com razão, definem essa conferência como um marco de total desinteresse com os refugiados Judeus. Um depois do outro, os representantes dos países fizeram discursos em apoio aos judeus, para então dizer que eles não poderiam ser recebidos. Um desses líderes, em especial, disse que não tinha nenhum problema racial verdadeiro em sua terra, portanto não queria importar esse tipo de problema. Assim eram vistos os judeus.

Inclusive mais tarde, quando já estava a pleno acontecimento o extermínio nos campos de concentração, as nações livres tomaram conhecimento disso, mas não interviram. Em especial os líderes americanos e britânicos afirmavam que a ênfase era em ganhar a guerra, e os esforços e recursos deviam ser totalmente para esse fim - não para missões humanitárias. Aliás, os países envolvidos na luta contra o Eixo⁶¹ viam qualquer auxílio enviado às zonas ocupadas como ajuda indireta ao inimigo - e os judeus seguiam sofrendo e sendo assassinados. Percebeu-se, por fim, que o problema não era a Guerra. Mesmo após seu término, e do público

⁵⁸ “[...] *middle-men, profiteers and parasites*”. In. MORRIS, 2001, p. 172.

⁵⁹ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 59-61.

⁶⁰ DOLAN, 1993, p. 108.

⁶¹ O Eixo foi uma coalizão militar encabeçada pela Alemanha, Itália e Japão durante a Segunda Guerra Mundial que fez frente às forças Aliadas (lideradas pela Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética). O termo foi usado para caracterizar a união entre Roma e Berlim por uma série de tratados, e que a partir de então o mundo iria girar no *eixo Roma-Berlim*. ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Axis Powers: World War II coalition*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Axis-Powers>. Acesso em: 10 nov. 2021.

conhecimento do Holocausto, os países do mundo continuaram fechados à imigração de judeus. Até mesmo países abertos a imigrantes preferiam os refugiados não judeus.⁶²

1.1.4 Ataques após a Segunda Guerra Mundial

Colocando-se no lugar do povo judeu, muito provavelmente a expectativa que se teria depois do show de horrores do Holocausto seria a paz, a ajuda, o asilo. A busca da população judia era por lugares novos para recomeçar e não precisar lembrar tudo o que aconteceu na Europa, mas, como já se viu, a imigração fora vetada. Restaria, então, o retorno aos países de origem pós a Segunda Guerra. No entanto, o que os recebeu ali? Mais pogroms.

Vale a pena citar as impressões de um sobrevivente da perseguição nazista ao retornar à sua cidade de origem:

A Polônia do pós-guerra era pavorosamente antissemita. Ainda que os nazistas tivessem sumido, podia-se farejar o ódio aos judeus em cada esquina. Lembro-me de uma mulher gritando para judeus: ‘A gentalha saiu dos buracos... Pena que Hitler não acabou com vocês!’ Lembro-me de judeus que retornavam dos campos nazistas ocultando sua identidade e, ao serem descobertos, eram xingados e surrados. Havia constantes rumores sobre pogroms de pós-guerra. Era nítido que os judeus não tinham futuro na Polônia [...] tínhamos de substituir nossa velha identidade amaldiçoada por uma nova.⁶³

Dolan destaca que houve ataques em algumas partes da Polônia, por volta de 1946.⁶⁴ O motivo aparente é que os habitantes que permaneceram no território, que usurparam as propriedades dos judeus, achavam que eles iriam requerê-las de volta. Resultado: mais 1000 judeus mortos após a libertação dos campos de concentração. Esse era o motivo manifesto. Fica claro, no entanto, que havia o velho antissemitismo por trás, ao se olhar para o pogrom de Kielce, na Polônia, um dentre a série de ataques pós-guerra. Diante do rumor do desaparecimento de uma criança cristã, os judeus foram acusados de matá-la em rituais. A população os atacou e nem a polícia nem o clero fizeram algo para impedir.⁶⁵

Shavit descreve o quadro todo como sendo os judeus, essencialmente, os filhos órfãos da Europa. Filhos, pois dedicaram tudo a ela, amaram-na, contribuíram para desenvolvê-la. Órfãos, pois ela os desprezou, virou a eles as costas, permitiu e acentuou o antissemitismo. De uma forma ou outra, a Europa toda tornara-se perigosa aos judeus. Os demais países fecharam-se a eles. Nem mesmo a América abriria suas portas para acolhê-los. Ficou mais e mais evidente

⁶² GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 205-206, 263.

⁶³ SHAVIT, 2016, p. 163-164.

⁶⁴ DOLAN, 1993, p. 113.

⁶⁵ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 262.

sua urgência por um lugar onde viver. Portanto, a conclusão foi que somente um novo Estado na Palestina supriria essa demanda, e os salvaria.⁶⁶

1.2 Formação do Estado de Israel em 1948

A imigração à Palestina cresceu e, conseqüentemente, a população judaica lá, de tal modo que não mais era possível que eles apenas habitassem de forma provisória a região. Incentivados pelo Sionismo mundial e pela sua necessidade de sobrevivência, os judeus formaram o chamado Novo Estado de Israel. Todo esse processo será abordado a seguir.

1.2.1 Início do retorno à Palestina

No final do séc. XIX e início do séc. XX, houve imigrações em massa à Terra Santa, em especial compostas por judeus fugidos. O principal motivo das fugas eram os pogroms.⁶⁷ No leste europeu, o sofrimento era agudo. No oeste, não havia assimilação. O povo judeu precisava, sem outra expectativa, de um lugar para recomeçar sua existência.⁶⁸ De fato, com o agravo dos ataques, a “vida dos judeus na Rússia não era mais sustentável”, afirma Morris. Isso levou a uma movimentação da população judaica para fora da Europa. Os destinos: América, domínios Britânicos e, em especial, Palestina.⁶⁹ Foram “[...]cerca de 54 mil judeus, que chegaram à região entre 1880 e 1921” fugidos “da onda de pogroms que varreu o sul da Rússia entre 1821 e 1906 [...]”.⁷⁰ Outro impulso à emigração para a Palestina foi a quebra da bolsa de Nova York em 1929. Isso fomentou os vários movimentos nacionalistas e antisemitas na Europa,⁷¹ fazendo muitos judeus perceberem o perigo e partirem.

Shlaim registra que surgiram até movimentos em prol disso. Em 1881, por exemplo, foi fundado o extremamente prático movimento Amantes de Sião, que a partir daí esteve promovendo imigração e estabelecimento de judeus na Palestina.⁷² Além disso, acrescenta Morris, essa movimentação rumo a Sião (outro nome para Jerusalém), chamada de *Aliyah*, contou com doações de Judeus ricos do Ocidente, o que possibilitou a compra de terras na Palestina, onde os imigrantes foram se estabelecendo.⁷³ Fato interessante é que, em grande parte, os territórios comprados pelos judeus não eram terras férteis e habitadas. Como exemplo há o Vale de Hula, na região da Galileia, o qual era pantanoso, infestado de malária e

⁶⁶ SHAVIT, 2016, p. 42ss, 73-74.

⁶⁷ DOLAN, 1993, p. 82.

⁶⁸ SHAVIT, 2016, p. 22.

⁶⁹ “*Jewish life in Russia was no longer tenable.*”. In. MORRIS, 2001, p. 17.

⁷⁰ FERREIRA, Franklin. A tentação do antisemitismo. **Teologia Brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁷¹ CAMARGO, Cláudio. Guerras árabe-israelenses. In. MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2015. P. 430.

⁷² SHLAIM, 2004, p. 39.

⁷³ MORRIS, 2001, p. 19.

pertencente a latifundiários que moravam em Damasco. Ali, os judeus - que foram vistos como tolos por comprar tais terrenos – estabeleceram-se, drenaram os pântanos e os tornaram cultiváveis.⁷⁴ Shavit descreve a região como de “charcos pantanosos dos quais emanam os deletérios vapores de malária [...]”.⁷⁵

Imigrantes de pelo menos oitenta e seis nacionalidades dirigiram-se à Palestina no movimento. Eles é que viriam a formar a população do Novo Israel, nos seus primeiros vinte anos de existência.⁷⁶ Na década de 30, em especial após a legislação racista alemã entrar em vigor, houve várias levas de imigrantes judeus da Europa muito capacitados, como médicos, agrônomos, arquitetos, engenheiros e outros. Isso elevou o nível cultural da colônia na Palestina.⁷⁷

1.2.1.1 Sionismo

Como afirmado acima, surgiram movimentos em apoio à causa judaica, ainda na última década do século XIX. O principal deles, sem dúvida, foi o Sionismo.

O termo foi criado ainda em 1885, por Birnbaum.⁷⁸ Ele vem de “Sião”, outro nome da cidade de Jerusalém. A ideia do sionismo foi prover uma resposta quanto à dispersão dos judeus por todo o mundo, suprimindo-os com uma terra e a possibilidade da existência independente de outros países. A dispersão mostrava-se ainda mais problemática por causa dessa intensificação do antissemitismo, e pela constante não aceitação dos judeus nas nações europeias - acentuada pelos movimentos nacionalistas, que ufanavam o povo nativo e desprezavam as minorias, uma das quais eram os judeus.⁷⁹

Até esse período, como dito acima, os judeus viviam isolados. O isolamento era feito de forma voluntária, por muitos anos, de forma a manter fora da comunidade as influências externas. Isso começou a mudar com o surgimento do Iluminismo e igualitarismo, e como frutos/consequências deles, as ideologias políticas do século XIX. Essas revoluções de pensamento levaram muitos jovens judeus a abandonarem seus lares e tradições. Foi nesse meio tempo, entre os judeus de mente mais “aberta”, normalmente de tendências socialistas, e os demais, de pensamento tradicional e que enfatizavam a lealdade às tradições, que surgiu o movimento Sionista, sofrendo a influência dos dois grupos.⁸⁰

⁷⁴ FERREIRA, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁷⁵ SHAVIT, 2016, p. 47.

⁷⁶ DOLAN, 1993, p. 139.

⁷⁷ SHAVIT, 2016, p. 76.

⁷⁸ Nathan Birnbaum, escritor vienense. SHLAIM, 2004, p. 38.

⁷⁹ SHLAIM, 2004, p. 38.

⁸⁰ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 28, 31.

Quem idealizou e fundou o movimento foi Herzl,⁸¹ por meio da publicação em 1896 de um livro onde expunha suas ideias.⁸² Algo que influenciou muito na formação do movimento, deixando explícita a discriminação europeia dos judeus, foi o Caso Dreyfus. Alfred Dreyfus era um alto oficial militar francês que estava sendo alvo de uma “sutil política de discriminação”, tendo sido acusado de traição militar (cf. Camargo, injustamente acusado de traição, condenado e desterrado⁸³). Herzl, que era correspondente jornalístico cobrindo o caso, percebeu ali que as pessoas nutriam um ódio ferrenho aos judeus. O que ouviu foi que os franceses não consideravam Dreyfus “um ser humano, mas unicamente um judeu”.⁸⁴ Esse caso foi talvez o exemplo mais gritante do antissemitismo na Europa Ocidental e estopim do movimento sionista, de acordo com Camargo.⁸⁵

Foi na mesma época, no final do século XIX e início do XX, que a Europa viu ascenderem verticalmente os movimentos nacionalistas, como Fascismo, Nazismo e outros. Shavit afirma que o sionismo era um movimento nacionalista como qualquer outro, além de reafirmado pela urgência,⁸⁶ com o que Camargo concorda, afirmando que o sionismo era nacionalista, uma vez que exaltava a nação judaica e o estabelecimento de um Estado independente para ela.⁸⁷

Foi por iniciativa sionista que se estabeleceu o *Keren Kayemet Le-Israel* (Fundo Perpétuo para Israel), cujo objetivo era a aquisição de terras no território palestino para estabelecer os colonos judeus que migrassem. Esse fundo contou com generoso auxílio da comunidade judaica mundial,⁸⁸ a ponto de terem sido comprados cerca de 200 milhões de metros quadrados de terra Palestina até o ano de 1900 – logo no início do movimento. Já em 1908, a soma total beirava os 400 milhões de metros quadrados, colocando em prática o conceito de que a compra de terra era o alicerce do movimento sionista.⁸⁹

⁸¹ Theodor Herzl, jornalista austríaco e fundador do movimento Sionista. BEN-GURION, David. *Theodor Herzl: Austrian Zionist Leader*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Theodor-Herzl>. Acesso em: 10 nov. 2021.

⁸² DOLAN, 1993, p. 88.

⁸³ CAMARGO, 2015, p. 427-428.

⁸⁴ LAILA, Sâmia. O que foi o Sionismo? **Teologia Brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁸⁵ CAMARGO, 2015, p. 427-428.

⁸⁶ SHAVIT, 2016, p. 72.

⁸⁷ CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 428.

⁸⁸ LAILA, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁸⁹ MORRIS, 2001, p. 19, 38.

1.2.1.2 Declaração de Balfour

A Declaração de Balfour é muito importante na compreensão do conflito pelo que segue. No início da Primeira Guerra Mundial, a Turquia tinha aproximações com a Alemanha e controlava grande parte do Oriente Médio – inclusive a Palestina. A Grã-Bretanha percebeu a importância da região e do canal de Suez como corredor de ligação com seus domínios na Índia, passando a exercer maior interesse e influência ali. Para tanto, a Coroa Britânica acreditava que se possuísse e protegesse uma colônia - ou Estado livre - judaica ali, esta ajudaria a manter o Canal de Suez⁹⁰ “que era vital para a sobrevivência do Império Britânico no Oriente”, conforme Chapman⁹¹, sob domínio britânico. Não só isso, mas também como o próprio Lorde Balfour, um diplomata britânico, comentou, os britânicos granjeariam apoio da vasta maioria dos judeus na Rússia e América, e afastariam os franceses da Palestina.⁹²

Com essa motivação, é expedida em 1917 aquela que Morris chama de “a garantia internacional crucial ao Sionismo, a Declaração de Balfour”, e assim ela foi compreendida pelos judeus: a colocação de apoio internacional mais importante que eles haviam recebido até então. Ela foi expedida sem terem sido consultados os árabes, então aliados britânicos, os quais sentiram-se muito ultrajados. Agora, eles é que seriam vistos como os usurpadores, e os judeus como donos da terra por direito.⁹³

1.2.2 Atritos entre árabes e judeus

É visto, pelo exposto até então, que desde os primeiros momentos houve atritos entre os Palestinos, árabes nativos e os imigrantes judeus. Faz-se apropriado descrever mais alguns detalhes dessa sensível e tensa relação. Serão observados quais são as origens das tendências ao atrito entre ambos os povos, as primeiras mostras organizadas de insatisfação Palestina e um pouco do seu ponto de vista, além da importância que a religião islâmica tem no quadro geral das animosidades.

Pode ser que a rusga entre árabes e judeus remonte ao retorno desses últimos do exílio babilônico, no séc. V e VI a.C., conforme os comentários no relato de Esdras e Neemias dos inimigos árabes que se opunham e tentavam minar a reconstrução de Jerusalém e de seus muros (cf. Ne 4), como afirma Dolan.

⁹⁰ MORRIS, 2001, p. 67-68.

⁹¹ CHAPMAN, Colin. Liberdade para expressar opiniões diferentes. **Martureo**, São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em <https://www.martureo.com.br/liberdade-para-expressar-opinioes-diferentes>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁹² MORRIS, 2001, p. 71, 74; CHAPMAN, 13 set. 2019. Disponível em <https://www.martureo.com.br/liberdade-para-expressar-opinioes-diferentes>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁹³ “*The crucial international warrant for Zionism, the Balfour Declaration.*”. In. MORRIS, 2001, p. 73, 75-76.

Talvez de forma semelhante aos tempos bíblicos, Dolan diz, então, que os judeus, que no início do séc. XX retornavam à Palestina, “eram vistos como uma ameaça cultural das maiores para as conservadoras comunidades islâmicas e cristãs” que estavam na região. Líderes árabes da época diziam que os judeus planejavam vingar-se deles, por causa das perseguições de séculos.⁹⁴ Nesse misto de sentimentos, houve hostilidades árabes contra os judeus desde os primeiros momentos. A princípio, apenas estranhamento e ojeriza à distância; depois, passou-se a agressões físicas.⁹⁵

Nos primórdios do movimento sionista e da imigração à Palestina, Herzl, sendo europeu, deixou isso claro na sua visão dos palestinos, considerando-os primitivos e atrasados, confiando que todos eles veriam o estabelecimento judeu na região como algo benéfico, gerador de avanços econômicos e de direitos civis. Os prováveis problemas que surgiriam entre os nativos e os judeus imigrantes foram subestimados em sua seriedade.⁹⁶ Shavit concorda e acrescenta que o ponto de vista dos primeiros sionistas era que os judeus europeus, letrados, iriam civilizar os nativos Palestinos, que ainda não tinham cultura política madura, nem sentimento nacionalista algum.⁹⁷

De certa forma, ingenuamente, o movimento era realmente bem-visto pelos nativos – ou pelo menos era visto com indiferença. Por sua vez, os *olim*, imigrantes judeus europeus normalmente mais ricos e instruídos, viam os árabes da região da mesma forma que a maioria dos demais europeus da época veriam os povos das colônias na África e Ásia: “[...] primitivos, desonestos, fatalistas, preguiçosos, selvagens [...]”. Além disso, levando em conta todo o quadro de rejeição aos judeus, até mesmo lideranças muçulmanas palestinas aparentemente apoiaram a causa dos imigrantes. Por exemplo, o chefe muçulmano de Jerusalém, Ysuf al-Khalidi, escreveu em 1899, diante das primeiras levas de imigrantes judeus, que a ideia do Sionismo era completamente natural e justa - em teoria. Na prática, no entanto, Khalidi clamava ao bom senso dos organizadores sionistas, sabendo e prevendo que somente pela guerra a Palestina seria obtida. Desde essa época até 1948, o medo da desapropriação e do deslocamento territorial foi o que fomentou a oposição árabe ao Sionismo. Como previsto por Khalidi, a partir da chegada dos primeiros grupos judeus, iniciaram-se os desentendimentos e até hostilidades.⁹⁸ Tais desentendimentos chegaram ao ponto de se organizarem revoltas e lutas armadas por ambos os lados. Uma das primeiras revoltas organizadas foi a Revolta Árabe de 1936.

⁹⁴ DOLAN, 1993, p. 53, 97.

⁹⁵ SHAVIT, 2016, p. 46 et seq.

⁹⁶ SHLAIM, 2004, p. 40.

⁹⁷ SHAVIT, 2016, p. 30.

⁹⁸ “[...] primitive, dishonest, fatalistic, lazy, savage [...]”. In. MORRIS, 2001, p. 43, 37, 42-66.

1.2.2.1 Revolta árabe de 1936

Pouco antes do período da assinatura da Declaração de Balfour, os britânicos haviam prometido aos palestinos o estabelecimento de um estado árabe independente depois da Primeira Guerra Mundial, para ter o apoio deles. Ao mesmo tempo, e em segredo, eles acordaram em 1916 que dividiriam o domínio da região com a França, além de, como dito acima, garantirem aos sionistas, por meio da declaração Balfour em 1917, a formação de um estado independente judeu na mesma região.⁹⁹

Obviamente, essa jogada política com a promessa do mesmo território a três partes diferentes e conflitantes não gerou paz na região. Após a Declaração de Balfour, como era de se esperar, os atritos entre árabes e judeus foram crescendo e se tornando mais comuns, não somente por causa do Sionismo, mas também por desentendimentos entre os árabes e potências europeias dominantes - em relação às quais os judeus davam apoio ou ficavam neutros.¹⁰⁰

Com o passar dos anos, por causa das promessas britânicas não cumpridas, o líder muçulmano de Jerusalém, Husseini, liderou uma revolta que eclodiu em 1936, contra os britânicos e judeus.¹⁰¹ Depois da escalada de agitação, e para dar fim a ela, os britânicos aceitaram algumas exigências dos revoltosos, a saber: a cessação da imigração de judeus e da compra de terras por eles, e um estado árabe independente. Para oficializar, foi expedida a Carta Branca, em maio de 1939. Nela foi proposto um teto de 75 mil imigrantes judeus nos próximos cinco anos, severas limitações à compra de terras, entre outros.¹⁰²

Tão logo que a Alemanha se tornou nazista, uma pátria aos judeus tornou-se evidentemente necessária, como diz Shavit.¹⁰³ Logicamente, o Holocausto gerou nos judeus ambos os sentimentos: de desespero e necessidade de um refúgio, assim como a certeza de que a sua causa é que era justa, na reivindicação da Palestina.¹⁰⁴ Isso posto, é fácil imaginar o impasse, sendo que os britânicos, em cumprimento à Carta Branca, bloqueavam severamente a imigração judaica à Palestina.

1.2.2.2 Ponto de vista Palestino

Dolan, tendo vivido vários anos (nas décadas de 1970 e 1980) em Israel e região, viu de perto e comenta a frustração dos palestinos que habitavam Israel. Os palestinos que habitam território israelense dependem da aprovação desses para quase qualquer movimentação. Dolan

⁹⁹ SHLAIM, 2004, p. 44.

¹⁰⁰ MORRIS, 2001, p. 88-120.

¹⁰¹ CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 430.

¹⁰² MORRIS, 2001, p. 157-158.

¹⁰³ SHAVIT, 2016, p. 72.

¹⁰⁴ SHLAIM, 2004, p. 62.

cita também a raiva e sentimento de ofensa e humilhação dos palestinos, por estarem constantemente sob suspeita das patrulhas israelenses, sendo interrogados e revistados enquanto vão até mesmo para sua própria cidade natal.¹⁰⁵ Não é difícil compreender tais sentimentos, colocando-se no lugar de quem os sofre. Não se quer cair aqui em um anacronismo. Dessa forma, vale observar que, muito provavelmente, esse mesmo sentimento que tantos anos depois ainda se nutria pelos judeus teve origens lá, quando eles começaram a despontar como usurpadores da terra nativa dos palestinos. Com isso corroboram relatos como o de Shavit. Ele registra que, tendo crescido o movimento nacionalista Palestino, junto dele cresceu a exigência que parasse completamente a imigração judaica. O movimento de libertação árabe queria expulsar os judeus das terras onde haviam se assentado.¹⁰⁶

Tal desejo de expulsão deu-se também pelo crescimento dos sionistas. Eles eram, com razão, um grupo crescente. No intervalo entre 1923-1929, a população judaica aumentou em 77 mil pessoas, e aumentaria ainda mais dramaticamente na década seguinte. O problema foi que, além de crescente, os árabes passaram a vê-los como aqueles que roubariam as áreas sagradas ao Islã.¹⁰⁷ Portanto, vale frisar a importância que essa religião teve nas ações hostis contra os judeus.

1.2.2.3 Influência do Islã nos conflitos

Não é o objetivo da presente pesquisa a apologética ou crítica à fé islâmica, ou ao Corão, seu livro sagrado. Ainda assim, é necessário citar a importância que ela parece ter na motivação à luta contra Israel e o povo judeu.

Como referido acima, em muitos períodos anteriores, os judeus foram separados e discriminados como sendo de segunda classe e inferiores, nas sociedades muçulmanas. Segundo Morris, o Corão tem muitas referências a como os judeus são alvo da ira de Alá, e marcados pela sua baixa e desgraça. A atitude muçulmana com os judeus teve papel decisivo no desenrolar do conflito. No início, a ideia era de que os judeus, meros objetos subservientes, nada poderiam fazer na Palestina. Depois, com a escalada da agressividade, a justificativa era que os judeus eram amaldiçoados por Deus e só intentavam o mal.¹⁰⁸

Shavit então registra que, ainda em 1930, deu-se o início do treinamento de algumas células terroristas “comprometidas com o Islã, com o sigilo e com a guerra contra os judeus”,¹⁰⁹ as quais fomentariam o crescimento das hostilidades entre judeus e palestinos desde aquela

¹⁰⁵ DOLAN, 1993, p. 177.

¹⁰⁶ SHAVIT, 2016, p. 96.

¹⁰⁷ MORRIS, 2001, p. 107, 112.

¹⁰⁸ MORRIS, 2001, p. 9, 13.

¹⁰⁹ SHAVIT, 2016, p. 80.

época. Chapman concorda em parte. Para ele, “como muçulmanos, era inevitável que os palestinos apelassem para a história e para a ideologia islâmicas para motivá-los em sua luta”. No entanto, a principal motivação para a agressividade não teriam sido “[...] as crenças islâmicas, nem tampouco o ódio contra os judeus, mas sim a sua experiência de desapropriação”. Sem dúvida, a desapropriação do território (mesmo que, nesse período, ele tivesse sido comprado) foi um fator muito importante no processo. Ainda assim, observa Dolan, “o islamismo sempre desempenhou um papel importante na luta da OLP [Organização pela Libertação da Palestina, a ser fundada em 1964] a fim de libertar a Palestina [...] observando ainda que os ensinamentos islâmicos são o solo de onde se origina grande parte da maneira de pensar e das normas daquela organização”. A OLP, aqui, foi onde culminaram muitos anos de conflito dos árabes e palestinos com seu inimigo em comum, o judeu. Portanto, segundo o referido autor, o sistema religioso e as escrituras sagradas islâmicas incitam o escárnio, se não o ódio, e exaltam a guerra aos judeus.¹¹⁰

1.3 Conflito árabe-israelense

É assunto muito sensível, ainda no cenário atual, o conflito árabe-israelense (ou israelo-árabe, ou israelo-palestino). Nesse ponto, já pode-se considerar lugar comum que, desde a chegada dos primeiros judeus no século XIX, houve atritos entre eles e os palestinos que estavam ali. É difícil afirmar que houve, em especial nos períodos entre as guerras que serão analisadas a seguir, algum momento de completa ausência de hostilidades. Assim, mesmo com os armistícios e tratados de cessar fogo, havia tensão e ataques esporádicos.¹¹¹

Para se ter noção da situação complicada com que o conflito pode ser comparado, cita-se a ilustração que Camargo traz em sua obra:

Um homem pula do teto de uma casa em chamas, na qual muitos de sua família já morreram. Consegue salvar-se, mas na queda atinge uma pessoa, quebrando-lhe braços e pernas. Não havia escolha para o que saltou, mas o que ficou ferido culpa o outro por sua desgraça; e este, temendo vingança, surra-o cada vez que o encontra.¹¹²

Em face do escopo atual, ainda poderia ser acrescentado ao final da ilustração: o surrado, de tempos em tempos chama seus parentes e surra aquele que o feriu, em um ciclo de vinganças. Os judeus, em sua situação de apossados pelo antissemitismo, estavam como que no “teto de uma casa em chamas”. Sua opção? Pular para se salvar, caindo na Palestina – atingindo os

¹¹⁰ DOLAN, 1993, p. 191, 245.

¹¹¹ DOLAN, 1993, *passim*.

¹¹² CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 426 *apud* DEUTSCHER, 1970, p. 16.

nativos de lá. Assim, dá-se início ao decurso de vinganças e ataques preventivos, seja por árabes e palestinos, seja por judeus.

É frequente a acusação de que a ocupação israelense roubou terras dos árabes. Dolan explica que não, lembrando que os judeus compraram as terras legalmente quando possível - além de as tomarem na guerra de 1948-1949 e as recolonizarem. Isso, obviamente, gerou revolta nos palestinos que antes as possuíam (esse foi o impacto sofrido pela pessoa atingida no “pulo do telhado”, na ilustração acima). Por um lado, é importante lembrar que os árabes é que declararam guerra contra o recém-criado estado judeu, depois de rejeitarem o plano de divisão da região.¹¹³ Por outro lado, os judeus não são “santos”. Camargo é alguém que afirma que “o terrorismo [...] nunca foi instrumento exclusivo dos árabes e palestinos”,¹¹⁴ assim como Shavit, que traz relatos muito crus de violência e abusos israelenses, sem diferenciar terroristas de civis palestinos, ainda em 1948, e antes.¹¹⁵

Num primeiro momento, e como uma ante conclusão, Shavit afirma que Israel é ao mesmo tempo a única nação do Ocidente que mantém outro povo sob ocupação e intimidação, e cuja existência está ameaçada.¹¹⁶ Dolan confirma, afirmando que é mentiroso negar que os cidadãos árabes que vivem em Israel sofrem qualquer tipo de discriminação da parte dos judeus.¹¹⁷ Tanto a intimidação, quanto a constante ameaça à própria existência, conforme Shavit, são pilares do Israel atual. Isso torna a sua condição peculiar e complexa. Não há resposta simples ao conflito árabe-israelense.¹¹⁸

Passa-se agora à descrição breve dos dois primeiros conflitos maiores que ocorreram na Guerra Árabe-israelense. O primeiro, a Guerra de Independência, constituiu o clímax das hostilidades iniciais entre judeus e palestinos desde a chegada daqueles. O segundo foi a Campanha do Sinai, que aparentemente consolidou o território de Israel e sua posição como Estado independente. Por questões de volume, serão abordados aqui apenas esses dois primeiros conflitos, pois são considerados, para a formação e manutenção do Estado de Israel, os mais importantes: “a vitória decisiva na guerra de 1948 gerou a nação, e a vitória decisiva na campanha do Sinai de 1956 a estabilizou”.¹¹⁹

¹¹³ DOLAN, 1993, p. 243.

¹¹⁴ CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 434.

¹¹⁵ SHAVIT, 2016, p. 122ss.

¹¹⁶ SHAVIT, 2016, p. 14-15.

¹¹⁷ DOLAN, 1993, p. 261.

¹¹⁸ SHAVIT, 2016, p. 14-15.

¹¹⁹ SHAVIT, 2016, p. 187. LORCH, Netanel. *The Arab-Israeli Wars. In. Israel Ministry of Foreign Affairs.* [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

1.3.1 Guerra de Independência (1947-1949)

É importante ter em mente que, cronologicamente, os acontecimentos relatados aqui se deram logo depois e em conexão à Revolta Árabe de 1936. É praticamente impossível ver todos os detalhes e pontos de vista de qualquer situação. É mais difícil ainda ver todos os detalhes de uma situação tão complexa como a que segue. Portanto, é dada aqui apenas uma visão geral.

Foi relatado o surgimento de células terroristas por parte dos palestinos, ao que os judeus responderam com a criação de grupos armados de defesa como a Haganah e o Irgun – que mais tarde se tornariam as forças regulares do Estado de Israel.¹²⁰ Na escalada dos ataques e contra-ataques, o número de vítimas árabes ultrapassou o de judeus em pouco tempo. A diferença principal: as lideranças árabes incentivavam os ataques a civis judeus, ao passo que as lideranças judaicas reprovavam os ataques a civis árabes, que eram feitos normalmente por grupos armados judeus independentes.¹²¹ Isso, obviamente, fez a tensão regional aumentar exponencialmente.

A Grã-Bretanha, que controlava a Palestina antes e durante os anos da Segunda Guerra Mundial, agora era alvo de severa pressão. Por um lado, pressão por parte dos árabes a quem os britânicos estavam comprometidos depois da Revolta de 1936. Aos revoltosos estava prometido que a imigração judaica à região seria controlada, e era o que a Coroa Britânica vinha fazendo durante toda a Segunda Guerra, e continuava após ela. Por outro lado, diversas nações do mundo, inclusive os EUA, criticaram esse posicionamento, chamando-o de desumano, em vista da necessidade de um lugar para que os judeus fossem acolhidos da perseguição na Europa, a qual gerou uma crescente simpatia por eles, afirma Morris. Além do mais, “centenas de milhares de sobreviventes judeus recusaram-se a permanecer em qualquer lugar perto dos campos de extermínio, os países do Oeste europeu e os EUA não queriam os aceitar, e os sionistas os queriam na Palestina.”¹²²

Diante dessa pressão, a Grã-Bretanha decide retirar suas forças da Palestina. Pode ser citada ainda outra fonte de incômodo: a certeza que os britânicos tinham, se não retirassem suas forças logo, de que os judeus dali se revoltariam logo após o fim da Segunda Guerra. Era uma revolta que vinha sendo adiada desde 1939. A ameaça era séria, os judeus estavam armados (com armas roubadas ou compradas ilegalmente) e treinados (pelos próprio Aliados, aos quais

¹²⁰ LAPIDOT, Yehuda. Irgun Tz'va'i Le'umi (Etzel): The Establishment of the Irgun. In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-establishment-of-the-irgun>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹²¹ SHAVIT, 2016, p. 98-99.

¹²² “Hundreds of thousands of Jewish survivors refused to remain anywhere near the killing fields, the Western European countries and the United States were unwilling to take them in, and the Zionists wanted them in Palestine.”. In. MORRIS, 2001, p. 170.

muitos judeus se juntaram para lutar contra o Eixo).¹²³ “Enquanto isso, vários países árabes anunciaram que atacariam e destruiriam o estado judeu no instante em que os ingleses abandonassem a região”.¹²⁴

Além de retirar suas forças da região, por causa das tensões diversas, o Reino Unido passou o encargo da resolução do problema aos EUA. Shavit coloca de uma forma tanto mais pessimista, dizendo que, saturado com o conflito entre árabes e judeus, o governo real britânico abandona tudo aos cuidados da ONU, ao que segue o início da guerra em 1947.¹²⁵ Antes da guerra, no entanto, houve um passo muito importante: o Plano de Partilha proposto pela ONU.

1.3.1.1 Plano de Partilha da ONU em 1947

Assim, foi formado o comitê do qual surgiu a ideia da partilha da Palestina entre judeus e árabes, a qual foi aprovada em uma votação entre os Estados membros da ONU, em 18 de novembro de 1947,¹²⁶ após o presidente Truman ter apoiado o plano em discurso.¹²⁷ É dito que esse plano de partilha foi, de certo modo, uma tentativa da civilização ocidental de remediar sua falta de ação para prevenir ou impedir o massacre dos judeus na Segunda Guerra.¹²⁸ Talvez por essa razão tantas nações prontamente o apoiaram, naquele momento. O Plano propunha que a Palestina fosse dividida entre dois Estados, um árabe e um judeu, com a cidade de Jerusalém sendo um *corpus separatum* (entidade separada) sob governo internacional.

Pelos judeus essa resolução foi vista como base legal para o estabelecimento do Estado de Israel. Para os árabes, foi uma afronta.¹²⁹ Shlaim diz que foi com tristeza que os líderes judeus aceitaram o Plano de Partilha da ONU em 1947, pois, além de não ficarem com Jerusalém e dependerem das fronteiras da ONU, “eles não gostaram da ideia de um estado palestino independente [...]”.¹³⁰ Dolan diz o contrário: os judeus, segundo ele, concordaram e se alegraram com a solução. Já os árabes juraram destruir o estado judeu. É consenso, por sua vez, que houve hostilidades esparsas partindo dos árabes, às quais os judeus, armados, responderam,¹³¹ logo após a votação e aprovação do Plano.¹³²

¹²³ MORRIS, 2001, p. 170, 174, 176.

¹²⁴ DOLAN, 1993, p. 120.

¹²⁵ SHAVIT, 2016, p. 130.

¹²⁶ MORRIS, 2001, p. 176, 186.

¹²⁷ DOLAN, 1993, p. 120.

¹²⁸ MORRIS, 2001, p. 186.

¹²⁹ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *United Nations Resolution 181*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/United-Nations-Resolution-181>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹³⁰ SHLAIM, 2004, p. 65, 69.

¹³¹ DOLAN, 1993, p. 120.

¹³² DOLAN, 1993, p. 120; SHLAIM, 2004, p. 69; ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, [S.l.: s.n.], 2020.

Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/United-Nations-Resolution-181>. Acesso em: 30 mar. 2021.

1.3.1.2 As duas etapas da guerra

Após a assinatura da Resolução de Partilha diversos ataques esparsos a ônibus e lojas, por parte dos árabes, iniciaram as hostilidades do primeiro período do conflito. Este caracterizou-se por ações de guerrilha entre a comunidade judaica e a palestina.¹³³ O segundo período ou etapa do conflito teve como característica uma guerra a nível internacional, envolvendo as forças regulares de algumas nações árabes, e não apenas milícias palestinas (por mais que Lorch divida o conflito em *quatro*, não *duas* fases, a diferença entre a primeira e segunda metades da guerra é notável. Essa última divisão é adotada aqui).¹³⁴

Na comparação de forças da primeira metade do conflito, ao menos teoricamente, a batalha parecia muito desigual. Os palestinos somavam quase o dobro de população que os judeus (1,2-1,3 milhão para 650 mil), além de contarem com o apoio de todas as nações árabes ao seu redor, enquanto os judeus contavam com o restante da Diáspora, muito mais distante, espalhada e impedida de auxiliá-los pelo até então vigente bloqueio britânico. Por sua vez, Israel era superior em organização, união e comando nacional, tendo altíssima sua motivação. A desigualdade se esclarece pelas palavras de Morris: “o confronto em 1947-48 foi entre uma sociedade altamente motivada, literata, organizada e semi-industrial [a judaica], e outra retrógrada, grandemente iliterata, desorganizada e agrícola [a palestina]”.¹³⁵

O auxílio dado pelas nações árabes às milícias palestinas foi menos organizado e bem menos generoso, comparado com aquele dado pela Organização Sionista Mundial, no momento de necessidade dos seus apoiados. Mesmo que a Haganah contasse com povoados muito bem fortificados, até mesmo com cercas de arame farpado e alguns campos minados, seus equipamentos eram precários. Eles não possuíam artilharia, nem tanques de guerra, nem aviões de combate. Em lugar disso, tinham alguns carros blindados improvisados, uns poucos aviões civis e muito pouca munição. Os ataques palestinos não foram uma campanha militar, senão ataques esparsos e independentes a veículos, bairros e agrupamentos judeus, dos quais a Haganah se defendia. A contenda aumentou quando a Haganah, tendo organizado melhor suas forças, partiu para a ofensiva - com contra-ataques propensos a serem desproporcionais aos árabes.¹³⁶

¹³³ MORRIS, 2001, p. 190-191; SHLAIM, 2004, p. 69.

¹³⁴ LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹³⁵ “Facing off in 1947-48 were a highly motivated, literate, organized, semi-industrial society and a backward, largely illiterate, disorganized, agricultural one.”. In. MORRIS, 2001, p. 192.

¹³⁶ MORRIS, 2001, p. 193-194, 196-197, 199, 205, 223.

Ben-Gurion, um judeu nascido na Polônia, era um dos fundadores e membros veteranos dos Amantes de Sião. Ele serviu no exército britânico e desde os primórdios do Sionismo foi um líder influente no movimento. Até sua morte em 1973, Ben-Gurion exerceu papel de profunda influência no Estado israelense. Em 1946, ele assumiu a pasta da defesa da Agência Nacional Judaica, pela qual esteve responsável durante todo o conflito.¹³⁷ Shlaim comenta que, aos olhos de Ben-Gurion, esses ataques iniciais de guerrilheiros árabes foram “meramente um prelúdio de um amplo conflito militar com os exércitos regulares dos estados árabes vizinhos”, o que se provou verdade.¹³⁸ Morris acrescenta que era justamente esse ataque em maior escala o medo de Ben-Gurion, antes das forças de Israel terem sido provadas em combate.¹³⁹

Em janeiro de 1948 foi o ápice da luta: grupos árabes armados passaram a controlar várias estradas palestinas, e árabes sírios atacaram a região da Galileia, no norte. Em março, mais guerrilheiros árabes sírios e iraquianos juntaram-se à luta. No sul, guerrilheiros egípcios atacaram colônias e estradas judaicas na região do Neguebe.¹⁴⁰

No início de Abril de 1948, chegou o primeiro carregamento expressivo de armas (leves, apenas fuzis, metralhadoras e munição) para a Haganah, comprado da Tchecoslováquia. Tal suporte fomentou a mudança da defensiva para a ofensiva Israelense, a qual, bem-organizada e com toda força, desmantelou as formações inimigas. Essa vitória da Haganah foi decisiva na moral das tropas israelenses, que viram e creram no seu potencial e habilidades - algo que uma parcela ínfima dos exércitos árabes possuía.¹⁴¹ Foi nesse ponto, com a virada do combate pela ofensiva israelense, que se deu o fim da primeira e o início da segunda metade dos combates.¹⁴²

“Oficiais do governo, em Washington, pensavam que as chances de sobrevivência do estado judeu, se fosse proclamado, não eram muito boas”.¹⁴³ Mas os judeus queriam pagar para ver. Em 14 de Maio de 1948, houve a Declaração de Independência do Estado de Israel, e a partir de 15 de Maio de 1948, o conflito tomou proporções nacionais.¹⁴⁴ Na noite de 14 de Maio, as forças árabes se preparavam para atacar; no dia seguinte, tal ataque se concretizou, em pelo menos três frentes diferentes e simultâneas: ao oeste, norte e sul.¹⁴⁵ A oposição foi entre “os

¹³⁷ ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. *Zionist Leaders*: David Ben-Gurion 1886-1973. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/MFA/AboutIsrael/History/Zionism/Pages/Zionist%20Leaders-%20David%20Ben-Gurion.aspx>. Acesso em: 31 mar. 2021.

¹³⁸ SHLAIM, 2004, p. 69.

¹³⁹ MORRIS, 2001, p. 189.

¹⁴⁰ DOLAN, 1993, p. 121.

¹⁴¹ MORRIS, 2001, p. 205-223.

¹⁴² LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹⁴³ DOLAN, 1993, p. 122 *apud* LAQUEUR, 1972, p. 585.

¹⁴⁴ MORRIS, 2001, p. 191.

¹⁴⁵ DOLAN, 1993, p. 125, 131.

exércitos da Síria, Jordânia, Egito, Líbano e Iraque, e pequenas forças expedicionárias de um número de outros países árabes, inclusive Iêmen e Arábia Saudita”¹⁴⁶ e a Haganah israelense. Essa, até então paramilitar, fora reformulada e rebatizada de Forças de Defesa de Israel (FDI), nome mantido até hoje.¹⁴⁷

Na comparação de forças da segunda metade da guerra, vê-se que, nesse período, Israel tinha melhor se armado - no entanto, de forma ainda precária. Por exemplo, na sua força aérea, contavam com alguns aviões leves foram armados com metralhadoras e usados como bombardeiros provisórios. Em maio de 1948, tinham à ação quatro caças de origem Tcheca.¹⁴⁸ Pode-se entender que “os israelenses se sentiam fortemente pressionados em todas as frentes da guerra, visto que os exércitos invasores contavam com o apoio de uma força aérea, de artilharia e de tanques de guerra, ao passo que os judeus não dispunham ainda desse armamento” devido ao bloqueio britânico, afirma Dolan.¹⁴⁹

Ambos os lados tendiam a exagerar a força do oponente, e em nenhum momento os árabes mobilizaram todas as suas tropas. Pelo fim de maio de 1948, as tropas árabes somavam cerca de 28 mil, e as forças de Israel, 38 mil. Enquanto Israel já era quase autossuficiente na produção de armamento leve e treinamento de pessoal, além de terem recebido cerca de 129 milhões de dólares em auxílio da comunidade judaica do exterior, os Estados árabes não possuíam fontes alternativas a que recorrer, sendo que seus exércitos passaram, em Julho de 1948, a se defrontar com “severa escassez de armamento, munição e peças sobressalentes”.¹⁵⁰ Nesse período, Israel capturou as cidades de Ramle e Lida, além de novas áreas na região da Galileia. A parte antiga de Jerusalém, no entanto, sob controle árabe, continuou assim.¹⁵¹

Também nesse período, por obra dos próprios judeus, ocorreu o famigerado Massacre de Deir Yassin, onde mais de cem palestinos foram mortos na aldeia com esse nome, por milícias do Irgun e Stern. Esse abuso não foi apoiado pela administração da Agência Judaica, e é tido como uma ação terrorista israelense.¹⁵² No mesmo ensejo, em Lida houve muitas mortes de civis palestinos pelas mãos dos judeus. Shavit descreve o quadro acontecido em Lida de uma forma muito pessoal e crua, baseado em relatos orais dos próprios soldados judeus da época.

¹⁴⁶ “*The armies of Syria, Jordan, Egypt, Lebanon and Iraq, and small expeditionary forces from a number of other Arab countries, including Yemen and Saudi Arabia.*”. In. MORRIS, 2001, p. 191.

¹⁴⁷ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. The Haganah. In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-haganah>. Acesso em: 31 mar. 2021. LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹⁴⁸ MORRIS, 2001, p. 215-216.

¹⁴⁹ DOLAN, 1993, p. 131.

¹⁵⁰ “[...] *severe shortages in weapons, ammunition, and spare parts*”. In. MORRIS, 2001, p. 215-218.

¹⁵¹ DOLAN, 1993, p. 133.

¹⁵² CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 432.

Lá, no massacre, houve como que um extravasar de emoções dos judeus: tanto raiva pelos ataques que vinham sofrendo há anos pelos terroristas palestinos, assim como euforia por perceberem que tinham capacidade militar e moral.¹⁵³ Em julho de 1949, completaram-se os armistícios e o conflito terminou.¹⁵⁴

1.3.1.4 Resultados

O desfecho do conflito foi uma inegável vitória de Israel. Mesmo tendo sofrido sérias baixas, como seria de se esperar, Israel suportou o ataque e parou os avanços inimigos em suas quatro frentes (egípcia, síria, jordaniana e iraquiana). Mais ainda, os judeus partiram para a ofensiva também na segunda parte do conflito, expulsando os invasores e conquistando algum território.¹⁵⁵ No Plano de Partilha, 55% do território da Palestina foi dado a Israel. Por meio da ofensiva na Guerra de Independência, eles passaram a controlar 79% do território.¹⁵⁶

O resultado gerou um impacto no mundo árabe que ressoaria por muito tempo: um estado judeu bem no meio do mundo muçulmano. Para Israel, as vantagens foram maiores que as perdas. À guerra, seguiu-se grande revolução agrária e demográfica que dobrou os assentamentos em cinco anos, assim como impulsionou seu setor industrial.¹⁵⁷ Esses serão abordados mais adiante, ao serem observados os precedentes da Campanha do Sinai de 1956. Shlaim ainda acrescenta que “Israel emergiu da guerra economicamente exaurido, mas com organização e moral elevados, um tremendo senso de realização e uma perspectiva confiante no futuro”.¹⁵⁸

1.3.1.4 Considerações sobre o conflito

Os comentários são, e não é difícil entender o porquê, que o primeiro objetivo da política de relações externas de Israel foi a sobrevivência. Praticamente metade da força israelense nesse período era composta por sobreviventes do Holocausto.¹⁵⁹ Portanto, não é de surpreender a gana de sobrevivência israelense tanto na área política quanto literalmente.

Podendo ser considerado como revisionista, Camargo afirma que esse conflito não foi, como os historiadores israelenses oficiais registraram, “uma luta de Davi contra Goliath”. Na realidade, o que se pôde observar foi um equilíbrio militar na maior parte do conflito.¹⁶⁰ Shlaim

¹⁵³ SHAVIT, 1026, p. 122ss.

¹⁵⁴ DOLAN, 1993, p. 134; LORCH, 2013. Disponível em:

<https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹⁵⁵ MORRIS, 2001, p. 235, 249.

¹⁵⁶ CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 435.

¹⁵⁷ MORRIS, 2001, p. 235, 249.

¹⁵⁸ SHLAIM, 2004, p. 79.

¹⁵⁹ SHLAIM, 2004, p. 73; GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 275.

¹⁶⁰ CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 432.

também contradiz o discurso da esmagadora superioridade numérica dos árabes. Segundo ele, em todas as etapas da guerra, a FDI foi superior aos árabes. Como resultado, a vitória de Israel mostrou o prevaletimento do lado mais forte, e não um milagre.¹⁶¹ Ao que as fontes indicam, de fato Israel vinha se preparando há tempo com medo do conflito, e contou com a ajuda da comunidade judaica mundial.

Ao mesmo tempo, Morris lembra que, diante da possibilidade de o Plano de Partilha ser aprovado, os delegados árabes ameaçaram que qualquer esforço nessa direção levaria à guerra. Ainda em 1946, a Liga Árabe enviou fundos, armamentos e voluntários aos palestinos e, em setembro de 1947, ainda antes da assinatura da resolução, essa mesma Liga estabeleceu o Exército de Libertação Árabe, com palestinos e voluntários árabes. Em novembro, o exército Sírio começou a registrar e treinar voluntários. Mais do que isso, os árabes, além de estarem no controle da maior parte das regiões altas da Palestina - que dão vantagem militar - e terem superioridade em armamentos pesados, tinham do seu lado o elemento surpresa, podendo atacar onde e quando quisessem. Mesmo assim, houve a surpreendente vitória Israelense.

Algumas situações de combate causam ainda mais surpresa, levando em conta esses últimos fatores. Por exemplo, a queda de Haifa para os judeus, em 21 de abril de 1947, conforme relatada por Morris. Mesmo contando com número semelhante de soldados, os árabes, desorganizados, sem união e, sentindo-se fracos, viam as forças judaicas como superiores, agressivas e confiantes. As defesas da cidade caíram tão rapidamente que até os comandantes judeus se surpreenderam. Talvez o sentimento de um dos líderes da Liga Árabe resuma o conflito. Ele afirmou que essa guerra seria de extermínio e massacre momentâneo, como foram os ataques Mongóis e as Cruzadas; para a eliminação do estado judeu, afirmou outro líder. Porém essas afirmações ousadas carregavam profundas dúvidas e divisões entre os Árabes. Para Morris, entre eles não houve concordância sobre os objetivos da guerra, nem unidade no comando militar, nem articulação político-militar.¹⁶²

Essa expectativa e promessa de extermínio aos judeus explícita no discurso de alguns árabes não parou por aí. Justamente esse sentimento foi um dos motivadores dos ataques que, dentre mais fatores, levaram aos combates do próximo conflito do recém-formado Israel: a Campanha do Sinai, em 1956.

¹⁶¹ SHLAIM, 2004, p. 75.

¹⁶² MORRIS, 2001, p. 186-187, 222, 211, 219.

1.3.2 Campanha do Sinai (1956)

A situação de Israel até 1951, como descreve Shavit, é a que segue. Havia cerca de 655 mil residentes e 685 mil imigrantes judeus recém-chegados. Tamanha imigração não ajudou o Estado recém-formado porque, além do mais, após a guerra de 1948, Israel enfrentava severa crise econômica devido ao racionamento imposto em 1949. A inflação batia os 30% e o desemprego os 14%. Em 1954, recebendo reparações da Alemanha e vendendo debêntures para os judeus americanos, além de medidas internas tomadas em 1952, a situação reverteu-se. Surpreendente como em 2-3 anos, Israel passou a ter uma taxa de crescimento anual de mais de 10%, e de 1950 a 1959 o PIB israelense cresceu 165%.¹⁶³ Ou seja: Israel era uma potência em ascensão.

Do ponto de vista estratégico, por sua vez, Israel estava em uma posição muito complicada. Cercada de inimigos por todos os lados e com todas as suas cidades dentro do alcance da artilharia inimiga, e com um território tão estreito que poderia ser cortado no meio por um avanço blindado decidido. O sentimento era de vulnerabilidade e todo o período de 1949 a 1956 foi de não aparente, mas incessante conflito entre Israel e árabes. Durante essa época, o governo de Israel estava engajado em receber e acolher tantos imigrantes judeus quanto fosse possível. Nas tentativas de negociação entre árabes e Israel, o público israelense não aceitava as demandas árabes, que eram ceder os territórios tomados na guerra e receber de volta os refugiados palestinos.¹⁶⁴

Para os países árabes, as consequências da derrota para Israel em 1948 foram sentidas de maneira abrupta na política, em especial na Síria e no Egito, onde houve golpes de estado e sequente instaurações de regimes militares nacionalistas, em 1949 e 1952, respectivamente. No Egito, destaca-se a figura do coronel Gamal Abdel Nasser, que assumiu o governo e passou a agir como incitador do panarabismo.¹⁶⁵ Nasser tinha tendências marxistas e relações com a União Soviética, que o estava armando, enquanto na época Israel mantinha relações amigáveis com o bloco ocidental.¹⁶⁶ Esse tratado com a União Soviética para fornecimento de armamentos faria a balança pender drasticamente para seu lado.¹⁶⁷ Ao mesmo tempo, assinou um tratado militar com a Síria e anunciava em seus discursos que seria o líder da nova tentativa de

¹⁶³ SHAVIT, 2016, p. 175-176.

¹⁶⁴ MORRIS, 2001, p. 259-269.

¹⁶⁵ CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 435-436.

¹⁶⁶ DOLAN, 1993, p. 140-141.

¹⁶⁷ MORRIS, 2001, p. 284.

exterminar com os judeus.¹⁶⁸ Ben-Gurion não duvidava de que, assim que se achasse devidamente preparado, Nasser destruiria o Estado de Israel.¹⁶⁹

Nasser bloqueou a saída de Israel ao mar Vermelho em 1954 e no canal de Suez, impedindo suas exportações que passavam por ali para o hemisfério sul e Mediterrâneo.¹⁷⁰ Camargo comenta que, motivados pela ideia de “empurrar os judeus para o mar”, esse bloqueio da saída ao mar fez parte do boicote econômico quase total que os árabes impuseram a Israel.¹⁷¹

Uma das ações notáveis e determinantes ao conflito por parte de Nasser foi forçar, diplomaticamente, a Grã-Bretanha a retirar sua força militar do canal de Suez em junho de 1956, de acordo com Morris. Por meio de tentativas de levar o Egito à guerra com as potências ocidentais, Israel ordenou operações secretas que foram rechaçadas pelo Egito, os agentes mortos e os ânimos sobrecarregados. O Egito não ficava para trás, enviando pequenos grupos de agentes que espionavam e atacavam israelenses, em especial civis, às quais Israel respondia militarmente.¹⁷² As tensões obviamente aumentaram a partir desses ataques.¹⁷³ Shlaim acrescenta que os conflitos sangrentos ao longo da fronteira com a faixa de Gaza (controlada pelo Egito) foram entendidos como aumento da beligerância egípcia e, conseqüentemente, da fragilização da segurança de Israel.¹⁷⁴

1.3.2.1 Agressões nas fronteiras e ameaças nos discursos árabes

Os atritos mais perceptíveis eram nas fronteiras, com tentativas de palestinos e árabes se infiltrarem no território israelense. Os principais responsáveis pelos ataques terroristas eram os chamados Fedayin. Os *Fedayin* (“guerreiros da liberdade” ou “mártires”) surgiram como fruto do *Al Nakhba* (“o desastre”), como era chamada a derrota palestina na guerra de 1948. Eram normalmente jovens com sede de vingança. Seus ataques eram voltados a veículos, fazendas e moradias israelenses.¹⁷⁵ Nasser já havia afirmado em 1955 que o Egito enviaria os Fedayin, chamados por ele de “seus heróis [do Egito], discípulos de Faraó e filhos do Islã” para purificarem a terra da Palestina, alcançando sua vingança com a morte de Israel.¹⁷⁶

¹⁶⁸ DOLAN, 1993, p. 140-141.

¹⁶⁹ SHLAIM, 2004, p. 204.

¹⁷⁰ DOLAN, 1993, p. 140-141.

¹⁷¹ CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 436; MORRIS, 2001, p. 269.

¹⁷² MORRIS, 2001, p. 281-283.

¹⁷³ DOLAN, 1993, p. 140-141.

¹⁷⁴ SHLAIM, 2004, p. 176.

¹⁷⁵ ROBERT, Johnson (et al.). **Para ganhar a guerra**: as 25 melhores táticas de todos os tempos. Traduzido por Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 233.

¹⁷⁶ “[...] her heroes, the disciples of Pharaoh and the sons of Islam”. In. BARD, Mitchell. *Myths and Facts*: a guide to the Arab-israeli conflict. Chevy Chase: American-Israeli Cooperative Enterprise, 2017, p. 45.

Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsourc/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

Com o passar do tempo, as reações israelenses às infiltrações foram aumentando. Qualquer pessoa que cruzasse a fronteira em direção a Israel era alvo de atiradores militares. Minas terrestres e armadilhas com explosivos se tornaram práticas muito usadas, sendo constantes as vítimas árabes, e crescentes as críticas à super-reação de Israel, conforme Morris relata.¹⁷⁷

Na virada de 1955-56 as infiltrações egípcias cessaram, mas eles passaram a atirar através da fronteira em posições israelenses o tempo todo, além de emboscarem patrulhas israelenses. A isso, Moshe Dayan (então Chefe do Estado Maior Israelense)¹⁷⁸ respondeu com um ataque em raiva, que matou civis também, e foi repreendido depois. Mais além, não são poucos os comentários sobre as expulsões de muitos palestinos supostamente infiltrados, e do tratamento cruel dispensado a eles pelos judeus. Isso tudo, como pode-se imaginar, deixou “todo o Neguebe (a então fronteira entre Israel e Egito) em um estado de tensão, prontidão e pânico”.¹⁷⁹

Os ataques, seja pelos Fedayin, seja por forças egípcias, seja em boicotes econômicos, foram todos acompanhados constantemente por afirmações de ódio e promessas de extermínio por parte dos líderes árabes, mas em especial por Nasser. Esses líderes e sua mídia falavam constantemente em uma revanche, um segundo round da guerra de 1948 e, obviamente, enfatizavam seu desejo de exterminar qualquer resquício de sionismo. O teor de tais discursos era tão sério que o primeiro-ministro britânico, em reação às falas de Nasser e à nacionalização do Canal, afirmou que ele era um Hitler renascido, e suas agressões deviam parar.¹⁸⁰

Em 1954, o Ministro de Relações exteriores do Egito declarou, sem melindres: “Nós [o povo árabe] não nos satisfaremos a não ser pela obliteração final de Israel do mapa do Oriente Médio”.¹⁸¹ Levando em conta a tensão fronteira e esses discursos de ameaça, entre 1955-56 não se via mais a paz como alternativa. A questão era iniciar logo a guerra, ou primeiro tentar todos os caminhos diplomáticos.¹⁸²

¹⁷⁷ MORRIS, 2001, p. 269-273.

¹⁷⁸ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. Moshe Dayan (1915-1981). In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase, [20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/moshe-dayan>. Acesso em: 31 mar. 2021.

¹⁷⁹ “*The whole of the Neguev in a state of tension, readiness and panic.*”. In. MORRIS, 2001, p. 287, 273.

¹⁸⁰ MORRIS, 2001, p. 261, 296.

¹⁸¹ “*We shall not be satisfied except by the final obliteration of Israel from the map of the Middle East.*”. In. BARD, 2017, p. 45. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsourc/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

¹⁸² SHLAIM, 2004, p. 204.

1.3.2.2 *Objetivos da Campanha*

As infiltrações seguiram, bem como as retaliações, que eram cada vez mais parecidas com operações militares. Seu objetivo era treinar as tropas de Israel e elevar sua moral, além de provocar outro conflito de modo a completar a conquista do território.¹⁸³ Era um objetivo explícito de Dayan, que tinha um posicionamento nitidamente belicoso. Para ele, um segundo turno da guerra de 1948 estava apenas sendo prorrogado, mas era inevitável, e Israel devia se preparar para tanto. Ele desejava forçar, para logo, o confronto com o Egito, antes que esse tivesse a dianteira em armamentos. Como tentativa disso, e para preparar as forças de Israel para o confronto, eram feitas as represálias aos ataques de fronteira.¹⁸⁴ Camargo também confirma isso: Israel como um todo cria que outra guerra só era questão de tempo.¹⁸⁵ Portanto, um dos objetivos da guerra era parar com os ataques de fronteira feitos pelo Egito e pelos Fedayin.

Como líder muçulmano e árabe, Nasser era quem apoiava política e militarmente os rebeldes na Argélia. Isso já fazia dele um inimigo da França, mas a nacionalização do Canal de Suez foi a gota d'água, atraindo a raiva da França e da Grã-Bretanha. Uma vez que o Egito se armava com a URSS, Israel partiu em busca de um fornecedor que os equipasse e igualasse as chances.¹⁸⁶ Na recusa americana, a França forneceu cerca de 72 aviões de caça e 200 tanques a Israel. Além do mais, a França queria atacar o Egito pelo apoio de Nasser aos guerrilheiros argelinos, que haviam se revoltado contra o controle francês na Argélia.¹⁸⁷ Shlaim concorda que os armamentos, mas em especial o inimigo egípcio em comum aproximou muito Israel da França.¹⁸⁸ Essa aproximação e busca por armamento foi, então, objetivando neutralizar a ameaça egípcia, uma vez que eles prometiam atacar Israel e se armavam fortemente para fazê-lo.

Por fim, outro objetivo fora tomar de volta o canal de Suez e a saída para o mar, ao sul, de forma a recuperar o livre trânsito de embarcações e o fluxo comercial israelense ao mundo.¹⁸⁹

1.3.2.3 *Ação: a Campanha em si*

O plano era que a França e a Grã-Bretanha atacariam e retomariam o controle do canal de Suez, restabelecendo suas bases militares lá, enquanto Israel destruiria as bases Fedayin e o

¹⁸³ MORRIS, 2001, p. 276-277.

¹⁸⁴ SHLAIM, 2004, p. 192, 194.

¹⁸⁵ CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 436.

¹⁸⁶ MORRIS, 2001, p. 284-185, 288.

¹⁸⁷ CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 437.

¹⁸⁸ SHLAIM, 2004, p. 213.

¹⁸⁹ DOLAN, 1993, p. 140-142.

exército egípcio na faixa de Gaza e Sinai.¹⁹⁰ De forma muito direta, e uma vez que foi uma Campanha quase que relâmpago, pode-se dizer que o ataque coordenado às posições egípcias aconteceu em 29/10/1956, e elas caíram muito rapidamente.¹⁹¹

Israel fintou que o ataque seria à Jordânia, não ao Egito - inclusive anunciando à sua própria população uma mobilização geral das reservas, pois supostas forças iraquianas estavam se movimentando na Jordânia. Seguindo à risca o planejado, Israel se valeu completamente do elemento surpresa, uma vez que o Egito não esperava tamanho ataque e tão rápido na península do Sinai - muito menos um ataque anglo-francês ao canal, logo depois. Morris relata que os egípcios, que estavam entrincheirados e sofreram os ataques israelenses no Sinai, o fizeram de forma completamente passiva, sem esboçar nenhuma iniciativa. Os batalhões lutaram sozinhos, sem coesão geral e com pouco apoio de artilharia, o que seria vital. Eles apenas ofereciam resistência nas suas fortificações até que as FDI os flanqueavam e venciam. O comando em Cairo até enviou três brigadas para reforçar as defesas, a força aérea israelense auxiliada pela francesa dominava os céus, e infligiu muitas baixas às colunas que avançavam. Os caças aliados haviam tirado quase toda a força aérea egípcia de combate muito rapidamente. Logo a ordem às forças egípcias foi de retirarem-se de volta, através do canal. Justamente esse auxílio franco-britânico é que foi visto como decisivo, por Morris. A resposta egípcia aos ataques foi confusa e inefetiva.

A defesa da faixa de Gaza foi deixada a encargo de uma divisão palestina, também sob comando egípcio, e da mesma forma desorientada e desmoralizada. Suas ordens foram de atrasar ao máximo o avanço israelense; mas, em face do ataque, a maioria dos soldados fugiu. A força aérea israelense teve supremacia em toda a campanha, exercendo importantíssimo papel de apoio à tropa em terra - enquanto as missões do mesmo teor pelo egípcio foram em grande parte inefetivas.

É intrigante como se deu a batalha mais sangrenta da guerra se deu no Estreito de Mitla. Havia sido ordenada que fosse feita uma pequena patrulha de reconhecimento israelense às defesas egípcias ali. Em vez disso, o comandante paraquedista Ariel Sharon (que mais tarde se tornaria primeiro-ministro) atacou com um batalhão inteiro (cerca de 600 homens). Os Egípcios estavam entrincheirados e posicionados nos dois lados do desfiladeiro, contando com apoio de morteiros de 120mm, armas antitanque e lança-rojão e ataques de caças. O resultado? “Os

¹⁹⁰ MORRIS, 2001, p. 289.

¹⁹¹ DOLAN, 1993, p. 141.

paraquedistas israelenses tomaram as posições egípcias uma por uma”. 38 mortos e 120 feridos israelenses, 200 mortos egípcios.¹⁹² Resultado, sem dúvida, nada lógico.

1.3.2.4 Resultados

O fim do conflito deu-se devido às tensões da Guerra Fria e ameaças da URSS para que se atendessem à resolução de cessar fogo da ONU. As forças israelenses retiraram-se e devolveram os territórios conquistados, em 1957.¹⁹³ Após o fim da campanha, os blocos Americano e Soviético pressionaram Israel para que retirasse suas tropas do Sinai e da Faixa de Gaza.¹⁹⁴ Mais que apenas pressionar, o governo soviético ameaçou os israelenses: Nikolai Bulganin, premier soviético, em correspondências à França, Grã-Bretanha e Israel prometeu ataques com foguetes contra esse último, e reforços para o exército egípcio por conta da Campanha do Sinai.¹⁹⁵ Interessante notar a contradição da atitude soviética. Em primeiro lugar, o Egito podia bloquear as saídas de Israel para o mar, e ameaçar destruí-los, mas Israel não pôde abrir caminho para fora do bloqueio sem receber ameaças soviéticas. Em segundo lugar, o bloco soviético ameaçou Israel por causa de sua invasão ao Egito, ao mesmo tempo que as tropas soviéticas invadiam a Hungria,¹⁹⁶ em 4 de novembro de 1956, por ocasião da Revolução naquele país.¹⁹⁷

Como balanço total, do lado de Israel foram cerca de 190 mortos, 20 capturados e 800 feridos. Do lado egípcio, houve muitos milhares de mortos e muita perda de equipamento, além de cerca de 4 mil capturados por Israel. Essa campanha significou a redução drástica das tensões fronteiriças entre Israel e Egito e Israel e Jordânia.¹⁹⁸

De forma estritamente militar, a Campanha teve três objetivos, os quais foram plenamente atingidos. Primeiro: o exército egípcio foi completamente derrotado - só não destruído porque recuou em tempo. Segundo: a navegação israelense não foi mais barrada no mar Vermelho. Por fim, as bases Fedayin em Gaza foram destruídas e seus ataques a partir dali cessaram. No entanto, no campo governamental, Nasser saiu como derrotado militarmente, mas grande vitorioso político, mostrando que Israel era expansionista e “uma cabeça de ponte do

¹⁹² “[...] the Israeli paratroop took one Egyptian position after another.”. In. MORRIS, 2001, p. 290-296.

¹⁹³ DOLAN, 1993, p. 140-142.

¹⁹⁴ SHLAIM, 2004, p. 232.

¹⁹⁵ SHLAIM, 2004, p. 232; CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 438.

¹⁹⁶ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. The Sinai-Suez Campaign: Background & Overview. In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase, [20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/background-and-overview-sinai-suez-campaign>. Acesso em: 19 mar. 2021.

¹⁹⁷ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Hungarian Revolution*. [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Hungarian-Revolution-1956>. Acesso em: 19 mar. 2021.

¹⁹⁸ MORRIS, 2001, p. 296, 301.

imperialismo ocidental no mundo árabe”.¹⁹⁹ Camargo reitera que os resultados militares foram atingidos, os resultados políticos falidos e o sionismo associado ao imperialismo anglo-francês.²⁰⁰

Israel até tentou negociar a paz, mas Nasser negou.²⁰¹ Camargo ainda acrescenta que, grandemente prestigiado, Nasser avultou como líder panárabe apto a enfrentar Israel.²⁰² Morris corrobora que, sem parar após a Campanha, já em 1956, Nasser constantemente citava a necessidade de destruir Israel, assim como os demais líderes árabes, que falavam da necessidade de um terceiro round da guerra. Para Morris, “se a destruição de Israel não foi uma política árabe antes, depois de 1956 ela muito certamente foi”.²⁰³

Os objetivos foram alcançados. Israel tinha, pelo menos, feito ouvir sua necessidade quanto ao bloqueio marítimo e comercial e mostrado que era capaz militarmente. Porém, o conflito, no escopo geral, estava longe de terminar. Os ataques Fedayin cessaram, mas alguns anos depois surgiram outras ações semelhantes – inclusive pelo grupo que viria a formar a Organização pela Libertação da Palestina (OLP), ativa até hoje.²⁰⁴ Por ora, no entanto, é suficiente o relato até aqui.

Como já se afirmou acima, “a vitória decisiva na guerra de 1948 gerou a nação, e a vitória decisiva na campanha do Sinai de 1956 a estabilizou”.²⁰⁵ Mesmo que tenha sido um conflito que durou apenas cerca de 100 horas, ele foi muito importante para a consolidação de Israel como Estado independente e autônomo.²⁰⁶

¹⁹⁹ SHLAIM, 2004, p. 234-235.

²⁰⁰ CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 438.

²⁰¹ BARD, 2017, p. 47. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsourc/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

²⁰² CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 438.

²⁰³ “*If the destruction of Israel was not an Arab policy before, after 1956 it most certainly was.*”. In. MORRIS, 2001, p. 298, 301.

²⁰⁴ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE, [20-?]. Disponível em:

<https://www.jewishvirtuallibrary.org/background-and-overview-sinai-suez-campaign>. Acesso em: 19 mar. 2021.

²⁰⁵ SHAVIT, 2016, p. 187.

²⁰⁶ LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

2 PROFECIAS SOBRE A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL

Serão analisadas agora opiniões de estudiosos acerca de três profecias que aparentemente preveem uma reunião do povo de Israel à sua terra, desde todas as nações para onde foram espalhados. Essas profecias também se referem a um possível cuidado constante de Deus sobre Seu povo. As profecias são: Amós 9.8-15, Ezequiel 36.19-30 e Zacarias 8.1-8. Foram selecionados esses profetas devido ao período em que profetizaram: um o fez antes do Exílio Babilônico, outro o fez durante e o outro depois. Isso pode ajudar a entender se as profecias são referentes apenas ao retorno dos cativos da Babilônia ou se é esperado algo depois daquele período.

No estudo, serão destacados os profetas autores, a data, o auditório e a mensagem principal de seus ministérios. Após isso, o foco será voltado à perícopes em que se encontram as referidas profecias, seus aspectos e contexto, além de observações sobre as passagens específicas. Quanto à população israelita, será referida aqui como povo de Israel ou povo de Deus, uma vez que são descendentes de Jacó, também chamado de Israel, independentemente da divisão política entre reino do Norte (Israel) e reino do Sul (Judá), que ocorreu depois.

2.1 Amós 9.8-15: o peneiramento e a reconstrução

2.1.1 O autor

Garland descreve Amós como pertencente, provavelmente, das classes pobres de Judá que também sofriam as dificuldades infligidas pelos mais ricos, assim como ocorria em Israel.²⁰⁷ Hubbard concorda e bem observa que, pelas próprias referências do livro, parece que Amós era natural de Judá, da região de Tecoa. Isso é importante para compreender que Amós era de origem rural: um pastor de ovelhas e cuidador de sicômoros. Isso, por sua vez, vale ser explicado: há grande probabilidade de Amós ter sido um criador de ovelhas, que administrava rebanhos, não apenas um peão, como afirma Hubbard. O conhecimento dos eventos internacionais, da história dos patriarcas, as observações detalhadas do povo e do uso feito por Amós de muitos estilos literários no seu livro também parece confirmar que ele era mais que um simples pastor.²⁰⁸ Silva acrescenta que por causa da compra e venda de gado e do cuidado necessário às plantações de sicômoro (que ficavam na região do Mar Morto), provavelmente Amós viajava bastante e tinha contato com muitas realidades e pessoas de origens diferentes.²⁰⁹ Crabtree vê a relação entre a ocupação e o livro de Amós: mesmo sendo homem do campo, ele não foi rústico e despreparado literariamente, como se poderia imaginar. Pelo contrário, as suas

²⁰⁷ GARLAND, D. David. *Amos: a study guide*. Michigan: Zondervan, 1973, p. 13.

²⁰⁸ HUBBARD, David A. *Joel e Amós: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 103-105.

²⁰⁹ SILVA, Aldina da. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 18.

mensagens, que têm um “estilo rico, poderoso e fulgurante”, mostram que o profeta tinha dons notáveis e desenvolvidos de fala e escrita.²¹⁰

2.1.2 Data

Quanto ao período e duração do seu ministério há pouca discordância. Com base no contexto dado pelo próprio profeta no início do livro, Pusey entende que Amós profetizou entre 809 e 783 a.C.²¹¹ Motyer sintetiza afirmando que foi no período do rei Uzias de Judá e Jeroboão II de Israel, portanto entre 790 e 740 a.C.²¹² Garland, dentro desse período, sugere o intervalo de 765-750 a.C., pois aí haveria tempo para Israel chegar à fartura e prosperidade relatada pelo profeta, mas ainda não teria se dado o tempo de anarquia após Jeroboão II, já que Amós não cita isso.²¹³ Assim, parece que a informação de Garland sintetiza melhor todas as outras. Tendo seu ministério acontecido nesse intervalo, a composição do livro, para Hubbard, foi no final do reinado de Jeroboão II (793-753 a.C.).²¹⁴

2.1.3 Mensagem e auditório

A atenção volta-se agora ao cerne da mensagem de Amós, a que auditório ela foi direcionada e qual a situação deste. Amós era de Judá, reino sul, mas profetizou no Reino do Norte, Israel.²¹⁵ Motyer constata que “exploração e lucro” são os aspectos mais chamativos da sociedade de Amós, além da religiosidade vazia, semelhante ao culto falso que Jeroboão I instalara muito tempo antes (cf. 1 Rs 12). Agora, nos dias de Amós, Jeroboão II mostrara-se habilidoso em retomar o território da época de Salomão, com suas rotas comerciais. Aliás, ele foi o único a fazer isso desde Salomão. O controle das rotas comerciais²¹⁶ e o enfraquecimento das nações inimigas permitiram a Israel uma expansão econômica sem precedentes.²¹⁷ Garland coloca o texto de Amós 1.2 como sumário da mensagem do profeta: “O SENHOR ruge de Sião”, anunciando o julgamento aos abusos do povo, decorrentes desse enriquecimento.²¹⁸ O julgamento foi voltado aos aspectos social e religioso, elenca Hubbard. Social, pois havia abusos de poder por parte das lideranças, que estavam ricas e poderosas, sobre os demais. Estes eram oprimidos e tinham bens e terras confiscados. A crise social era reflexo direto da crise religiosa: foi dada abertura para o paganismo e este corrompeu o culto a Deus, assim como a

²¹⁰ CRABTREE, A. R. *O livro de Amós*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960, p. 11.

²¹¹ PUSEY, E. B. *The minor prophets: a commentary*. Michigan: Baker Book House, 1963, v. 1, p. 225.

²¹² MOTYER, J. A. *A mensagem de Amós*. Traduzido por Yolanda MirDSA Krievin. 2.ed. São Paulo: ABU, 1991, p. 2.

²¹³ GARLAND, 1973, p. 14.

²¹⁴ HUBBARD, 1996, p. 101.

²¹⁵ HUBBARD, 1996, p. 122; SILVA, 1990, p. 15.

²¹⁶ MOTYER, 1991, p. 1, 3.

²¹⁷ GARLAND, 1973, p. 15; SILVA, 1990, p. 15.

²¹⁸ GARLAND, 1973, p. 18.

prática da Lei.²¹⁹ Crabtree diz que a prosperidade israelita, além da arrogância, “multiplicou as injustiças sociais [e] corrompeu os tribunais de justiça [...]”. Enquanto isso, no campo religioso, os israelitas mantinham as tradições e cerimônias rigorosamente nos santuários, julgando que Deus se agradava disso e, à semelhança de Baal, não se importava com a conduta diária do povo.²²⁰ Muito pelo contrário: Amós foi chamado para anunciar ao povo o “não” de Deus, ameaçador como um rugido de leão.

Ameaçador porque, da parte do Senhor, as denúncias foram seguidas de anúncios de juízo vindouro. Esse juízo aconteceria no chamado Dia do Senhor. Niewöhner afirma que era grande a expectativa por esse dia, quando a vitória sobre todos os inimigos seria trazida. Ela acrescenta que Amós, ainda que não tenha cunhado o termo, foi o primeiro a empregá-lo.²²¹ Reimer, por sua vez, marca o profeta como um importante divisor de águas. Ele menciona que a profecia de Amós teria invertido a expectativa pelo Dia do Senhor. Normalmente, a promessa desse Dia era consolo e segurança para o povo de Israel. Amós, no entanto, o retrata como o Senhor vindo para uma guerra santa contra Seu próprio povo afundado em pecado.²²² Sim, o julgamento era iminente. Mesmo assim, é muito importante observar que a profecia de Amós aponta para a “esperança além do juízo, ou melhor, através do juízo”, como fez Hubbard. As ações divinas registradas por Amós refletem ao mesmo tempo o juízo soberano de Deus e sua compassividade majestosa.²²³

2.1.4 Amós 9.8-15: contexto imediato e interpretações

Passa-se agora à análise do trecho de Amós 9.8-15 e de seu contexto imediato. Para fazer isso, será adaptada aqui a divisão da passagem em aspectos gerais, proposta por Motyer.²²⁴ Nessa linha de pensamento, o texto trata: da manutenção da descendência de Jacó (v.8), do peneiramento dessa descendência entre as nações (v. 9-10), do futuro rei (v. 11), das demais nações (v. 12), da terra e povo (v. 13-14) e do país de Israel (v. 15).

²¹⁹ HUBBARD, 1996, p. 122.

²²⁰ CRABTREE, 1960, p. 25-26.

²²¹ NIEWÖHNER, Stéfani. **O dia de Javé: origem e desenvolvimento do conceito na profecia clássica veterotestamentária, especialmente no profeta Sofonias**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2016. 131 p.

Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/694/1/niew%3%b6hner_s_tm319.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021, p. 40; GHELLI, Leônidas Ramos. **A influência da apocalíptica na formação tardia dos livros de Oséias e Amós**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2013, p. 50. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/427/1/ghelli_lr_tmp302.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.

²²² REIMER, Haroldo. *Amós, un profeta de juicio y justicia*. **RIBLA**, n. 35-36. Quito: [S.n.], 200?, p. 154-169.

Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/35-36.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021, p. 167.

²²³ HUBBARD, 1996, p. 99, 100.

²²⁴ MOTYER, 1991, p. 193.

2.1.4.1 Contexto da passagem

Como afirmado acima, Amós profetizou juízo divino iminente, ameaçador e infalível. No entanto, a passagem do capítulo 9, último do livro, é de promessas de restauração e cuidado de Deus à nação de Israel. É uma profecia distinta de todo o restante do livro, principalmente porque usa uma linguagem de bênção, não de juízo. Hubbard comenta que a passagem oferece a esperança para depois do julgamento, apontando à constância de Deus em manter a aliança com Seu povo, mesmo esse sendo julgado - sendo um dos temas principais de Amós o relacionamento de pacto divino com Israel. Na análise de Hubbard, a mudança do versículo 10 para o 11 “é a mais abrupta e surpreendente de todo o livro”, pois aí inicia-se a promessa de reconstrução e glória, em contraste com o juízo apresentado até então. A importância da passagem é tamanha que Brueggemann inclusive cogita a possibilidade de estar aí o cerne de todo livro e da pregação de Amós, reforçando a fidelidade de Deus com o futuro de Israel.²²⁵

Essa mudança repentina de assunto poderia levar a pensar que há uma contradição entre o trecho e o restante do livro. Crabtree nega isso veementemente. A lógica, segundo ele, é que “depois de destruir o reino pecador, o Senhor estabelecerá o reino novo, genuíno e fiel”. Esse reino novo seria constituído dos israelitas, fosse do Norte ou Sul, que permanecessem firmes com Javé nos sofrimentos anunciados.²²⁶ Garland concorda que, olhando para o livro todo, o futuro da nação de Israel estava praticamente sem esperança, mas isso não significava que Deus não tinha mais propósito algum para com eles. Por mais que a nação como um todo tivesse falhado, Deus manteria o remanescente para cumprir Seu plano (Am 9.8). Por sua vez, não é difícil entender a desesperança dos ouvintes.²²⁷

Pusey aponta que é provável que Amós tenha sido enviado para profetizar no meio de um grande festival religioso em Betel de Judá, no qual o rei Jeroboão estaria consagrando o altar de Deus de forma profana, desagradando ao Senhor.²²⁸ Por isso, no início do cap. 9, Deus é visto pelo profeta ao lado do altar, ordenando a total destruição do templo e do povo (9.1-4).²²⁹ Motyer diz que, nessa visão, Amós vê Deus como O Agente principal e responsável por todos os acontecimentos. Essa visão de Deus em pé junto ao altar (9.1) é a resposta divina ao desrespeito humano. De fato, conforme 1 Reis 13.1, Jeroboão I perpetrara muita idolatria, e ele mesmo fora encontrado junto ao altar para queimar incenso.²³⁰ O rei Uzias tentou fazer o

²²⁵ HUBBARD, 1996, p. 118, 129, 264; MOTYER, 1991, p. 187; BRUEGGEMANN, 1969, p. 399. *In*. HUBBARD, 1996, p. 265.

²²⁶ CRABTREE, 1960, p. 180-181.

²²⁷ GARLAND, 1973, p. 91, 92.

²²⁸ PUSEY, 1963, p. 226.

²²⁹ GARLAND, 1973, p. 91, 92.

²³⁰ MOTYER, 1991, p. 187.

mesmo, o que é registrado em 2 Crônicas 26.16-23.²³¹ Agora, no entanto, Deus mostra que é Ele próprio quem toma o seu lugar de direito junto ao altar e pune os que o profanaram.²³²

Diante de tamanha afronta ao Deus Todo-Poderoso, é indubitável que o julgamento virá. Todo o livro aponta para isso. Ainda assim, para além do julgamento, há um lampejo de esperança, de uma era de prosperidade, paz e segurança.²³³ Esta era, que seria cumprida no vindouro Dia do Senhor, é definida por Zabatiero como um lugar ou situação ideal em que as normas e instituições políticas em vigor estejam altamente aperfeiçoadas²³⁴, provavelmente no futuro reino do Messias, em completa ausência de pecado.²³⁵ Ora, até esse momento chegar, o povo israelita não foi abandonado à própria sorte, nem completamente apagado. Lasor retoricamente pergunta se não faz todo sentido que Deus restaure Seu povo após puni-lo, visto que Amós baseava sua profecia na aliança de Deus e no não cumprimento dela pelo povo como motivo da punição. Aliás, como poderia o Senhor cumprir Suas alianças com Abraão e Davi se destruísse completamente a Israel?²³⁶ “O Deus imutável não pode destruir completamente o seu povo escolhido, e assim abolir o seu eterno propósito de estabelecer o seu reino na vida dos homens”, afirma Crabtree.²³⁷ Deus os cuidaria. Isso posto, pode-se passar à análise um pouco mais de perto do que Amós afirma sobre esse cuidado prometido por Deus.

2.1.4.2 A descendência de Jacó é mantida (v. 8)

Àqueles que porventura afirmem que no livro de Amós é registrado o rompimento da aliança divina com Israel, Motyer responde caracterizando a aliança como eterna. Esse é o ponto de vista divino: o Senhor prometeu livrar e guardar um povo, por Sua soberania. Do ponto de vista humano, a aliança é condicional: ela está em vigor enquanto se é fiel a Deus. Dessa forma, a aliança não está sendo revogada por Deus, mas já foi negligenciada por Israel e as consequências eram agora impostas.²³⁸

Pusey nota aqui uma diferença entre o reino de Israel e a casa de Israel (ou de Jacó). O primeiro, pecaminoso, seria alvo da destruição divina. A segunda, mesmo que fazendo parte do reino pecaminoso de Israel, seria mantida como um remanescente, formado por aqueles que se

²³¹ FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Traduzido por Luiz A. Caruso. Miami: Vida, 1988, p. 85.

²³² MOTYER, 1991, p. 187-188.

²³³ BOICE, James Montgomery. *The minor prophets*. Grand Rapids: Kregel, 1986, v. 1, p. 180.

²³⁴ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Amós e a missão da igreja brasileira na atualidade. **Boletim Teológico**, v. 5, n. 5. São Paulo: FTL, 1985, p. 47-108. Disponível em: <http://www.repci.co/repositorio/handle/123456789/336>. Acesso em: 21 abr. 2021, p. 76.

²³⁵ MOTYER, 1991, p. 195ss.

²³⁶ LASOR, William S.; et. al. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 269.

²³⁷ CRABTREE, 1960, p. 181.

²³⁸ MOTYER, 1991, p. 8.

mantiveram fiéis ao Senhor.²³⁹ Zabatiero reforça essa guarda do remanescente não por qualquer obra que eles realizassem, mas pela obra salvífica de Javé. Além disso, ele acrescenta que esse remanescente é “a semente de uma nova era da existência para o povo de Deus”. O autor ainda cita os textos de Gênesis 7.23, Deuteronômio 30 e 1 Reis 19.18 como outras menções do remanescente, todas as vezes mantido pelo mesmo motivo.²⁴⁰ Niewöhner também comenta que não é raro ver na Bíblia a permanência de um grupo remanescente após uma catástrofe, o qual dá seguimento ao povo de Deus, como Ló e sua família (Gn 19), e Jacó que divide sua família e bens em duas partes para precaver sua destruição total (Gn 32.9).²⁴¹ Assim, é negada a destruição completa de Israel, tendo em vista o plano divino em relação a eles.

2.1.4.3 Peneiramento de Israel entre as nações (v. 9-10)

Feinberg, depois de apontar para o fato de que Deus promete destruir para sempre o Reino do Norte, mas não a descendência de Jacó, fala do peneiramento desta. Os descendentes de Jacó serão “peneirados”, ou seja, mudados de um lugar para outro entre as nações como o trigo numa peneira, de acordo com o autor.²⁴² Há quem afirme, como Wiersbe, que o peneiramento seria dos povos (nações do mundo), dos quais os pecadores seriam retirados e castigados. O remanescente, por sua vez, é de cristãos, cuidados por Deus para que possam fazer Sua vontade na terra.²⁴³ Diante de todo o contexto, no entanto, tal ideia fica bastante deslocada. Bem mais plausível parece ser o que traz Feinberg: esse processo de peneiramento “revela a dispersão universal do povo de Deus”, durante a qual a palha e o joio se perdem, mas apenas o trigo real é mantido, usando a figura da ilustração.²⁴⁴ Israel tinha de manter um padrão moral mais elevado que as demais nações, e falhara com isso. Ainda assim, eles acreditavam na proteção constante de Deus apenas por serem israelitas. A promessa, então, é que Deus limparia o povo dos pecadores, aqueles que pecam de modo presunçoso e persistentemente, reitera Lasor.²⁴⁵

²³⁹ PUSEY, 1963, p. 334.

²⁴⁰ ZABATIERO, 1985. Disponível em: <http://www.repci.co/repositorio/handle/123456789/336>. Acesso em: 21 abr. 2021, p. 82.

²⁴¹ NIEWÖHNER, 2016. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/694/1/niew%c3%b6hner_s_tm319.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021, p. 48.

²⁴² FEINBERG, 1988, p. 120.

²⁴³ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento: Profético. Traduzido por: Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008, v. 4, p. 458.

²⁴⁴ FEINBERG, 1988, p. 120.

²⁴⁵ LASOR, 1999, p. 272.

2.1.4.4 Futuro rei (v. 11)

Após prenunciar a dispersão e peneiramento de Israel, é anunciada a restauração da “tenda caída de Davi”.²⁴⁶ Deus promete que levantará a tenda de Davi, fechará suas brechas, levantará suas ruínas e a restaurará como era no passado. Assim Israel poderá habitar a terra de acordo com o propósito divino e em prosperidade.²⁴⁷ Na opinião de Garland, ao fazer tal promessa, Amós poderia estar se referindo à restauração tanto em face da divisão do reino em 922 a.C., como da destruição de Israel em seu tempo. O profeta estaria prevendo a volta da glória dos dias do rei Davi para a nação, o que obviamente implicaria na sua reconstrução e reunião de Judá e Israel.²⁴⁸

Não havia esperança anunciada para o atual padrão das coisas, com as tribos de Israel separadas em dois reinos, diz Pusey. Deus anunciara a destruição do reino de Israel (v. 8). Portanto, haveria a demanda da restituição da linhagem real de Davi, da qual depois o Cristo viria. Ela foi representada aqui pela tenda de Davi em referência à aparência externa de pobreza, e sua dependência do cuidado divino. Além disso, o texto deixa claro que Deus é quem a levantaria, e não qualquer iniciativa humana.²⁴⁹

Crabtree concorda em parte. Ele nega que Amós se refira à restauração política da dinastia de Davi. Isso não era necessário, pois nos dias do profeta, o reinado de Uzias, descendente de Davi, era politicamente forte. A fraqueza, por sua vez, estava na falta de fidelidade ao Senhor. Portanto, essa reedificação da tenda de Davi aponta para um restaurar de fé e confiança no Senhor.²⁵⁰ Hubbard também confirma que falar do tabernáculo de Davi é com o intuito de refletir humildade e confiança em Deus, contrastando com as casas e palácios orgulhosos dos ricos opressores dos dias do profeta.²⁵¹ Motyer confirma que essas opiniões são perfeitamente aceitáveis e encaixam no contexto, enfatizando a ação divina na restauração. Ainda assim, esse autor comenta que “tabernáculo” no AT era usado em especial ligado à Festa dos Tabernáculos - e isso faz a diferença em Amós 9.11. Como comentado acima, Jeroboão tentou imitar a Festa dos Tabernáculos e se colocou como sacerdote (cf. 1 Rs 12.32). Deus, então, por meio de Amós, prometeu o Mediador perfeito que substituiria, de uma vez por todas, essa imitação fajuta.²⁵² Nesse ponto, já se vê a referência ao cumprimento messiânico da

²⁴⁶ INTERNATIONAL BIBLE SOCIETY. **Bíblia Sagrada português-inglês**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003, p. 1047.

²⁴⁷ MORGAN, G. Campbell. *The minor prophets: the men and their messages*. New Jersey: Fleming H. Revell, 1960, p. 54.

²⁴⁸ GARLAND, 1973, p. 94.

²⁴⁹ PUSEY, 1963, p. 336.

²⁵⁰ CRABTREE, 1960, p. 181.

²⁵¹ HUBBARD, 1996, p. 268.

²⁵² MOTYER, 1991, p. 196-197.

profecia. Wiersbe é um que, diante do contexto de decadência religiosa, vê o levantar da tenda de Davi como o restituir de um quadro favorável para Judá e Israel, e aponta para a era messiânica futura como cumprimento disso,²⁵³ assim como Walvoord.²⁵⁴

Zabatiero destaca que a restauração de Israel será uma realização divina, justamente pelas expressões que Deus fala (“tornarei a levantar... Repararei suas brechas... Diz o Senhor, que faz estas coisas... Também trarei do cativo... assim os plantarei na sua terra”). Ainda assim, o povo não estaria passivo, ou seja, teria parte ativa no processo. O detalhe é que o sujeito final disso tudo é o próprio Deus, não o povo.²⁵⁵

2.1.4.5 Demais nações (v. 12)

Como outro aspecto da fidelidade de Deus à Sua aliança com Jacó, haverá o cumprimento do domínio que Ele prometeu da descendência de Jacó (nesse texto representada por Davi) sobre a de seu irmão Esaú. Essa glória do tempo davídico implicaria também em força para reconquistar os territórios da época do reino de Davi, e a força para tal seria creditada ao Senhor. Por isso, essas nações pertencem ao Senhor, isto é, são chamadas pelo Nome Dele.²⁵⁶ Para Hubbard, por “todas as nações que me pertencem”, a referência é ao mapa do reino de Davi, ideia reforçada pela menção de Cuxe, Filístia, Arã e Edom (v. 7, 12ss) e pelo paralelo com 1.3-2.3.²⁵⁷ Para Motyer, “Edom foi usado simbolicamente pelos profetas como uma personificação da hostilidade do mundo para com o reino de Deus”. Portanto, uma vez derrotado Edom, terminará a oposição ao povo de Deus. Esse será um dos sinais do Messias e anúncio da chegada do rei davídico prometido. Por sua vez, o remanescente de Edom (v. 12) são os gentios que participam da herança de Israel por meio do evangelho.²⁵⁸ Há ainda outros, como Ghelli, que afirmam que o conquistar por Israel de todas as nações é em menção à diáspora dos judeus, e a espera da proclamação de Javé a todas as nações.²⁵⁹

2.1.4.6 A terra e o povo de Israel (v. 13-14)

O Senhor promete que traria o Seu povo cativo, para que eles pudessem: reconstruir as cidades, mostrando o serviço humano na vitória divina; plantar videiras e beber seu vinho, mostrando o trabalho humano realizando a provisão divina, plantar jardins e comer seu fruto,

²⁵³ WIERSBE, 2008, v. 4, p. 458.

²⁵⁴ WALVOORD, John F. *Major bible prophecies: 37 crucial prophecies that affect you today*. Michigan: Zondervan Publishing House, 1991, p. 104, 369.

²⁵⁵ ZABATIERO, 1985. Disponível em: <http://www.repci.co/repositorio/handle/123456789/336>. Acesso em: 21 abr. 2021, p. 83.

²⁵⁶ GARLAND, 1973, p. 95.

²⁵⁷ HUBBARD, 1996, p. 270.

²⁵⁸ MOTYER, 1991, p. 198.

²⁵⁹ GHELLI, 2013. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/427/1/ghelli_lr_tmp302.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021, p. 53-54.

explicitando a apropriação humana da provisão divina.²⁶⁰ “Um período de fertilidade sem paralelos” é como Garland descreve a situação de Israel restaurado. Ali, em vez de falta de suprimentos, haveria superabundância, sem se repetir a situação de pobreza do passado.²⁶¹ Hubbard reforça isso ao descrever o texto da profecia assim: “Com seu estilo hiperbólico, ela alardeava um futuro que era mais do que uma feliz reversão da trágica revirada; era um avanço rumo a um estilo de vida sem precedentes em suas experiências, e não uma simples recuperação do melhor de seu passado [...]”.²⁶²

Motyer liga a promessa de fecundidade e paz ao Éden restaurado por Cristo, como segundo Adão. Ali, terá tomado lugar a grande reconciliação final entre Deus e o ser humano, sem mais rebeldia desse.²⁶³ Da mesma forma, interpreta Dillard. Ele considera que a restauração será tamanha que Israel será comparada com o jardim do Éden.²⁶⁴ Portanto, não há dúvidas de que isso tudo se completará quando Cristo retornar. Por sua vez, entende-se que é equivocado interpretar toda essa restauração como não sendo de aspectos físicos da terra e do povo. Boice é um que afirma ser realmente difícil enxergar como espiritual o cumprimento dessas promessas de reconstrução e fartura. Ele inclusive afirma que é errado interpretar as promessas senão como de bênçãos materiais de Deus ao Seu povo.²⁶⁵

2.1.4.7 O país Israel (v. 15)

Seguindo o texto, diretamente ligado com a terra no sentido agrícola, está o país Israel como entidade nacional e política. O centro da provisão divina era a terra, o território nacional, para Israel. Esse era “seu lar, a marca da sua identidade, seu refúgio para não sofrer incursões nem assimilação por parte de nações que não temiam o Senhor”. Isso posto, Hubbard comenta que esse versículo final descreve um quadro em que Deus, pela fidelidade da sua aliança, faria o povo habitar em paz, “sem ser ameaçado por seus inimigos”. Para ele, esses inimigos são aqueles que sempre estiveram atacando Israel, mas que pertenciam ao Senhor (v. 12).²⁶⁶ No entanto, não há nada no versículo 15 ou na perícopes que afirme a promessa de *ausência* de ameaça ou ataques inimigos. Garland também afirma que, na realização do versículo 15, “[...] eles [do povo de Israel] não seriam constantemente ameaçados por invasores estrangeiros”.²⁶⁷

²⁶⁰ MORGAN, 1960, p. 54.

²⁶¹ GARLAND, 1973, p. 95.

²⁶² HUBBARD, 1996, p. 272.

²⁶³ MOTYER, 1991, p. 199-200.

²⁶⁴ DILLARD, Raymond B. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 365.

²⁶⁵ BOICE, 1986, p. 180.

²⁶⁶ HUBBARD, 1996, p. 273-274.

²⁶⁷ “[...] they would not be constantly threatened by foreign invaders”. In. GARLAND, 1973, p. 96.

Ao que parece, os autores subentendem essa ausência de ameaças nacionais fazendo paralelos entre esse texto e outras profecias messiânicas (Jr 23.6, por exemplo). No entanto, o texto de Amós apenas promete que Israel não mais seria desarraigado, arrancado da sua terra.

2.2 Ezequiel 36.19-30: o amor de Deus ao seu Nome e a bênção do Espírito

2.2.1 O autor

Ezequiel, filho de Buzi, de ordem sacerdotal, provavelmente nasceu e cresceu em Jerusalém. Foi exilado em 597 a.C., provavelmente aos 25 anos de idade,²⁶⁸ na ocasião do primeiro assalto de Nabucodonosor a Jerusalém.²⁶⁹ Foi chamado como profeta aos trinta anos,²⁷⁰ e provavelmente também era sacerdote, por causa de sua linguagem, do conhecimento que demonstra acerca das leis sagradas “e seu interesse pelo templo”, conforme Schökel e Cruz.²⁷¹

2.2.2 Data

Há uma variação mínima entre as opiniões. O profeta foi chamado em 592 a.C., no quinto ano do exílio do rei Joaquim de Judá, e até o último oráculo do livro se passaram vinte e três anos (571 a.C., cf. Ez 29.17), comentam alguns.²⁷² Feinberg não é tão específico e observa que o profeta fora deportado em 597 a.C.; seu ministério teve cerca de 20 anos, enquanto nada se registra acerca do fim dele.²⁷³

Taylor afirma que sua chamada aconteceu em 593 a.C. e sua última visão, da Nova Jerusalém, em 573 a.C.²⁷⁴ Schökel adianta esse período em um ano: “As datas do livro dizem respeito a período compreendido entre os anos de 592 e 572 a.C.”²⁷⁵, enquanto Homburg o situa entre 593-571 a.C.²⁷⁶ Portanto, é praticamente consensual a datação do ministério de Ezequiel entre os autores.

²⁶⁸ LASOR, 1999, p. 386; HOMBURG, Klaus. **Introdução ao Antigo Testamento**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1976, p. 176; TAYLOR, John B. **Ezequiel: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 20.

²⁶⁹ MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo no livro de Ezequiel**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p. 13. BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras: Ezequiel a Malaquias**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1995, v. 4, p. 13.

²⁷⁰ DILLARD, 2006, p. 301.

²⁷¹ SCHÖKEL, L. A. **Profetas II: Ezequiel, doze profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias**. Tradução de J.L.S. Diaz. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 690; CRUZ, Héber Monteiro da. **Israel e os (gillûlim): idolatria na perspectiva de Ezequiel**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. 156 p. Disponível em: http://dSPACE.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/813/1/cruz_hm_tmp521.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021, p. 69.

²⁷² DILLARD, 2006, p. 301; MESQUITA, 1980, p. 13; BAXTER, 1995, p. 14.

²⁷³ FEINBERG, Charles Lee. **The prophecy of Ezekiel: the glory of the Lord**. Chicago: Moody, 1980, p. 11.

²⁷⁴ TAYLOR, 1984, p. 34.

²⁷⁵ SCHÖKEL, 1991, p. 687.

²⁷⁶ HOMBURG, 1976, p. 176.

2.2.3 Mensagem e auditório

Judá passava por um processo de decadência. Após uma derrota para o Egito foi invadida pelos Babilônios em 587 a.C. e Jerusalém, então, caiu no ano de 586 a.C. Grande parte de sua população foi deportada para a Babilônia, inclusive Ezequiel,²⁷⁷ o qual provável e logicamente vivenciou toda a tensão passada pelos reinos de Judá e Israel sob domínio Assírio e Babilônico, até então.²⁷⁸ Com a tragédia da queda de Jerusalém, o povo de Israel perdeu tudo: “a terra prometida, a cidade santa, o templo, a independência”. Em meio a isso tudo, Ezequiel profetiza, dando razão à “catástrofe e a esperança da restauração”.²⁷⁹ Mesquita observa que a missão de Ezequiel era muito semelhante à de Amós, divergindo apenas no período em que cada um profetizou. A sua missão seria revelar o pecado cometido pelo povo e que causara seu exílio, assim como a bondade e misericórdia de Deus que os reuniria de novo em sua terra, e os daria corações novos que adorassem a Deus sinceramente. Portanto, cabia a Ezequiel confortar e confirmar os planos de Deus tanto ao povo exilado, quanto àqueles que permaneceram na terra de Israel, lembrando-os de que “apesar de todos os pecados da nação, Deus continuava a ser o Deus da Aliança”.²⁸⁰

Ao que tudo indica, o ministério de Ezequiel foi exercido na Babilônia, entre seus conterrâneos judeus exilados. Estes viviam na ansiosa expectativa de receber qualquer notícia de sua terra, mas principalmente de que voltariam para lá e de que o rei seria repatriado logo.²⁸¹ Havia a convicção de que os que foram exilados é que eram os pecadores e que os que permaneceram em Jerusalém eram justos, confirma Baxter. Além disso, mesmo entre os exilados havia a certeza de que Jerusalém era inexpugnável por causa da proteção divina. Assim, muitos continuavam na idolatria, tanto no exílio quanto na pátria. Isso posto, a mensagem central de Ezequiel é, basicamente, “...então saberão que eu sou o SENHOR”, expressão que se repete cerca de 70 vezes no livro.²⁸² Para Fairbairn, o grande tema de Ezequiel é “a perspectiva de ressurgimento e prosperidade de Israel como povo da aliança de Deus”²⁸³, enquanto Taylor já complementa com um aspecto a mais: “Deus destruirá e, depois de 587 a.C.,

²⁷⁷ ANDRADE, José Sélvio de. **Os profetas maiores II: Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel**. Rio de Janeiro: JUERP, 2004, p. 151-153.

²⁷⁸ DILLARD, 2006, p. 301-302.

²⁷⁹ SCHÖKEL, 1991, p. 689. MARINHO, Ricardo Aurelio Madeira. **Ezequiel 38-39: protoapocalíptica no exílio?** São Leopoldo: Faculdades EST, 2016. 71 p. Disponível em: http://dSPACE.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/668/1/marinho_ram_tmp441.pdf. Acesso em: 26 Abr. 2021, p. 45.

²⁸⁰ MESQUITA, 1980, p. 14, 18.

²⁸¹ TAYLOR, 1984, p. 22-23.

²⁸² BAXTER, 1995, p. 16-18.

²⁸³ “*Israel's prospective revival and prosperity as the Lord's covenant-people.*”. In. FAIRBAIRN, Patrick. *An exposition of Ezekiel*. Minneapolis: Klock Christian, 1979, p. 386.

Deus restaurará e reconstruirá”.²⁸⁴ Tendo-se que o assunto do livro gira em torno desses dois grandes fatos anunciados por Ezequiel, observa-se agora a passagem destacada, no capítulo 36.

2.2.4 Ezequiel 36: contexto imediato e interpretações

Levando em conta o alvo desta pesquisa, que é observar as promessas de restauração de Israel, é válido também verificar alguns detalhes do capítulo 35 de Ezequiel. Ele prepara o cenário para as promessas do 36, ao mesmo tempo que faz um paralelo com Amós 9.12, no que se refere à punição de Edom.

Os capítulos 25 a 39 de Ezequiel direcionam-se ao futuro das nações.²⁸⁵ A passagem do capítulo 35 é importante porque ela não apenas antecede, mas está estreitamente ligada ao 36, conforme Taylor.²⁸⁶ Schökel atesta que o 35 contrasta a promessa de desolação de Edom com a salvação iminente dos montes de Israel, descrita no capítulo seguinte. O autor inclusive comenta que “a ameaça contra Edom conclui na promessa que 36.15 reserva para os montes de Israel”²⁸⁷, assim como Feinberg, que vê o início do cap. 36 conectado diretamente ao cap. 35 como uma profecia contínua.²⁸⁸ A ideia segue, pelo menos, desde o capítulo 34, em que se pode observar Deus defendendo seu “rebanho”, que representa o povo de Israel. Agora, no cap. 35, Ele defende a terra de Israel e a vingança contra os invasores.²⁸⁹

O motivo de Edom ser alvo da ira divina é porque eles se aproveitaram de Israel no momento do seu colapso. Essa hostilidade não era nada nova - Deus os acusa de manterem uma “inimizade perpétua” contra Israel. Além disso, Edom atacou Israel num tempo de fraqueza, alegrou-se e satisfez-se com a queda de Jerusalém, além de ajudar Nabucodonosor²⁹⁰, assim como aos demais inimigos de Israel.²⁹¹

Um dos aspectos mais chamativos da promessa de restauração divina citada acima é a nova aliança. Ezequiel 36 é importante pois esclarece e reforça muito a ideia da nova aliança que seria proposta por Deus. Ela não mais seria algo externo, explica Klein, mas uma capacidade de temer a Deus todos os dias, colocada por Ele no coração de cada um do seu povo (cf. Ez 36.26, Jr 32.39).²⁹² Todo esse processo, no entanto, seria tão somente nos corações das pessoas? Toda a promessa tem apenas sentido espiritual? Isso tudo será verificado na sequência.

²⁸⁴ TAYLOR, 1984, p. 31, 38.

²⁸⁵ BAXTER, 1995, p. 17.

²⁸⁶ TAYLOR, 1984, p. 201.

²⁸⁷ SCHÖKEL, 1991, p. 699.

²⁸⁸ FEINBERG, 1980, p. 205.

²⁸⁹ SCHÖKEL, 1991, p. 840.

²⁹⁰ TAYLOR, 1984, p. 202.

²⁹¹ MESQUITA, 1980, p. 115; FAIRBAIRN, 1979, p. 387.

²⁹² KLEIN, Ralph W. *Israel no exílio: uma interpretação teológica*. Santo André: Academia Cristã, 2012, p. 116.

2.2.4.2 Contexto da passagem

Como afirmado acima, a seção de Ezequiel 25 a 39 é de oráculos sobre o futuro das nações, inclusive Israel. Em especial, “os capítulos 36 e 37 são uma maravilhosa previsão da reunião nacional e da renovação espiritual do povo terreno de Deus”.²⁹³ É de acordo que essa seção é uma das mais importantes do livro. Dever observa que essa seção é a que apresenta as visões mais famosas, em especial acerca da esperança futura,²⁹⁴ sendo esse o tema de toda o trecho: as promessas de restauração de Israel²⁹⁵ ou “oráculos de salvação”.²⁹⁶ Homburg também confirma que a seção é um dos temas principais do livro, uma vez que traz o texto acerca do “coração novo” (cf. Ez 36.26).²⁹⁷

No início desse trecho maior do livro, Deus afirma a responsabilidade do indivíduo perante o Senhor, e que Ele não se agrada em simplesmente condenar o pecador, mas deseja que ele se arrependa e viva (cf. Ez 33.11).²⁹⁸ Isso posto, vê-se que a mensagem de restauração do coração do povo tem ligação direta com seu arrependimento e obediência a Deus. Antes, toda a nação havia sido expulsa por causa da sua obstinação em ouvir e obedecer ao Senhor. No exílio, o nome santo de Javé havia sido comprometido, pois aparentemente Ele não cuidara do Seu povo. Portanto, somente transformar o coração das pessoas não era suficiente, pois não necessariamente mostraria o agir poderoso do Senhor aos olhos de todas as nações. Primeiro foi prevista a restauração da terra prometida. Depois, a restauração do povo a ela, e só então dos corações do povo para que obedecessem ao Senhor. Essa era uma sequência necessária para defender e reafirmar o poder e a reputação do Senhor diante das nações, afirma Lasor.²⁹⁹

Taylor também vê sendo feita uma promessa divina de restauração futura do Seu povo à sua terra, “sob uma liderança piedosa mediante um tipo de ressurreição nacional”³⁰⁰, nessa passagem. Aliás, na seção onde está Ezequiel 36 há diversas referências à promessa de restabelecimento também da terra. Ela já havia sido anunciada em Ezequiel 20.42, e repetida depois, no capítulo 34.13, no 37.21-22 e no 39.25, 27.³⁰¹ Tendo em vista esse contexto imediato ao capítulo 36, pode-se partir agora à análise dos versículos de 16 a 30, de Ezequiel 36.

²⁹³ BAXTER, 1995, p. 17-19.

²⁹⁴ DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento**: uma exposição teológica e homilética. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 661.

²⁹⁵ ANDRADE, 2004, p. 150, 217; MESQUITA, 1980, p. 10; TAYLOR, 1984, p. 13.

²⁹⁶ SCHÖKEL, 1991, p. 699.

²⁹⁷ HOMBURG, 1976, p. 176.

²⁹⁸ MESQUITA, 1980, p. 109.

²⁹⁹ LASOR, 1999, p. 398.

³⁰⁰ TAYLOR, 1984, p. 13.

³⁰¹ WALVOORD, 1991, p. 92-93.

2.2.4.3 Retrospectiva de pecados (v. 16-21)

Para que o povo reconhecesse seu pecado e rebeldia, o próprio Deus alista os delitos que os levaram à condenação. Essa retrospectiva serviu para esclarecer os sofrimentos de Israel, diz Feinberg. Eles haviam contaminado a terra com seus pecados constantes, e Deus os expulsou dali para purificá-la. A pecaminosidade foi tamanha que Deus não mais podia evitar de bani-los dali. Em especial, eles haviam substituído Deus por ídolos em seus corações e cultos,³⁰² ao ponto de haver, inclusive, derramamento de sangue de vítimas inocentes.³⁰³ Isso tudo era por demais abominável ao Senhor. A conduta reprovável de Israel, sendo o povo de Deus, manchou o santo nome Dele e levou-o a castigá-los.

Com a afirmação “tive compaixão do meu santo nome”, no versículo 21, Deus deixa explícita a humilhação do pecador. Nesse ponto, “não há nenhuma consideração [...], nenhum respeito para com seus sentimentos, nenhum amor a ele como ser humano”, diz Taylor. Sim, isso é severo, afirma ele, mas é um aspecto da verdade revelado no AT de que Deus quer que Seu nome seja conhecido por todos. Ainda assim, Deus interveio e salvou seu povo.³⁰⁴ Fairbairn acrescenta que a terra de Israel, que deveria ser bênção para os habitantes, tornara-se como que amaldiçoada, desolada e com seus moradores expulsos por causa dos seus pecados. Como criasse na presença de Deus na terra de Israel, essa expulsão do povo significava expulsão da presença do Senhor.³⁰⁵ Por isso é justificada essa severidade. Além do mais, deveria ficar destacado o agir de Deus, não o esforço da nação israelita, de forma que as demais nações percebessem que Ele não é um deus morto e inativo, mas o Senhor de toda a terra.³⁰⁶ Para realmente destacar isso, que não é por causa de Israel, mas pela graça de Deus, Schökel esquematiza assim: “na terra, o povo peca - Deus o pune, expulsando-o; no exílio, o povo difama a Deus - Deus sai em defesa do seu nome [...]”. É importante destacar que há, nesse ponto da profecia, o anúncio de uma nova aliança, que começa dentro das pessoas e mostra-se também no exterior, diz Schökel.³⁰⁷ Houve a acusação judicial do início, citando os crimes de Israel, explicitando que Deus resgata um povo rebelde. Agora há, então, uma profusão de

³⁰² FEINBERG, 1980, p. 208. CRANE, Ashley. *The restoration of Israel: Ezekiel 36-39 in Early Jewish Interpretation: A textual-comparative study of the oldest extant Hebrew and Greek manuscripts*. Murdoch: Murdoch University, 2006. 368 p. Disponível em: <https://researchrepository.murdoch.edu.au/id/eprint/505/2/02Whole.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021, p. 48, 111.

³⁰³ CRUZ, 2017, p. 86, 125. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/813/1/cruz_hm_tmp521.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.

³⁰⁴ TAYLOR, 1984, p. 204, 206, 207.

³⁰⁵ FAIRBAIRN, 1979, p. 389, 392.

³⁰⁶ TAYLOR, 1984, p. 204, 206, 207.

³⁰⁷ SCHÖKEL, 1991, p. 844; FEINBERG, 1980, p. 208.

promessas de restauração, as quais aplicam-se primeiro à terra e ao povo de forma física, para depois ser levada a efeito no coração dos fiéis. É disso que tratam os versículos 24 a 30.³⁰⁸

2.2.4.4 Restauração da terra e do povo (v. 24-30)

Como visto, Deus opera a salvação no povo de Israel de modo a mostrar isso ao mundo. Mesmo agora, em vez de sujeição, há rebeldia por parte dos salvos, e o nome de Deus não é glorificado como deveria. Portanto, Deus age de forma inovadora e impressionante, começando “pela volta dos exilados à pátria” para que Ele seja por isso glorificado.³⁰⁹ Feinberg reforça a ideia: Ezequiel não deixa dúvida de que toda ação de Deus foi baseada em sua graça, e nunca nos méritos humanos - isso para, de fato, “humilhar todo orgulho”. O primeiro passo no processo de resplandecer Seu santo nome da forma correta diante das nações, conforme Feinberg, seria a reaproximação do Seu povo dentre todas as nações do mundo, para estabelecê-los em sua própria terra.³¹⁰ Mas, por causa da severidade do erro, era necessária uma reparação profunda da parte de Deus, afirma Fairbairn. Por isso, o Senhor não promete novamente uma restauração externa, ou simplesmente a devolução de Israel a seu território.³¹¹

Tendo sido grave o pecado do povo, poder-se-ia pensar que Deus desejaria quebrar sua aliança com eles, mas fazer isso seria uma mancha no Seu Santo Nome. Por isso, a motivação é a limpeza e manutenção do Nome de Deus, como destaca Cruz.³¹² A devolução dos exilados à sua terra é como Deus começa a reclamar sua glória, afirma Taylor. Esse seria o primeiro passo. Somente após isso, então, aconteceria a purificação desse povo, seu aspergir com água pura e uma conversão nacional (v. 25), e as demais bênçãos espirituais.³¹³ Afora isso, Deus dará ao povo um novo coração e espírito, para que eles se tornem o tipo de povo que deixaram de ser, mas que Deus esperava que fossem.³¹⁴ Cruz vê aqueles que, mesmo dentre os rebeldes, tenham tentado manter-se fiéis a Deus, como possível grupo alvo dessa restauração – afinal o Senhor teria punido muitos do povo. Por meio da ação divina, eles é que passariam pela mudança prevista em 36.26-27,³¹⁵ a purificação pessoal de cada indivíduo. Esse é o aspecto

³⁰⁸ CRANE, 2006, p. 48. Disponível em:

<https://researchrepository.murdoch.edu.au/id/eprint/505/2/02Whole.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021.

³⁰⁹ SCHÖKEL, 1991, p. 844.

³¹⁰ “*Humble all pride.*” In. FEINBERG, 1980, p. 208, 209-210.

³¹¹ FAIRBAIRN, 1979, p. 393.

³¹² CRUZ, 2017, p. 79. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/813/1/cruz_hm_tmp521.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.

³¹³ TAYLOR, 1984, p. 208, 209; FEINBERG, 1980, p. 208, 209-210; FAIRBAIRN, 1979, p. 386.

³¹⁴ TAYLOR, 1984, p. 208, 209.

³¹⁵ CRUZ, 2017, p. 125. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/813/1/cruz_hm_tmp521.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.

mais importante do processo de restauração, conforme Kunz, visto que há a ênfase no novo coração e espírito colocados por Deus em cada um, para que voltassem a ser Seu povo.³¹⁶

Por fim, para confirmar que seria Deus o idealizador e realizador dessas obras sem precedentes, é acrescentada à lista delas a promessa de fartura da terra, pelo abençoar divino de toda natureza e colheita.³¹⁷ À semelhança de quando Deus preparou a terra para o povo saído do Egito, ou mesmo o jardim do Éden para Adão e Eva, Ele prepararia agora uma terra abençoada para o povo que seria reunido.³¹⁸ Mesquita também compara a terra restaurada ao Jardim do Éden.³¹⁹

O trecho depois do versículo 30 cita, além da fartura da produção da terra, a reconstrução e repovoamento das cidades.³²⁰ Percebe-se aí um paralelo com Amós 9.13-14. De forma geral, o objetivo desses atos maravilhosos de Deus, mais uma vez, na história de Israel é levar qualquer um que veja esses milagres a considerar que Ele fez isso para cumprir Sua Palavra: “Eu, o SENHOR, o disse, e o farei” (cf. v. 36)³²¹ ou, como afirma Feinberg, “quando Israel estiver cercado de provas irrefutáveis da graça e bondade para com eles, eles serão levados a arrependimento mais profundo pela misericórdia de [...] Deus”.³²²

2.3 Zacarias 8.1-8: fecundidade, longevidade e reunião do povo em Jerusalém

2.3.1 O autor

Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ido (Zc 1.1). Poderia ser sacerdote e profeta, mas não se tem certeza, diz Lasor³²³, enquanto outros o confirmam. Ele provavelmente fazia parte de uma família sacerdotal que voltou do cativeiro, o que se percebe pelo seu interesse pelo Templo.³²⁴ Nascido na Babilônia, viu Jerusalém pela primeira vez quando retornou com os exilados. “Zacarias era jovem e visionário [...] idealista [...] e ainda insistindo na necessidade

³¹⁶ KUNZ, Marivete Zanoni. **O termo Kabod no livro de Ezequiel**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2006. 157 p. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/91/1/kunz_mz_tm146.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021, p. 149.

³¹⁷ FEINBERG, 1980, p. 209-210.

³¹⁸ SCHÖKEL, 1991, p. 842.

³¹⁹ MESQUITA, 1980, p. 120.

³²⁰ SCHÖKEL, 1991, p. 845.

³²¹ TAYLOR, 1984, p. 210.

³²² “When Israel is thus surrounded by irrefutable proofs of God's grace and goodness to them, they will be melted into further repentance by the abundant mercy of [...] God”. In. FEINBERG, 1980, p. 210.

³²³ LASOR, 1999, p. 435.

³²⁴ DILLARD, 2006, p. 411; BOICE, 1986, p. 156; MORGAN, 1960, p. 133; BENTZEN, 1968, p. 158.

de ação política e religiosa”, diz Francisco.³²⁵ Seu nome significa *Jeová lembra*³²⁶, o que faz jus ao ministério de anunciar restauração que esse profeta exerceu.

2.3.2 Data

Ciro permitiu o retorno a Jerusalém em 539 a.C. O Templo terminou de ser reconstruído em 516 a.C.³²⁷ Foi necessariamente a partir da permissão de retorno, então, que o ministério de Zacarias foi exercido, e provavelmente encerrou com o término do templo. Bentzen assegura que ele profetizou a partir 520 a.C. até por volta de 516 a.C.³²⁸ Boice concorda, sustentando que ele recebeu sua primeira visão do Senhor no segundo ano de Dario, em 520 a.C.³²⁹, enquanto Kunstmann estende um pouco mais seu ministério, acreditando ter sido de 520 a 480 a.C.³³⁰

2.3.3 Mensagem e auditório

O que fica claro, com essa datação, é que o pano de fundo do livro é a primeira leva de cativos que retornaram da Babilônia para Jerusalém. Eles haviam recebido autorização do rei Ciro para retornarem e reconstruírem o Templo, mas chegando no destino depararam-se com oposições de pessoas e dificuldades, a tal ponto que quase desistiram da obra de reconstrução. Aí começa o ministério de Zacarias juntamente com Ageu, com o objetivo de levar o povo a priorizar a obra do Templo.³³¹ Em especial junto aos anciãos, ao governador Zorobabel e ao sacerdote Josué, Zacarias exerceu um papel fundamental de incentivo na obra.³³²

O livro está, como afirma Morgan, estreitamente conectado a essa reconstrução. De uma forma geral, a situação daqueles que retornaram do exílio era de pobreza e até mesmo desespero, tendo em vista a situação de Jerusalém e do povo. Isso em vista, a mensagem de Zacarias é que Deus está cuidando de cada israelita, tanto quanto está agindo em prol da sua restauração - ao que Javé espera submissão e purificação como resposta.³³³ Por isso, a mensagem de Zacarias é também de exortação ao povo, pois, mais uma vez, muitos não tinham o coração sincero em

³²⁵ FRANCISCO, Clyde T. **Introdução ao Velho Testamento**. Tradução de Antônio Neves de Mesquita. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p. 203; FEINBERG, 1988, p. 253.

³²⁶ KUNSTMANN, Walter G. **Os profetas menores: comentário bíblico**. Porto Alegre: Concórdia, 1983, p. 157; FEINBERG, 1988, p. 253.

³²⁷ DILLARD, 2006, p. 411; MORGAN, 1960, p. 134.

³²⁸ BENTZEN, 1968, p. 178.

³²⁹ BOICE, 1986, p. 155, 157.

³³⁰ KUNSTMANN, 1983, p. 157.

³³¹ DILLARD, 2006, p. 411; BALDWIN, Joyce G. **Ageu, Zacarias, Malaquias: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1972, p. 46.

³³² LASOR, 1999, p. 435.

³³³ MORGAN, 1960, p. 143.

servir a Deus. Era como se Deus dissesse: “retornem para mim, e *depois* disso me construam um Templo”, resume Boice.³³⁴

A pregação de Zacarias também foi para dar esperança da vitória de Israel contra todo e qualquer inimigo.³³⁵ Por causa do cuidado prometido por Deus, Francisco afirma que a expectativa messiânica era profunda, muito presente e motivo de inspiração para o profeta, dando a certeza do destino futuro que Deus daria à nação israelita.³³⁶ Sabendo isso, a atenção pode ser direcionada ao capítulo 8, em especial.

2.3.4 Zacarias 8-1-8: contexto imediato e interpretações

Dillard comenta que, tendo já sido reconstruído o Templo, os judeus começaram a se questionar se deviam continuar fazendo jejuns regulares em relação à destruição da cidade e do Templo. Uma delegação é mandada até os profetas para pedir seu aval. Zacarias aproveita essa ocasião para pregar contra jejuns e religião hipócritas, que se tornavam legalismo em vez de obediência de coração.³³⁷ Dentro desse escopo maior é que se encontra a passagem observada.

Grande parte dos autores divide o livro em duas partes maiores, e essas em seções menores.³³⁸ Essa perícopes em especial encontra-se, conforme Lasor, na terceira seção da primeira metade do livro.³³⁹ Essa primeira metade do livro foca na importância da reconstrução do Templo para os israelitas e os apressa a fazê-lo, informa Morgan.³⁴⁰ Inclusive, é necessário lembrar que “vez ou outra [os capítulos de 1 a 8] vão além do imediato e do local”, apontando para o retorno do Messias, observa Baxter. Dentro das profecias dessa metade do livro, os capítulos 7 e 8 são confirmações para as promessas da volta do cuidado de Deus para com Seu povo,³⁴¹ e garantem a vinda do Messias e a conversão dos pagãos, reafirma Bentzen.³⁴²

O trecho de Zacarias 8.1-8 é um só parágrafo do discurso de Deus compreendido em Zacarias 8.1-17.³⁴³ Esse parágrafo, por sua vez, possui uma exortação à guarda da Lei, o que seria condição para o cumprimento das gloriosas promessas messiânicas, de restauração, retorno da presença de Deus que havia se retirado e de prosperidade econômica.³⁴⁴ Ele é a resposta de Deus àquela delegação, Boice acrescenta, dizendo que eles deveriam abandonar os

³³⁴ “Return to me, and after that build me a temple”. In. BOICE, 1986, p. 155, 160.

³³⁵ FEINBERG, 1988, p. 253.

³³⁶ FRANCISCO, 1979, p. 203.

³³⁷ DILLARD, 2006, p. 415.

³³⁸ DILLARD, 2006, p. 411-412; LASOR, 1999, p. 438-439.

³³⁹ LASOR, 1999, p. 437, 442.

³⁴⁰ MORGAN, 1960, p. 134.

³⁴¹ BAXTER, 1995, p. 278.

³⁴² BENTZEN, 1968, p. 179.

³⁴³ MORGAN, 1960, p. 139.

³⁴⁴ LASOR, 1999, p. 439, 437, 442.

formalismos e praticar a verdadeira religião, que agrada a Deus. O Senhor começa lembrando-os da atitude dos seus antepassados: quando Deus os cobrara do mesmo, eles endureceram os corações e não obedeceram. Por isso, Deus os espalhou entre as nações (Zc 7.11-14). Mesmo assim, o Senhor continua zeloso por Sião, e passa à promessa de restaurá-la, e de voltar a habitá-la.³⁴⁵ Mais uma vez (como nos outros textos analisados), destruição não é o plano final de Deus para Seu povo, como bem observa Baldwin. O sentimento externado pelo pronunciamento divino é de que Deus não suporta mais estar separado do Seu povo e de Sua terra, apesar da teimosia deles. Afinal, nem mesmo após o exílio eles estavam buscando ao Senhor e jejuando de coração.³⁴⁶ O que teria Deus planejado para Israel, se não a destruição? E de que forma é prometido que isso acontecerá? Isso é respondido em Zacarias 8.1-8, que é analisado na sequência.

2.3.4.1 Paz nacional após a punição (v. 1-6)

A figura usada pelo profeta para representar a situação entre Deus e o povo de Israel é de um casamento. Como um marido que repreende a esposa por ela agir mal, porque ele a ama e quer preservá-la, assim o Senhor o fizera com Israel.³⁴⁷ O ciúme do Seu povo e pelo Seu Nome motivaram a punição. De forma muito semelhante, foram Seu ciúme e zelo fervorosos, ardentes por Sião que O motivam a redimir e santificar Seu povo, comenta Watts sobre essa situação.³⁴⁸ Sobre tudo nos versículos 4 e 5, então, encontra-se uma das descrições mais detalhadas do que Deus planejava fazer. Visivelmente, haverá liberdade dos perigos e ameaças de conflitos à nação de Israel. Percebe-se que é uma promessa literal pois a previsão é de um período durante o qual as guerras não serão mais um risco à população, permitindo que crianças e velhos permaneçam nas ruas das cidades, sem riscos.³⁴⁹ Não só a população retornaria à seu território, como também se multiplicaria (haveria crianças) e seria mantida por muito tempo (visto a presença dos idosos). Fica destacado o contraste entre essa situação abençoada, e os massacres de crianças até mesmo no ventre das mães, e todo o morticínio que Deus permitira acontecer com o cerco e tomada de Jerusalém, e conseqüentemente com a derrota nacional.³⁵⁰

³⁴⁵ BOICE, 1986, p. 185, 186.

³⁴⁶ BALDWIN, 1972, p. 121, 122.

³⁴⁷ PUSEY, 1963, p. 383.

³⁴⁸ WATTS, John D. W. Zechariah. In. *The Broadman Bible commentary*. Tennessee: Broadman, 1970, v. 7, p. 335.

³⁴⁹ FEINBERG, 1988, p. 290.

³⁵⁰ PUSEY, 1963, p. 384.

2.3.4.2 *Dispersão e reunião (v. 7-8)*

Baldwin afirma que “salvar” significa libertar do cativeiro, simplesmente. O objetivo disso é suprir a terra com população. Mesmo assim, o fato de Zacarias citar oriente e ocidente seria a forma dele se referir aos quatro pontos cardeais, e que o povo seria trazido de bem longe para Jerusalém, afirma o autor. Ali é onde a aliança seria renovada por Deus.³⁵¹ Kunstmann, por sua vez, alega que o verbo “salvarei”, do v. 7, está no particípio e significa uma ação contínua. A promessa era que Deus salvaria continuamente seu povo dos países onde estivessem,³⁵² de forma que eles estariam completamente reunidos na Terra Prometida, acrescenta Pfeiffer. O alvo disso é que se perceba o propósito de Deus com eles - de acordo também com Isaías 11.11-12 e Amós 9.14-15.³⁵³ Dessa forma, é difícil concordar com Watts, que discorda da possibilidade de cumprimento futuro. Para ele, a afirmação de Deus no v. 7 é “contemplem-me salvando meu povo [agora, no presente]”. Simplesmente, então, a referência seria à reconstituição de Israel naquele momento, exatamente após o exílio; o povo alvo da bênção é o pequeno grupo que retornara da Babilônia (v. 6).³⁵⁴ PiscoPO também discorda disso. Sua interpretação da comunidade retornada do exílio é que num momento futuro o Senhor ainda salvaria Seu povo, na era Messiânica. Ao seu ver, o remanescente estaria espalhado nos quatro cantos da terra. Deus os acordaria e reuniria de volta em Israel.³⁵⁵

A análise do contexto dessa profecia de Zacarias chega a uma conclusão bem similar àquela de Ezequiel. A obra divina de cuidado com Seu povo serve para mostrar o poder imensurável de Deus, que alcança todas as nações e salva Israel, ao mesmo tempo que demanda a obediência e sujeição desse povo às Suas leis, por meio da Nova Aliança que Ele estabelecerá.³⁵⁶ Intervindo para executar isso na história, o Senhor intenta chamar a atenção tanto do Seu povo Israel, assim como das demais nações no mundo, para Ele mesmo e Sua Soberania. Tudo isso aponta para o propósito maior de que toda a terra possa então glorificar o Seu Santo nome, e “[...] adorar o rei, o Senhor dos Exércitos” (Zc 14.16).

³⁵¹ BALDWIN, 1972, p. 123.

³⁵² KUNSTMANN, 1983, p. 176.

³⁵³ PFEIFFER, Charles. **Comentário bíblico Moody**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1999, v. 3, p. 369.

³⁵⁴ “Behold me saving my people”. In. WATTS, 1970, p. 336, 335.

³⁵⁵ PISCOPO, Michele. Zacarias: o profeta messiânico. **Revista de Cultura Teológica**, v. 4, n. 14. São Paulo: PUC-SP, 1996, p. 53-67. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14259/12111>. Acesso em: 22 abr. 2021, p. 59-60.

³⁵⁶ PISCOPO, 1996, p. 59-60. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14259/12111>. Acesso em: 22 abr. 2021.

3 O CUIDADO DE DEUS COM ISRAEL

Parece que há um cumprimento parcial no presente das profecias relacionadas à restauração de Israel. Para averiguar a veracidade disso, serão analisadas as opiniões de diversos estudiosos de Teologia, em especial de hermenêutica, que tratam da interpretação dos textos bíblicos e de sua aplicação hoje. Atenção também será dada aos textos abordados no capítulo anterior, quanto à possibilidade de eles fazerem referência aos dias de hoje. Por fim, serão testadas as hipóteses levantadas acerca da profecia e de sua interpretação com o quadro histórico do capítulo 1.

3.1 À luz do gênero literário da profecia

Profecias aparecem muito na Bíblia e podem gerar muita especulação, pois muitas fazem referência ao futuro ou a acontecimentos revelados não tão claramente. Assim, é muito importante trazer à luz a profecia como gênero literário, para que se possam observar seus detalhes. De onde vem a profecia e como ela chegou até às pessoas? Profecias são sempre predições do futuro? Todas as profecias da Bíblia já se cumpriram completamente? Há alguma chance de haver profecias se cumprindo ainda hoje? É o que será ventilado a seguir.

3.1.1 Aspectos gerais

3.1.1.1 A fonte da profecia

De onde vêm as profecias? São elas invenções humanas? Obviamente que não. Ao falar-se de profecia, fala-se do manifestar e agir divinos. Assim, é preciso entender a definição tanto da imanência quanto da transcendência de Deus. As implicações disso são que Deus, sendo imanente, não se limita a agir diretamente nos fatos do universo, de formas sobrenaturais, milagrosas. Certamente Ele o faz, mas não é limitado a isso. Da mesma forma, Deus, sendo transcendente, não pode ser completamente compreendido nem determinado pelos conceitos humanos. Mesmo que esses possam chegar perto da verdade, e serem muito úteis, não se pode explicar completamente a natureza de Deus e de suas ações.³⁵⁷ Além do mais, Deus é Criador e Senhor do tempo. Portanto, Ele está fora do tempo, e “pode ver todos os eventos do tempo com igual realismo”. Tudo o que aconteceu no passado, que acontece no presente e que acontecerá no futuro, é como se, aos olhos de Deus, fosse constantemente presente. Além do mais, Ele pode agir e age no tempo. A Escritura mostra, nos profetas do AT, que o Senhor não

³⁵⁷ ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 102-103.

está preso ao tempo, como o ser humano, mas mostra que “Deus prediz suas ações num ponto do tempo, depois realiza suas ações num ponto posterior do tempo”.³⁵⁸

Tudo o que Deus anunciou por meio dos profetas nunca esteve desassociado da história,³⁵⁹ ou seja, é na história que Deus age e se revela. Ainda assim, Ele não somente interfere e prediz a história. Sua Palavra, a mesma que inspira a profecia, pode inclusive *criar* a História de acordo com o desígnio divino. Além do mais, aos olhos humanos pode ser que Deus demore para agir, mas esse pensamento é equivocado. O próprio Deus determina e fixa o momento oportuno da Sua ação. Só Ele o sabe.³⁶⁰ Crabtree refere-se a essa ação de Deus na história com o termo *providência*. Isto é: Deus chama, dirige e usa meio humanos para operar na história, de modo a atingir Seu eterno propósito. Tudo isso, no fim, aponta a Ele como responsável, a ser adorado.³⁶¹

3.1.1.2 O veículo da profecia

Vale observar, também, aquele que recebia a revelação diretamente de Deus e a veiculava ao povo, o *profeta*. Ele era chamado para interpretar o que o Senhor estava operando na história, além de animar e encorajar o povo a servirem a Deus. É ponto comum entre os profetas o entendimento de que Deus deseja estabelecer Seu reino em todas as nações do mundo - para que o Seu santo Nome seja reconhecido e adorado. Para tanto, Deus usou os profetas para guiar Seu povo durante as crises e dificuldades, de modo que soubessem o que fazer em obediência ao Senhor.³⁶² Por sua vez, o ministério do profeta pode ser considerado duplo. Ele não só anunciava às pessoas da sua época a mensagem que Deus desejava transmitir, mas também previa as ações divinas preparadas para o futuro de forma a explicar os planos do Senhor em relação ao Seu povo no decorrer da história, até os últimos dias. Essas previsões não eram dúbias ou em enigmas, mas muito claras. Por vezes eram feitas com tanta certeza que os profetas as descreviam como se já tivessem acontecido.³⁶³

Quando se refere ao passado e ao presente, a profecia sempre retrata o contínuo embate entre a bondade de Deus e a maldade do homem. Ao se referir ao presente, esse embate é descrito com muito mais clareza e realidade que no passado. É notável que os profetas “têm uma visão teológica da História”, interpretando os acontecimentos como ações da providência

³⁵⁸ GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**: atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 118-120.

³⁵⁹ ZUCK, 1994, p. 277.

³⁶⁰ SICRE, José Luiz. **Profetismo em Israel**: o profeta, os profetas, a mensagem. Tradução de João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 408-409, 417.

³⁶¹ CRABTREE, A. R. **Teologia do Velho Testamento**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960, p. 226.

³⁶² CRABTREE, 1960, p. 201, 227.

³⁶³ HINDSON, Edward E.; YATES, Gary (edit.). **A essência do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2014, p. 257.

divina para realizar algum propósito Seu.³⁶⁴ Virkler confirma que, tanto no AT quanto no NT, o profeta tem função de porta-voz de Deus ao povo. Sua mensagem servia para, como afirmado acima, “predizer eventos futuros [...]; revelar fatos ocultos quanto ao presente [...], e ministrar instrução, consolo e exortação”. Isso tudo vinha de Deus para dar segurança, consolar e motivar os fiéis, mas acima de tudo, para dar glória ao próprio Deus, mostrando que Ele é sábio e soberano quanto ao futuro.³⁶⁵ De modo geral, a profecia serve – e o ministério do profeta serviu – de estímulo à fé dos fiéis, que fazem parte daquilo que Deus tem feito na história, concorda Oliveira.³⁶⁶

3.1.1.3 Predição do futuro e interpretação

No relato bíblico, Deus usou de diversos meios ou veículos para levar a sua mensagem ao ser humano. Um deles, e muito importante, foram os profetas (Hb 1.1; 2 Pe 1.21), cujos registros compõem 250 dos 929 capítulos do AT. Do conteúdo dos livros proféticos, talvez o assunto que mais gere curiosidade e especulação são as predições futuras. No entanto, “profecia” não é sinônimo de “prever o futuro”. Geralmente, os profetas falaram em predição, mas foi principalmente em transmissão dos julgamentos que Deus planejava no presente ou futuro próximos, afirma Klein.³⁶⁷ Osborne é contundente, afirmando que está longe da verdade dizer que a profecia tem a ver principalmente com o futuro. Ele explica que o profeta, na Escritura, tinha caráter tanto passivo, que recebia a mensagem de Deus, como ativo, interpretando e/ou proclamando a mensagem. Dentro disso, parte da mensagem poderia ter escopo futuro.³⁶⁸ Isso posto, pode-se afirmar como Berkhof que as profecias são nem só predições da história futura, nem só intuições dos profetas quanto ao futuro, mas são meramente anúncios do que Deus revelou. Assim, além de revelar o futuro, elas servem para explicar o passado e elucidar o presente.³⁶⁹

Quando falava ao povo, não era raro que o profeta usasse simbolismos e linguagem figurada. Por sua vez, não se pode afirmar que os profetas sempre falavam assim, ou que se possa interpretar toda e qualquer profecia simbolicamente, adverte Zuck. Essa é uma interpretação válida, sim, quando há motivo para empregá-la. Quando não, o texto, submetido

³⁶⁴ SICRE, 1996, p. 412-413.

³⁶⁵ VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1987, p. 146-147.

³⁶⁶ OLIVEIRA, 1986, p. 51.

³⁶⁷ KLEIN, 1997, p. 573.

³⁶⁸ OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 338.

³⁶⁹ BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica**. Tradução de Merval Rosa. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 156.

à análise gramatical, deve ser entendido como literal.³⁷⁰ De fato, é um problema muito grande pender para qualquer lado, seja vendo tudo como símbolo ou tudo como literal, em qualquer passagem bíblica. Nesse ponto, cabe a crítica que Osborne faz àqueles que impõem seu sistema teológico aos textos. Devido a esses sistemas, por vezes teólogos tendem a ser literais ou, então, simbólicos na interpretação das profecias. Em vez disso, “o diálogo é essencial”, firma Osborne. “Ao estudar o pano de fundo e o significado do texto bíblico” usar obras de ambos os pontos de vista levará o leitor “a uma abordagem mais equilibrada que pode permitir ao próprio texto questionar a priori e [...] guiar a uma correta compreensão”.³⁷¹ Por exemplo, pode-se questionar, como Kaiser, se as previsões de Ezequiel 40-48 seriam apenas ideais e simbólicas, ou se seriam reais. Nenhuma das duas opções, conclui ele, afinal elas são simplistas demais, em face da profundidade das profecias.³⁷² Reitera-se isso, aqui. Abordar as profecias acerca de Israel apenas de uma forma, como se fossem somente espirituais ou somente literais, é muito superficial.

Isso em vista, busca-se o caminho do meio, na interpretação dos textos abordados: nem apenas literalmente, nem apenas simbolicamente. Sem dúvida, a Palavra do Senhor é muito mais profunda do que aquilo que é compreendido por apenas uma escola de interpretação.

3.1.2 Perspectiva de tempo e a esperança na profecia

Visto que a profecia não aponta apenas para o futuro, pode-se questionar como separar o elemento futuro dos anúncios acerca do presente. Muitas vezes é difícil fazê-lo justamente porque na profecia “o presente, o passado, o futuro, o declaratório e o preditivo, todos se combinam e se fundem num só”³⁷³, ou seja, a perspectiva de tempo é diferente dentro do gênero literário da profecia. Por vezes, as predições apontavam para um futuro imediato, mas traziam consigo promessas de maior alcance.³⁷⁴ Isso mostra que o fator tempo não é algo de muita influência na composição dos relatos proféticos, visto que eles aglutinavam grandes e longos eventos em períodos curtos.³⁷⁵

Para ajudar a elucidar, Cardin explica que cada anúncio profético deve ser visto como é: uma narrativa. Dentro do anúncio, os eventos aparecem em sequência, sem levar em conta o distanciamento de tempo entre cada um deles. Isso porque a maior preocupação dos profetas

³⁷⁰ ZUCK, 1994, p. 280.

³⁷¹ OSBORNE, 2009, p. 350.

³⁷² KAISER, Walter C. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 252.

³⁷³ GIRDLESTONE, 1955, p. 48. In. VIRKLER, 1987, p. 157.

³⁷⁴ MARTÍNEZ, José M. *Hermeneutica bíblica: como interpretar las Sagradas Escrituras*. Barcelona: Clie, 1984, p. 304.

³⁷⁵ BERKHOF, 1994, p. 157.

era anunciar a atuação de Deus na história, não estabelecer os acontecimentos cronologicamente e com precisão.³⁷⁶ Inclusive, os profetas podem ter visto vários acontecimentos sem, no entanto, ver nada do que aconteceu entre um e outro.³⁷⁷ Klein chama isso de “uma visão telescópica do futuro”.³⁷⁸ Por fim, esclarece muito entender que os profetas falaram de coisas futuras como se estivessem presentes ou como se tivessem passado, descrevendo como contínuos eventos dos quais não sabiam a duração.³⁷⁹

Sendo assim, Oliveira observa que fica bastante difícil ler e entender em detalhes o que o profeta recebeu por inspiração divina e registrou sobre o futuro. Possível é, na realidade, entender a mensagem geral transmitida pelo livro do profeta como um todo. Além do mais, é praticamente impossível definir a duração dos acontecimentos futuros previstos. Não poucas vezes, em um mesmo texto, estão misturadas predições acerca do futuro próximo e distante, em um mesmo texto, aparentando ter um assunto só, quando não é esse o caso.³⁸⁰

Percebe-se, então, um fenômeno que pode ser chamado de “dupla referência”. Como os profetas muitas vezes não podiam diferenciar o momento em que os eventos aconteceriam, muitas profecias fazem referência a mais de um evento em uma só narrativa.³⁸¹ Strong reitera que o sentido de certas profecias não se esgota no evento imediato a que elas se referem, mas esse período imediato se mistura com um momento futuro bem mais distante. Há profecias que têm, inclusive, mais de dois cumprimentos, os quais ainda assim não excluem uma realização última e completa, no futuro.³⁸² Cardin dá o exemplo de Isaías 7.14, que se cumpriu tanto nos dias do profeta, quanto depois, no Messias.³⁸³ Berkhof afirma ser errado procurar mais de um *significado* em uma profecia, porém correto entender que ela tenha dois ou mais *cumprimentos*. A isso o autor chama de cumprimento por etapas, em que cada etapa é a garantia do cumprimento seguinte. Por exemplo, a profecia de Joel 2.28-32, que foi cumprida em parte no Dia de Pentecostes (cf. At 2.1-21)³⁸⁴ ou, ainda, “o cenário do Reino de Deus” previsto por muitos profetas, há séculos atrás, o qual “é o mundo presente, com Jerusalém no centro e os sobreviventes de Israel como seus concidadãos”, como observa Sicre.³⁸⁵ O objetivo é que o

³⁷⁶ CARDIN, Hélder. **Hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 183.

³⁷⁷ ZUCK, 1994, p. 284.

³⁷⁸ KLEIN, 1997, p. 596.

³⁷⁹ ANGUS; GREEN, [19-?], p. 245. In. PENTECOST, J. Dwight. **Eventos del porvenir**: estudios de escatologia bíblica. Venezuela: Libertador, 1977, p. 37.

³⁸⁰ OLIVEIRA, 1986, p. 51, 53.

³⁸¹ CARDIN, 2017, p. 185.

³⁸² STRONG, Augustus H. **Teologia sistemática**: edição revisada e ampliada. Tradução de Augusto Vitorino. São Paulo: Hagnos, 2007, v. 1, p. 254-255.

³⁸³ CARDIN, 2017, p. 185.

³⁸⁴ BERKHOF, 1994, p. 160.

³⁸⁵ SICRE, 1996, p. 414.

próprio evento previsto pela profecia mostre que ela tem se cumprido, comprovando a providência divina.³⁸⁶ Isso tudo reforça que a visão teológica da história que os profetas tinham refere-se ao futuro imediato, mas também ao seu futuro distante, o qual eles não tinham certeza de como seria.³⁸⁷

Von Rad comenta que muitos profetas perceberam uma quebra da história divina que se desenvolveu até os dias deles. Para eles, essa quebra marcou o fim das coisas antigas e o início de novas e originais: “[...] uma nova aliança, um novo Moisés”, mas, além disso, “um novo êxodo”.³⁸⁸ Ou seja: ainda que não soubessem como e quando aconteceria, os profetas podiam estar seguros de que toda a história se desenvolve de acordo com o senhorio de Deus. Esse é aspecto geral ao qual a profecia aponta. Elas serviam para “[...] chamar a nação de volta a Deus, lembrando-a que Ele controla o futuro”³⁸⁹, o passado e o presente desde os primórdios do tempo, e tudo segue conforme Seu plano e decisão. Ele faz tudo avançar em direção à realização do Seu Reino eterno e “uma grande obra de salvação” (cf. Is 46.10-13).³⁹⁰

Ademais, sem a certeza do aspecto temporal, os profetas expressavam sua mensagem sempre “em termos que transcendem a possibilidade do presente”. Ou seja, quando não é possível sua realização no presente, a espera pelo cumprimento é simplesmente adiada.³⁹¹ Portanto, a proclamação ao presente e futuro podiam se misturar: a mensagem era transmitida ao público da época, mas o cumprimento dela se dava no decorrer da história, não apenas quando era proferida.³⁹² Opiniões assim reforçam que faz sentido observar a história pós-bíblica e os acontecimentos atuais em busca de possíveis mostras de cumprimentos de profecias. Obviamente, reforça Strong, só a vinda final de Cristo como Rei e Salvador perfeito pode satisfazer todas as promessas de restauração, se bem que, até lá, “cada profecia [...] encontra sua ocasião em algum evento da história contemporânea”.³⁹³

Klein objeta. Para ele, “o ensino do NT associa todos os cumprimentos proféticos com a primeira e a segunda vinda de Cristo”, o que nos instrui a não esperar nenhum cumprimento entre elas. Assim, o referido autor nega que os acontecimentos contemporâneos possam ser cumprimentos de profecias, a não ser que eles também revelem a iminência da vinda de

³⁸⁶ STRONG, 2007, p. 257-258.

³⁸⁷ SICRE, 1996, p. 414.

³⁸⁸ RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: ASTE, 2006, p. 127.

³⁸⁹ OSBORNE, 2009, p. 338.

³⁹⁰ “Una gran obra de salvación”. In. MARTÍNEZ, 1984, p. 306.

³⁹¹ STRONG, 2007, p. 253.

³⁹² HINDSON; YATES, 2014, p. 260.

³⁹³ STRONG, 2007, p. 253.

Cristo.³⁹⁴ Diante disso, a seu tempo, pergunta-se: não é iminente a volta de Cristo? “[...] a vinda do Senhor está próxima. [...] O Juiz já está às portas!” (Tg 5.8, 9). “[...] o tempo [do fim] está próximo” (Ap 1.3). Entende-se que sim, certamente os acontecimentos atuais apontam para a vinda de Cristo e para o cumprimento do propósito divino de convergir tudo Nele, para Sua glória. Por fim, o próprio Klein reitera mais tarde que, “como Deus soberano, Deus tem a liberdade de trazer o cumprimento ou o não cumprimento das profecias do AT da forma que ele quiser”.³⁹⁵ É justamente essa a afirmação feita aqui. Dessa forma, conclui-se que as profecias podem, sim, apontar para um cumprimento futuro, além daquele imediato aos autores. Mesmo assim, permanece a pergunta: há, ainda hoje, a chance de profecias estarem se cumprindo? A isso tenta-se responder na sequência.

3.1.3 Seria possível um cumprimento de profecias na atualidade?

Como visto, os profetas anunciaram e registraram predições relativas ao futuro da sua época. Stein afirma que, dentro do contexto histórico e literário de cada profecia, essas predições podem não ser para o futuro do leitor hodierno.³⁹⁶ Por outro lado, fica aberta a possibilidade de afirmar que, da mesma forma, elas sim podem ser para os dias de hoje – até mesmo para o futuro de quem as lê no presente. Nesse ponto, é muito válida a advertência feita por Von Rad acerca do risco de, após ler a profecia, observar somente eventos históricos isolados, como a historiografia os apresenta, e tentar achar paralelos e coincidências, sem levar em conta todo o contexto e a “percepção religiosa” das pessoas a quem a profecia foi dirigida. Uma vez que “esse contexto era a fé em Javé”³⁹⁷, evita-se aqui cair no erro citado. Os fatos históricos não são isolados para serem analisados, mas a eles se aponta como agir divino, de modo que sejam reconhecidos como tal. É justamente esse o objetivo da profecia, como visto acima. Afinal, “não se poderia dizer mais claramente que a prova de que Deus agiu na história, não é um fim em si mesmo, mas que tem que desempenhar um serviço: conduzir ao reconhecimento e à adoração de Javé”.³⁹⁸

Tomando esse cuidado, é seguro entender, como Osborne, que as profecias bíblicas são ambíguas, apontando para eventos históricos reais sem revelá-los completamente.³⁹⁹ Ao se concretizarem, esses eventos históricos são provas visíveis do cumprimento. Portanto, a

³⁹⁴ KLEIN, William W.; et al. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 1997, p. 598.

³⁹⁵ KLEIN, 1997, p. 604.

³⁹⁶ STEIN, Robert H. **Guia básico para a interpretação da Bíblia**: interpretando conforme as regras. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 105.

³⁹⁷ RAD, 2006, p. 720-721.

³⁹⁸ RAD, 2006, p. 720-721.

³⁹⁹ OSBORNE, 2009, p. 340.

comprovação da veracidade da profecia fica às vistas do observador, hoje, não dependendo somente de “testemunho antigo”. Além do mais, cada novo cumprimento acrescenta força ao argumento da profecia, observa Strong. Ele dá como exemplo do seu argumento o fato de os judeus, nos dias do autor, ainda estarem sem sua terra, e sua terra (Israel) sem seu povo - embora isso estivesse previsto séculos antes por Amós.⁴⁰⁰

É necessário ter sempre em mente, ao pensar no cumprimento das profecias, que nelas nem sempre foram preditos eventos particulares pelos profetas, mas sempre foram apresentadas “ideias gerais que se foram gradualmente realizando”.⁴⁰¹ Ou seja: as profecias vêm se cumprindo, em partes, no decorrer da história.⁴⁰² Isso é o que se chama de *cumprimento progressivo*. Esse termo é citado por Van Gemeren, que o emprega para se referir às promessas que continuam se desenvolvendo em cada período histórico, desde o início da história, passando pelo exílio, pós-exílio e era da Igreja. Fato é que essas promessas se referem à ação de Deus “ao longo da história” e mostram que “há uma progressão” delas, que as vai renovando conforme a era em que se está.⁴⁰³ Pode-se assim resumir: ao fato de que a profecia pode se cumprir tanto imediatamente após seu anúncio, como muito depois, e de que o profeta vê juntos os fatos que se cumprem separadamente, acrescenta-se que a profecia pode se cumprir sucessivamente.⁴⁰⁴

Ventiladas essas questões, por ora conclui-se que grande parte das profecias é de anúncios quanto ao futuro, mas não somente deles. Os profetas recebiam revelações de Deus com significados ao mesmo tempo imediatos e futuros à sua época, os quais eram anunciados em conjunto e, de certa forma, misturavam-se. Esse fator, junto do objetivo geral da profecia – fazer a ação de Deus conhecida na história – deixa aberta a possibilidade de que até hoje há profecias em cumprimento progressivo. Seria esse o caso das profecias de Amós, Ezequiel e Zacarias analisadas no capítulo 2? A isso volta-se a atenção a seguir.

3.2 À luz das profecias acerca da restauração de Israel

3.2.1 Amós

Foi visto que o contexto da mensagem de Amós era a insatisfação do Senhor com o pecado do povo. Israel tinha de manter um padrão moral mais elevado que as demais nações, e falhara com isso. Ainda assim, eles acreditavam na proteção constante de Deus apenas por serem israelitas. Dentro do trecho observado, especificamente Amós 9.9-10, Deus contraria

⁴⁰⁰ STRONG, 2007, p. 249-251.

⁴⁰¹ BERKHOF, 1994, p. 156.

⁴⁰² STRONG, 2007, p. 251.

⁴⁰³ GEMEREN, 1990, p. 82-83. *In.* OSBORNE, 2009, p. 340.

⁴⁰⁴ ORELLI, [19-?], p. 2459. *In.* PENTECOST, 1977, p. 36.

essa ideia errada do povo, prometendo que iria peneirar todo o Israel. Pusey afirma que o significado disso é que o povo de Israel seria brutalmente chacoalhado e levado de lá para cá, não só entre as nações, mas em *todas* as nações. É visto que para praticamente todas as nações do mundo, os judeus foram lançados. “Toda a terra é, por assim dizer, uma vasta peneira nas mãos de Deus, na qual Israel é sacudido de um limite a outro” sem, no entanto, que nenhum grão sequer se perdesse (v. 9b). Deus, em todo o tempo, manteve Seus olhos sobre cada um do Seu povo. O objetivo desse processo é que os pecadores, figurados pela poeira e palha dentre os grãos, perecessem - mesmo que se sentissem seguros da sua salvação (v. 10).⁴⁰⁵

Os detalhes de como se dá esse processo são difíceis, senão impossíveis de afirmar, do ponto de vista humano. Nem por isso se pode negar que Deus já havia planejado e permitido situações parecidas antes, de forma pedagógica (cf. o livro de Juízes, em especial 3.8,12; 4.2; 6.1-2, por exemplo). Portanto, o cuidado de Deus com Israel inclusive após o domínio romano poderia ter sentido pedagógico, também. Feinberg alega: “Com que clareza e precisão essas palavras descrevem a condição de Israel, especialmente desde que no ano 70 d.C. os romanos destruíram Jerusalém”. Durante tudo isso, fica claro o cuidado divino com Israel, acrescenta ele. Essa explicação, então, seria a única plausível à preservação na Diáspora e na perseguição que os judeus vêm sofrendo.⁴⁰⁶

Até os dias de Amós, repetia-se a situação de o povo se afastar de Deus e Ele, em punição, retirar sua bênção deles. Justamente dentro de uma dessas repetições é que as punições anunciadas por Amós se encaixam. Por sua vez, o v. 15 aponta para um fim desse ciclo: Deus não deixaria mais Seu povo, e este não seria mais arrancado da sua terra. Aqui, Boice destaca que é difícil entender o versículo como tendo se cumprido após o cativo babilônico ou, então, nos dias de glória do reino de Salomão. Amós escreveu muito tempo depois de Salomão, e a promessa foi futura. Além disso, em ambos os períodos Israel não foi alvo de todas as bênçãos especificadas pela profecia de Amós.⁴⁰⁷ Diante disso, faz sentido entender que o cumprimento de tais promessas seria depois dos períodos citados. Walvoord reforça isso. Inclusive, ele é da opinião de que algumas dessas profecias são de cumprimento atual, visto que o texto promete que assim que estabelecido, Israel não mais seria desarraigado de sua terra. Então é óbvio que Israel não havia possuído sua terra de forma permanente, já que as duas dispersões anteriores

⁴⁰⁵ PUSEY, 1963, p. 334-335.

⁴⁰⁶ FEINBERG, 1988, p. 121.

⁴⁰⁷ BOICE, 1986, p. 180-181.

(cativeiros assírio e babilônico) foram seguidas por uma terceira, a Diáspora. Portanto, é prometido um terceiro e último ajuntamento, em conexão com a Segunda vinda de Cristo.⁴⁰⁸

Quanto à restauração da terra de Israel e de sua fartura descritos em Amós 9.13-15, não há dúvidas de que isso tudo se completará quando Cristo retornar. Que se *completarão* com o retorno de Cristo, está declarado, mas nada indica que *começarão* a se cumprir apenas naquele momento. Pelo contrário, levando em conta o cumprimento progressivo das profecias, pode-se interpretar esse texto de Amós como tendo seu cumprimento iniciado com o retorno do exílio, desenvolvendo-se até agora, cujo consumir será futuro. Pode-se concluir, como Pusey, que os israelitas que foram cativos para a Babilônia receberam uma pequena sombra do cumprimento dessa profecia, na ocasião do seu retorno de lá.⁴⁰⁹ É difícil compreender a aliança Abraâmica (as promessas de retorno do povo à terra de Israel) como tendo se cumprido totalmente nos tempos bíblicos, seja em Josué, Salomão, ou após o exílio, da forma permanente colocada por Amós 9.13-15. É mais provável que esses períodos no AT tenham sido cumprimentos parciais, mas não totais da promessa. Assim como Israel realmente foi ao Egito e Deus os tirou de lá, assim como Israel realmente foi exilado pelo Assírios e Babilônios, sendo trazido de volta pelo Senhor, e assim como Israel foi espalhado entre as nações, a Bíblia também promete o retorno deles à sua terra. Faz sentido entender que isso deva ocorrer de forma também real.⁴¹⁰ Sobre Amós 9.15, Morgan aponta que Deus promete que manteria Seu plano original de plantar Seu povo na terra, para que esse não mais pudesse ser arrancado dali. Isso explicita não a ausência de ataques, mas a segurança garantida por Deus contra todos os inimigos⁴¹¹ - e esses são abundantes, até hoje, como referido no capítulo primeiro.

Detalhes assim são tão convincentes para confirmar a veracidade e atualidade da Palavra, quanto para levar o leitor a pensar seriamente sobre um possível cuidado de Deus sobre Israel ainda hoje. Observa-se a seguir o segundo texto abordado, também com detalhes muito valiosos.

3.2.2 Ezequiel

Foi afirmado no capítulo 2 que a expressão “...então saberão que eu sou o SENHOR”, resume de forma básica a mensagem central de Ezequiel. Vindo ao encontro do que foi observado acerca do texto de Amós, uma das maneiras pelas quais essa mensagem central há de ser reconhecida é “pela preservação e restauração final do povo da aliança, as quais tiveram

⁴⁰⁸ WALVOORD, 1991, p. 94-95.

⁴⁰⁹ PUSEY, 1963, p. 340.

⁴¹⁰ WALVOORD, 1991, p. 86-87, 124.

⁴¹¹ MORGAN, 1960, p. 54.

cumprimento parcial na volta do ‘Remanescente’ com Esdras e Neemias e ainda estão sendo cumpridas na maravilhosa preservação de Israel [...]", assevera Baxter.⁴¹²

Percebe-se a necessidade de uma restauração territorial tanto quanto da populacional quando é considerado o que segue: no relato de Ezequiel, ao derrotarem os hebreus e tomarem suas cidades, em especial a capital Jerusalém com o templo, as nações inimigas criam que haviam derrotado o próprio Deus dos hebreus, ou mostrado que Ele não se importava com Seu povo. Por isso Deus se mostraria real e restituiria Seu povo do exílio à própria terra, mesmo em condições tão improváveis.⁴¹³ Klein consolida a ideia ao afirmar que a tomada da terra agora também seria em cumprimento da promessa a Abraão - e não apenas para as demais nações reconhecerem ao Senhor, mas para o próprio Israel rebelde reconhecer seu pecado e a bondade de Deus. “Ao manifestar sua santidade, Javé cria um resto purificado como testemunho perante as nações”, encerra ele.⁴¹⁴

Quanto ao momento de realização disso, Zuck declara que é inegável que em certo sentido a profecia de Ezequiel tenha se cumprido com o retorno dos exilados. Ainda assim, observando o contexto geral da profecia, fica “claro que em nenhum momento na história todas as condições ocorreram para dar à profecia cumprimento completo”.⁴¹⁵ Isso é ainda mais intrigante quando se observa o aspecto espiritual das bênçãos prometidas por Deus. Para ser um “resto purificado”, Israel não só receberia bênçãos populacionais e territoriais, como também espirituais. É disso que falam os versículos 26 e 27 de Ezequiel 36. Taylor afirma que essa passagem, a qual fala da purificação completa dos pecados e do novo coração, há de se cumprir na era messiânica.⁴¹⁶ Hindson e Yates concordam, citando esse trecho como cumprido na Nova Aliança. O dom do Espírito que capacita à obediência foi recebido (cf. Mt 11.28, 1 Co 11.25, Hb 8.7-10).⁴¹⁷ O que se questiona é: visto que essa parte da profecia foi cumprida, por que não poderia haver mais partes dela que também o foram? À luz do que afirma Berkhof, teria se cumprido o derramar do Espírito Santo e a restauração em parte de Israel e Jerusalém, enquanto o restante do prometido (paz, idosos, crianças correndo) aguarda a paz futura⁴¹⁸ nos dias do Messias. Essa restauração parcial de Israel, hoje, marca “o início dos últimos dias, a era do Messias”, afirma Taylor.⁴¹⁹

⁴¹² BAXTER, 1995, p. 16-18.

⁴¹³ ANDRADE, 2004, p. 218, 219.

⁴¹⁴ KLEIN, 2012, p. 144-145.

⁴¹⁵ ZUCK, Roy B. (edit.). **Teologia do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 410.

⁴¹⁶ TAYLOR, 1984, p. 208, 209.

⁴¹⁷ HINDSON; YATES, 2014, p. 278, 290-291.

⁴¹⁸ BERKHOF, 1994, p. 120.

⁴¹⁹ TAYLOR, 1984, p. 208-209.

Stein adverte quanto ao uso de linguagem “cósmica” e simbólica, como faz Isaías ao profetizar o julgamento da Babilônia em Isaías 13. Num caso assim, a linguagem é figurada e não deve ser interpretada literalmente. O significado é que “Deus traria julgamento sobre a Babilônia”.⁴²⁰ Por sua vez, não parece ser esse o caso das profecias analisadas na presente pesquisa. Aos que asseveram um cumprimento apenas espiritual delas, responde-se que, se parte da profecia se cumpriu literalmente (o novo Espírito dado por Deus), como é consensual entre mais autores, “podemos esperar que as [partes que] ainda estão por cumprir aconteçam da mesma forma, literalmente”.⁴²¹ Parece ser esse o caso, por sinal, da transformação da terra de Israel à semelhança do jardim do Éden. Segundo Mesquita, isso já tem começado a ser cumprido, com o cultivo e cuidado dos judeus que lá habitam hoje.⁴²² Como exposto, isso não dispensa a possibilidade de um sentido espiritual da profecia – ao mesmo tempo que não é excluído seu sentido literal.

3.2.3 Zacarias

Foi asseverado acima que, após o retorno do Exílio, surgiram questionamentos acerca dos jejuns que eram feitos, e que Zacarias pregou nesse momento contra a hipocrisia de culto do povo.⁴²³ Parece que, se ainda eram necessários sermões para o arrependimento do povo e obediência de coração, não havia se cumprido o que Ezequiel predisse acerca do novo coração completamente obediente (cf. Ez 36.25-27).

Há quem afirme que as bênçãos retratadas por Zacarias (8.1-6) existiram no período dos Macabeus. Pfeiffer concorda que alguns dos aspectos delas, sim, cumpriram-se no momento citado. No entanto, essa época e o que ela trouxe não foi suficiente para realizar as profecias completamente. Depreende-se, como esse autor, que “elas aguardam seu cumprimento no reino do Messias”.⁴²⁴

Observando o contexto de Zacarias, Von Rad afirma que o entendimento do profeta e a mensagem anunciada era que, até aquele momento, Israel estava em grande desgraça, tendo em vista a destruição do templo e o exílio. A pregação de Zacarias marcava, no entanto, que havia chegado “o tempo da salvação”, iniciado pela reconstrução do templo. Para o profeta e seus contemporâneos, “a grande mudança para o último evento salvífico foi encaminhada através de um acontecimento que ocorreu no âmbito da história geral”.⁴²⁵ Ou seja, todo o ocorrido na volta

⁴²⁰ STEIN, 1999, p. 98.

⁴²¹ ZUCK, 1994, p. 286.

⁴²² MESQUITA, 1980, p. 120.

⁴²³ DILLARD, 2006, p. 415.

⁴²⁴ PFEIFFER, 1999, vol. 3, p. 369.

⁴²⁵ RAD, 2006, p. 705.

do exílio marcou o *início* das bênçãos profetizadas, as quais estão em realização até hoje, e cada vez mais, apontando para esse derradeiro evento salvífico. Um detalhe que reforça essa ideia é a questão do espalhar do povo. Pusey observa que os israelitas haviam sido exilados na Babilônia, a leste de Israel, e outros haviam migrado ao Egito, que é ao oeste. Assim, ainda estava por acontecer, no futuro, a dispersão aos quatro ventos, assim como a reunião por obra do Senhor.⁴²⁶ Mesmo após o retorno do exílio e da reconstrução do templo, permanecia a expectativa de Israel ser uma nação reunida. Kaiser comenta que um pensamento assim, aliado à sua data (bom tempo depois do exílio, cf. registrado em Zc 10.9-12) deixa claro que tais promessas não eram meramente espirituais. “Ao contrário, esta esperança [do reajuntamento] sempre queimava com mais brilho, quanto mais Israel se tornava mais e mais desesperadamente espalhado”.⁴²⁷

Feinberg afirma que os acontecimentos nacionais com Israel nunca são vistos pelas Escrituras como “ocorrências diferentes, distintas e separadas, mas como elos numa cadeia ou como fases num plano que se encaminha para um majestoso e magnífico finale”. Tudo o que vinha e vem acontecendo com Israel aponta e conduz para o tempo do Messias.⁴²⁸ Zacarias previu a glória dos “dias futuros, que ainda aguardam cumprimento final, mas que, até certo ponto, foram cumpridos na história da restauração”.⁴²⁹ Portanto, o que se vê hoje é uma “pré-estreia”, nas palavras de Feinberg, da volta dos judeus da dispersão que há de consumir a profecia do capítulo 8. Esse autor nega que as terras do Leste e Oeste (Zc 8.7) sejam a Babilônia e o Egito apenas, mas sim que são os quatro cantos da terra (cf. Is 11.11-12; Ez 37.21; Am 9.14-15), enquanto o retorno do exílio foi de terras ao oriente da Palestina, apenas.⁴³⁰ Baron categoricamente acrescenta que nunca dos dias do profeta havia acontecido tal restauração, de judeus de toda a terra. Aliás, a promessa registrada por Zacarias não se referia ao seu presente. Ele próprio fazia parte do grupo de cativos libertos que cumpria a promessa de retorno da Babilônia, e a profecia do capítulo 8 foi escrita falando do futuro. Além disso, Baron observa que a completa dispersão do povo judeu aconteceu somente por ocasião da destruição romana de Jerusalém, quando eles foram realmente espalhados aos quatro ventos. Isso não acontecera no exílio babilônico.⁴³¹

⁴²⁶ PUSEY, 1963, p. 386.

⁴²⁷ KAISER, 1996, p. 263.

⁴²⁸ FEINBERG, 1988, p. 262.

⁴²⁹ MEYER, 1987, p. 59.

⁴³⁰ FEINBERG 1988, p. 262, 291.

⁴³¹ BARON, David. *The visions e prophecies of Zechariah*. Michigan: Kregel, 1975, p. 238.

Portanto, entende-se que o cumprimento da profecia de Zacarias teve início com o retorno do povo do exílio, e só será cumprida de maneira completa quando Jesus Cristo retornar. O nascimento desse mesmo Jesus fora prometido de antemão, e, aos olhos humanos, demorou muito tempo para acontecer. Essa demora, observa Baron, foi proposital da parte de Deus com o objetivo de que as pessoas entendessem que o cumprimento fora sobrenatural e orquestrado pelo Senhor. De maneira semelhante, quanto às promessas de restauração futura, Israel e as nações as receberam como naturalmente impossíveis, de forma que Deus mostre cada uma se cumprindo de forma sobrenatural, de acordo com Seu próprio desígnio.⁴³²

Não é difícil entender, assim, que essas profecias prometem um cuidado divino sobre Israel, e que isso não se daria apenas no retorno do exílio babilônico, mas acontece ainda hoje. Por sua vez, surge um impasse: onde entra a Igreja nessa história? Se o povo judeu ainda está sendo cuidado, pode-se dizer que eles foram substituídos pela Igreja? Aborda-se isso a seguir.

3.2.4 Relação Israel x Igreja

Sustenta-se que Igreja nunca substituiu Israel, mas sim que foi *acrescentada* a este. Todos os gentios que, pela fé, se tornam filhos de Abraão (Rm 4.11) passam a fazer parte também de Israel, observa McDermott. Em nenhum momento os autores do NT referem-se à Igreja como Novo ou Verdadeiro Israel, e quando falam de Israel fazem menção à nação/país nunca de forma figurada.⁴³³ Isso mostra que a Igreja não substituiu, mas deu continuidade ao Israel piedoso, o remanescente que Deus reservou. Esse remanescente, se antes era apenas de judeus, não seria mais. Em vez de ser composto por aqueles que creem apenas em Javé, o seria pelos que “crêem (sic) na justiça de Deus em Cristo”. Com a metáfora da oliveira, em Romanos 11, Paulo quis mostrar a unidade de Israel com a Igreja.⁴³⁴ Ryrie lembra que Jesus afirmou, em Mateus 21.43, que o Reino seria tirado dos judeus e dado a quem produzisse frutos do Reino. De fato, o Reino que foi tirado dos judeus é o Reino que Jesus veio instaurar, o reino na esfera da verdadeira fé em Deus, uma vez que somente quem nasce de novo pode entrar nele (Jo 3.3). Simultaneamente, esses a quem o Reino seria dado são “qualquer geração que se volte a Cristo”, inclusive à “nação de Israel, quando ela se voltar ao Senhor e for salva”.⁴³⁵

⁴³² BARON, 1975, p. 233, 236.

⁴³³ MCDERMOTT, 2018, p. 29, 49-54.

⁴³⁴ ZABATIERO, 1985, p. 47-108. Disponível em: <http://www.repci.co/repositorio/handle/123456789/336>. Acesso em: 21 abr. 2021, p. 85, 86, 88.

⁴³⁵ “Cualquier generación que se vuelva a Cristo [...] nación de Israel cuando ella se vuelva al Señor y sea salva”. RYRIE, 1953, p. 70-73. In. PENTECOST, 1977, p. 70.

Mesmo Paulo não afirmava que havia separação, mas união entre judeus e gentios. Na realidade, ele “ensina a expansão do Israel judaico para incluir os gentios”.⁴³⁶ A ênfase dada por ele a Romanos 11 é de que Israel é a oliveira natural, e a essa oliveira natural os gentios foram acrescentados para darem bom fruto, ao mesmo tempo que os judeus que não creem são cortados. É o mesmo procedimento que acontecia no AT: israelitas que não se sujeitavam ao Senhor eram “cortados”, como Acã, e gentios que criam no Deus de Israel eram “enxertados”, como Raabe e Rute. Partindo daí, hoje, mesmo tendo os judeus descrentes sido desligados da oliveira natural, ainda há uma esperança de redenção para eles, visto que “Deus é capaz de enxertá-los outra vez” (Rm 11.23).⁴³⁷ De forma simples, enquanto Israel continua a ser referência ao povo judeu no NT, os gentios podem se tornar participantes das bênçãos prometidas àqueles.⁴³⁸

Mas as promessas feitas a Abraão não têm sido cumpridas de forma espiritual na Igreja, já que ela é composta pelos filhos de Abraão (cf. Gl 3.7; Rm 4.11)? Não, afirma Zuck. Assevera ele que todos os crentes desde Abraão são chamados seus filhos pois foram salvos pela fé, como o patriarca (Rm 4.1-3, 9-13). As promessas feitas à descendência natural de Abraão quanto à posse perpétua da terra não são as mesmas promessas feitas à Igreja.⁴³⁹ Diante dessa confusão entre Israel e Igreja, Pentecost garante que no NT tanto os gentios como a Igreja se contrastam com Israel, e nenhum deles suplanta a Israel no plano divino (cf. At 3.12; 21.28; Rm 10.1; 11; 1 Co 10.32). Também afirma que os cristãos gentios e judeus se contrastam no NT (cf. Rm 9.6, Gl 6.15-16). O referido autor afirma que Deus retirou Israel da sua posição de bênção por certo tempo, mas o restaurará a essa posição assim que Seu plano com a Igreja for terminado. Isso posto, concorda-se que “qualquer relação que a Igreja tenha com as promessas, está embasada, não no nascimento físico, senão em um novo nascimento, e é sua porque os indivíduos estão ‘em Cristo’”.⁴⁴⁰

Vale ressaltar que desde o início o papel de Israel no mundo antigo era missiológico. Desde Abraão, chamado para abençoar todas as nações da terra, e através da história dos hebreus, eles tinham função sacerdotal entre os demais povos (cf. também Sl 96).⁴⁴¹ Há passagens do NT que atribuem essa função sacerdotal à Igreja (cf. Rm 12.1; 1 Pe 2.9). É simples

⁴³⁶ MCDERMOTT, 2018, p. 55.

⁴³⁷ SAYÃO, 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

⁴³⁸ DOLAN, 1993, p. 37.

⁴³⁹ ZUCK, 1994, p. 282.

⁴⁴⁰ “Cualquier relación que la Iglesia tenga con las promesas, está basada, no en el nacimiento físico, sino en un nuevo nacimiento, y es suya porque los individuos están ‘en Cristo’”. In. PENTECOST, 1977, p. 68, 69.

⁴⁴¹ SAYÃO, 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

entender que essas passagens não significam que Israel perdeu o papel de sacerdote, mas que a Igreja passou a fazer parte dele.

De onde vem, então, o *substitucionismo*, isto é, a ideia de que a Igreja substituiu completamente Israel, inclusive como alvo das bênçãos prometidas por Deus? Como se chegou a essa conclusão equivocada?

É necessário fazer uma retrospectiva até os tempos de dominação romana sobre os judeus. Os judeus agiam de forma pelo menos apática, se não rebelde, com os dominadores romanos. Esses não eram bajulados ou reverenciados. Sua prática comum de colocar as estátuas do seu panteão no templo do território dominado, em Israel não funcionou: os judeus preferiam ir à guerra, ser mortos, do que permitir que o templo fosse profanado. Mais ainda, os judeus adoravam a um Deus invisível, comiam de maneira diferente, negavam-se a trabalhar em um dia da semana e a adorar ao imperador romano. Isso gerava descontentamento e desprezo nos romanos.⁴⁴²

Notavelmente, os judeus não renunciavam a suas crenças. Exemplo disso são os últimos sicários revoltosos em 70 d.C. que, capturados e severamente torturados para que reconhecessem César como senhor, permaneciam totalmente determinados, nem mesmo chegando perto de ceder. Após esmagada essa revolta, o imperador romano continuou “[...] suspeitando da interminável tendência dos Judeus para a revolução e receando que pudessem reunir-se em força e arrastar outros consigo [...]”. Ele não estava errado. Suas suspeitas se tornaram fatos em 132 d.C., quando os judeus se rebelaram novamente, liderados por Bar Kochba,⁴⁴³ como comentado no capítulo 1. Kochba era um líder revoltoso messiânico que convidou o povo judeu na sua luta contra o Império Romano. Os cristãos não se juntaram, porque sabiam que o Messias era Cristo, não qualquer outro. A partir daí, intensificou-se a separação entre judeus e cristãos,⁴⁴⁴ ainda mais que após a diáspora causada pelos romanos em 135 d.C. era perigoso ser judeu.⁴⁴⁵ E o perigo era real. Josefo relata que era sabido que, assim que capturado, qualquer sicário era sumariamente executado, ainda mais que nas revoltas de 66-70 d.C., após a queda da fortaleza de Massada, ainda alguns Sicários revoltosos haviam fugido ao Egito. Onde quer que estivessem, lideravam revoltas e rebeliões contra Roma e seu

⁴⁴² SAYÃO, Luiz. **Israel ontem e hoje**. Projeto Crer, [S.l.], 10 jun. 2019, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7d1yiQcVyI>. Acesso em: 13 mar. 2021.

⁴⁴³ JOSEFO, 2013, p. 470-471.

⁴⁴⁴ SAYÃO, Luiz. **Israel nas Escrituras - O Mistério do Povo Judeu - Romanos 11** | Luiz Sayão | IBNU. Igreja Batista Nações Unidas, São Paulo, 14 mai. 2017, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=brT5bDqLazA>. Acesso em: 15 mar. 2021.

⁴⁴⁵ MCDERMOTT, 2018, p. 27.

paganismo, arrastando consigo muitas pessoas, por vezes inocentes.⁴⁴⁶ Os revoltosos de Bar Kochba teriam essa mesma fama e o mesmo destino de execução certa. Não é difícil compreender que eles logo seriam relacionados com qualquer judeu. Portanto, quem quisesse permanecer em segurança, que os abominasse, e os cristãos passaram a dissociar-se de tudo o que os ligava aos judeus.⁴⁴⁷

Quando o cristianismo se tornou a religião oficial de Roma, passou-se a ler o NT de forma crítica aos judeus. De fato, o NT critica-os, mas simplesmente porque não aceitaram o Messias - já o cristianismo romano, misturado com outras tradições, passa a criticá-los de forma étnica.⁴⁴⁸ Os pais da Igreja, em maioria, buscaram desassociar a igreja cristã dos judeus, no séc. I, pregando o substitucionismo e que Deus havia amaldiçoado os judeus por rejeitarem a Cristo como Messias, e por haverem-no crucificado.⁴⁴⁹ Cresce então na igreja o ódio aos judeus, o qual culmina no antissemitismo - o qual levou a própria Igreja a perseguir e matar judeus inúmeras vezes na história, inclusive em meios protestantes.⁴⁵⁰

Um argumento muito usado é o seguinte: ao que parece, Gálatas 3.28 derruba as diferenças entre gentios e judeus. No entanto, o mesmo autor dessa carta afirma em diversas outras que outras distinções, por exemplo, entre homens e mulheres, não foram eliminadas por Cristo, mas cada um tem um papel diferente. Pode-se entender, então, que a unidade na diversidade da Igreja deve se dar também nesse aspecto: gentios e judeus convivendo *apesar* de suas diferenças – as quais não deixam de existir⁴⁵¹ (cf. também Rm 11.17-24).

Enfim, reitera-se que hoje se vive na Nova Aliança e que o acesso a ela é alcançável por qualquer pessoa (judeus e gentios), por meio de Cristo somente. Não se afirma aqui que os judeus serão salvos devido à descendência física, senão que o podem ser apenas mediante a fé em Cristo. O cuidado com Israel, então, não é *porque* eles serão todos salvos, mas *para que* sua atenção seja chamada a Deus. Essa seria, assim, mais uma demonstração do poder de Deus, por causa do Seu Santo Nome. A fidelidade divina permanece, apesar da humana.

⁴⁴⁶ JOSEFO, 2013, p. 470.

⁴⁴⁷ MCDERMOTT, 2018, p. 27.

⁴⁴⁸ SAYÃO, 2019, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7d1yiQcVyI>. Acesso em: 13 mar. 2021.

⁴⁴⁹ DOLAN, 1993, p. 37.

⁴⁵⁰ SAYÃO, 2017, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=brT5bDqLazA>. Acesso em: 15 mar. 2021.

⁴⁵¹ MCDERMOTT, 2018, p. 106-107, 142.

3.3 À luz do Fenômeno Israel

3.3.1 A importância da terra de Israel para o povo judeu

Foi visto até aqui que há “profecias do Antigo Testamento que prometem um grande livramento ao Israel étnico, um retorno da nação ao Senhor e um final completo do exílio”.⁴⁵² Também foi citado anteriormente que os judeus, enquanto estivessem na Diáspora, sofreriam com o antissemitismo e nunca estariam em casa. Sua condição “[...] era inatural e anormal: sem território, eles não tinham substância [...]”.⁴⁵³ Juntando esses fatores, vê-se que há uma importância especial na terra de Israel (na região da Palestina) para o povo judeu, que entendem que ela foi prometida por Deus a eles, já que eles são descendência de Abraão. No entanto, quando isso é afirmado, surge o questionamento acerca do porquê de ser tão importante justamente aquela área de terra. O que tem a terra de Israel de tão especial e importante para os judeus?

Muitos judeus acreditam no Deus de Israel e estão convictos de que Ele lhes deu direito eterno sobre a Terra Prometida, quando a prometeu a Abraão (cf. Gn 17.8; 48.4; Sl 105.8-11). Dolan observa que se a terra foi prometida à descendência de Jacó, e que tal direito não teria fim, ele realmente não tem, inclusive quando essa descendência não se encontra na terra.⁴⁵⁴ Afinal, a posse contínua da terra não foi prometida por Deus, mas o direito a ela, sim (cf. Jr 12.14-17; 16.15). Desse modo, o povo e a terra estão sempre associados pela promessa divina desta àqueles, mesmo quando um está longe do outro - assim como corpo e alma, que mesmo estando temporariamente separados pela morte, esperam a reunião futura, confirma McDermott.⁴⁵⁵ Zuck acrescenta que a promessa da terra para Abraão e sua descendência, que foi incondicional, perderia sua significação se as promessas de restauração do povo não estivessem ligadas à Terra Prometida também.⁴⁵⁶ Quando o Senhor estabeleceu Sua aliança com Abraão e o prometeu a terra de Canaã, o próprio Senhor tomou toda obrigação para Si. Isso posto, já que Israel não possui toda aquela extensão territorial, “devemos considerar as promessas da aliança Abraâmica acerca da terra de Israel como incondicionais e ao mesmo tempo futuras”.⁴⁵⁷

⁴⁵² FERREIRA, 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁴⁵³ “It always existed and always would, primarily because the Jews' condition was unnatural and abnormal: lacking territory, they lacked substance [...]”. In. MORRIS, 2001, p. 17 apud VITAL, 1975, p. 179.

⁴⁵⁴ DOLAN, 1993, p. 239, 241.

⁴⁵⁵ MCDERMOTT, 2018, p. 83, 43.

⁴⁵⁶ ZUCK, 2009, p. 410.

⁴⁵⁷ ZUCK, 1994, p. 278.

Taylor observa que, na promessa de restauração do povo e da terra dada por meio de Ezequiel, três aspectos principais destacam-se: Deus proveria um líder abençoado por Ele e que o representasse (o Messias), proveria uma terra abençoada e o povo renovado e purificado para habitá-la. Nessa ordem percebe-se o contato próximo que tinha um povo com sua terra, no contexto da profecia de restauração. A seu tempo, isso é devido às alianças Abraâmica e Mosaica quanto à terra, e a escolha feita por Deus para habitar Sião de modo especial. Nada disso caracteriza Deus como materialista, mas tão somente como um Deus que tem autoridade sobre toda a criação e toma uma parte dela para si (da mesma forma que Ele faz com o tempo, santificando um dia da semana, ou com o dízimo, no qual parte dos rendimentos são seus). Portanto, mais uma vez a terra de Israel pode ser vista pelo povo como “um tipo de terreno de Deus no mundo” e que o “bem-estar desse terreno estava intimamente vinculado ao bem-estar do povo de Deus que o habitava”.⁴⁵⁸ Justamente por isso, e “se é verdade, conforme diz a Bíblia, que o Deus de Israel vinculou para sempre o Seu nome àquela minúscula faixa de terra disputada, [...] é isso que torna esse conflito tão diferente de qualquer outro”.⁴⁵⁹

No NT, o mesmo termo com o qual a LXX se refere ao retorno dos judeus do mundo inteiro a Israel é usado por Pedro ao falar da restauração (*apokatastasis*) esperada para a terra de Israel (cf. At 3.21). Provavelmente, Jesus também se referia à terra de Israel e não ao mundo quando falou as bem-aventuranças (Mt 5.5), uma vez que estava citando o Salmo 37, no qual o salmista refere-se seis vezes à terra de Israel como território, e não ao mundo.

McDermott sugere ainda que a encarnação, no sentido do divino se fazer presente na matéria, teve seu ápice em Cristo, mas também é representada na terra de Israel. Nela haveria a presença especial de Deus e ela seria a prova de que Ele cumpre Suas promessas. Assim como prometeu o Messias e de fato enviou-o depois, Deus prometeu restituir o povo à sua terra.

Por fim, entende-se que a terra de Israel é importante devido à promessa divina que a conecta com o povo judeu: “Deus prometera duas coisas a Abraão, e ambas seriam ‘eternas’: uma descendência e uma terra (Gn 17.7,8)”.⁴⁶⁰ Como essa foi uma promessa incondicional da parte do Senhor, o próximo passo é tentar entender se Ele tem de fato, ou não, cuidado do povo judeu como descendência natural de Abraão. Se sim, de que formas isso tem acontecido?

⁴⁵⁸ TAYLOR, 1984, p. 204.

⁴⁵⁹ DOLAN, 1993, p. 274.

⁴⁶⁰ MCDERMOTT, 2018, p. 59, 108, 150-151.

3.3.2 Cuidado divino

Ao que tudo indica, há, sim, esse cuidado da parte de Deus, e “há sinais claros de que [...] Deus colocou Israel onde ele está hoje”.⁴⁶¹ Não há como explicar Israel e a sobrevivência do povo judeu naturalmente, observa Sayão. Não há nenhum povo que, tendo perdido sua terra e sido disperso, ainda assim tenha mantido sua língua e cultura como eles.⁴⁶² Conforme Erickson,

Um exemplo muito citado de revelação de Deus na história é a preservação do povo de Israel. Essa pequena nação vem sobrevivendo ao longo de séculos, em ambientes basicamente hostis, muitas vezes em face de severa oposição. Quem investigar os registros históricos encontrará um padrão notável.⁴⁶³

De fato, há detalhes históricos bastante intrigantes. Alguns deles podem ser observados nos eventos relatados no capítulo 1. Ademais, McDermott cita que o sétimo conde de Shaftesbury, Inglaterra, político e filantropo (1801-1885)⁴⁶⁴, comentou que tão logo a Inglaterra passou a acolher os judeus (ca. Séc. XVI), assim como o fez a Holanda, ambas passaram a prosperar. Por sua vez a Espanha, antes muito poderosa, decaiu drasticamente assim que expulsou os judeus em 1492. Isso teria ligação com Gênesis 12.3: quem abençoasse Israel seria abençoado, e quem os amaldiçoasse seria amaldiçoado.

Além disso, o renascimento do Estado de Israel e o retorno em massa dos judeus são sem precedentes. De modo enigmático esses fatos confirmam as profecias do AT e as antecipações do NT, e a sobrevivência de Israel comprova a atuação da graça de Deus. “Por cerca de três milênios, nações e impérios tentaram eliminar os judeus e Israel, mas, milagrosamente, Israel sobreviveu - e até prosperou” como resultado da providência protetora de Deus.⁴⁶⁵

Quanto às tentativas de obliteração do povo judeu, observa-se que há por detrás uma tentativa *espiritual* de destruição do povo de Deus. A ideia é que, se o povo de Deus for destruído, a Bíblia se torna um livro falso porque ela promete que Deus cuidará do seu povo. Como os judeus não foram destruídos, mas cuidados, comprova-se a palavra de Deus de que Ele sustenta Israel e não desiste do seu povo escolhido até hoje.⁴⁶⁶ Chama a atenção, em se

⁴⁶¹ MCDERMOTT, 2018, p. 115.

⁴⁶² SAYÃO, 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

⁴⁶³ ERICKSON, 1997, p. 42.

⁴⁶⁴ WESTMINSTER ABBEY. *Anthony Ashley-Cooper, 7th Earl of Shaftesbury*. Londres: [s.n.], 2021.

Disponível em: <https://www.westminster-abbey.org/pt/abbey-commemorations/commemorations/anthony-ashley-cooper-7th-earl-of-shaftesbury>. Acesso em: 18 jun. 2021.

⁴⁶⁵ MCDERMOTT, 2018, p. 68-69, 114, 168.

⁴⁶⁶ SAYÃO, 2017, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=brT5bDqLazA>. Acesso em: 15 mar. 2021.

falando desse cuidado, o reagrupamento de judeus do mundo todo a partir do séc. XIX, em especial após sua quase aniquilação no Holocausto, e a sequente formação do Estado de Israel.⁴⁶⁷

Conforme o panorama do capítulo 1, vê-se que sobrevivência judaica é muito estranha, ainda mais quando se constata que eles são um povo perseguido. Ferreira questiona retoricamente: “qual é o propósito da Providência em conservar esse povo?”⁴⁶⁸ Pode-se afirmar que é cumprir as profecias como Isaías 2.1-4, 56.7 e Apocalipse 7.9⁴⁶⁹, além daquelas analisadas aqui e da Aliança Abraâmica. Tudo isso aponta que “do início ao fim o plano único de Deus foi abençoar uma nação escolhida e revelar seu favor a eles, para que através deles [toda a] terra possa ser abençoada”.⁴⁷⁰

3.3.3 Restauração de Israel: depois do Exílio ou depois de Cristo?

Está claro nos profetas que a destruição e a crise que o povo enfrentaria seriam seguidos pelo perdão divino e uma nova obra de redenção, declara Martínez. Isso haveria de mostrar que o juízo de Deus que caiu sobre Israel não foi em vingança, senão que comedidamente, de forma a purificar o povo. Assim, o Senhor restauraria o povo e a terra tornando possível a consolidação do destino histórico de Israel (cf. Jr 16.15; 24.6; Ez 36-37; Os 14.4ss; Am 9.11-15).⁴⁷¹ Ora, na análise do capítulo 2 foi visto que essas profecias serão satisfeitas *completamente* na volta de Cristo e na restauração universal consequente (cf. Ap 21). Agora, a questão que resta é: quando se concretiza esse destino histórico, a saber, a restauração da nação de Israel a seu território como mostra do amor divino e parte do cumprimento das profecias referidas? Tudo se deu logo após o exílio babilônico, ou ainda há algo a se cumprir depois de Cristo?

Acredita-se que parte do cumprimento das profecias se deu no retorno dos judeus do exílio babilônico, sem dúvida. Ao mesmo tempo, aplicando-se o conceito de cumprimento progressivo, entende-se que naquele momento houve o início da restauração, mas não ela de forma completa. Há, por um lado, a opinião de que a restauração, “a salvação escatológica que Javé reservava a seu povo era esta: os exilados de 587, mas mesmo os de 721, voltarão”, como comenta Von Rad sobre o profeta Jeremias, asseverando que o que havia de se cumprir, se cumpriu. No entanto, logo após Von Rad cita Jeremias 32.37-41, em que Deus promete que

⁴⁶⁷ MCDERMOTT, 2018, p. 167-168.

⁴⁶⁸ FERREIRA, 1987, p. 18, 20, 27.

⁴⁶⁹ MCDERMOTT, 2018, p. 167-168.

⁴⁷⁰ “From start to finish it was God's single plan to bless a chosen nation and reveal his pledge to them, so that through them all... the earth might be blessed.”. In. GAEBELEIN, 1979, p. 305.

⁴⁷¹ MARTÍNEZ, 1984, p. 304.

Israel habitaria em segurança e seria plantado *de verdade* na sua terra.⁴⁷² É difícil ver isso se cumprindo *após* o exílio, pelo menos levando em conta tudo o que aconteceu na Diáspora e no tempo entre ela e o exílio!

Por outro lado, há razões para entender que é atual o cumprimento dessa restauração. Sayão comenta dois motivos por que o cumprimento de Amós 9.14-15 é recente, e não apenas pós-exílico: o que o texto diz é *nunca* mais serão desarraigados - o que não combina com a Diáspora nem com algumas das afirmações dos profetas com o mesmo teor dessa de Amós que foram ditas depois do exílio. Esse é o caso de Zacarias 8.7-8, que foi escrito no pós-exílio e afirma que no futuro Deus traria o povo de volta a Jerusalém.⁴⁷³ Dolan ainda acrescenta que, sincronicamente, promessas como a de Isaías 61.4 preveem um retorno depois de muitas gerações e “outras passagens da Bíblia aludem aos judeus a voltarem dos quatro cantos da terra, o que não ocorreu quando eles voltaram da Babilônia, mas está acontecendo em nossos dias”.⁴⁷⁴

McDermott sugere que a restauração do atual Estado de Israel possa ser as primícias, uma demonstração da restauração completa à qual Jesus apontou e que os discípulos esperavam (Mt 5.5 – *terra é a de Israel*, cf. explica McDermott).⁴⁷⁵ E essa ideia faz sentido ao observar-se que, “de muitas maneiras, o retorno do exílio foi uma decepção; afinal, Israel continuou vivendo sob opressão estrangeira. O retorno da Babilônia [foi] apenas a primeira etapa [...]” mas Judá ainda aguardava “[...]o tempo futuro da restauração [...]”.⁴⁷⁶ A ideia é relacionada ao processo gradual de revitalização dos ossos secos da visão de Ezequiel, os quais não apenas recebem vida de uma vez, mas vão estalando, recebendo tendões e músculos para, enfim, estarem completamente vivos novamente.⁴⁷⁷

Também corrobora observar que Lucas 21.24 (escrito antes de 135 d.C.) fala que os judeus *ainda* seriam levados como prisioneiros para todas as nações, e Jerusalém seria pisada pelos gentios, até que o tempo deles se cumprisse. Na opinião de Sayão, o tempo dos gentios sobre Jerusalém terminou com a conquista da cidade pelos judeus em 1967, fruto do Novo Estado de Israel.⁴⁷⁸ Ferreira, de forma semelhante, concorda que “o sionismo moderno [é] um esforço supremo do povo judeu para garantir sua sobrevivência”, e nisso Deus os auxiliou. Reforça ainda a veracidade bíblica o fato de os judeus terem guardado a Lei por centenas de

⁴⁷² RAD, 2006, p. 635, 637.

⁴⁷³ SAYÃO, 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

⁴⁷⁴ DOLAN, 1993, p. 241.

⁴⁷⁵ MCDERMOTT, 2018, p. 86.

⁴⁷⁶ HINDSON; YATES, 2014, p. 277, 291.

⁴⁷⁷ MCDERMOTT, 2018, p. 157-158.

⁴⁷⁸ SAYÃO, 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

anos, e em especial a ocupação de Canaã (Palestina) pelos judeus na reconstituição do Estado de Israel. Isso, para ele, é cumprimento da promessa da terra, de Deus a Abraão.⁴⁷⁹

Martínez pontua muito bem que essa promessa, quando expressa pelos profetas, aponta vários atos que parecem localizar-se em um momento histórico determinado, mas que, na verdade, tomam lugar em diferentes épocas e de diferentes maneiras. “De fato, os acontecimentos redentores do futuro descritos pelos profetas vão desde o regresso dos judeus a sua terra depois do cativeiro babilônico até a consumação dos desígnios de Deus ao final dos tempos”. Alguns deles afetam a Israel e outros afetam a Igreja cristã; uns têm caráter político e temporal, outros são espirituais; alguns referem-se ao Israel como povo natural, enquanto outros se referem ao verdadeiro Israel, o remanescente que se mantém fiel a Deus, conclui Martínez.⁴⁸⁰ Assim sendo, interpretar a profecia como satisfeita de forma completa apenas no passado, apenas no presente ou apenas no futuro não fornece uma explicação satisfatória, afirma Strong. Cada ponto de vista tem sua parcela de razão.⁴⁸¹ A quem ceticamente poderia perguntar: “Não podiam os ideais proféticos ser sonhos e a correspondência entre eles e a [história da nação e do povo de Israel] apenas um curioso fenômeno histórico?”, Strong responde citando Bruce: “Tal ceticismo só é possível àqueles que não têm fé num Deus vivo, que realiza propósitos na História”.⁴⁸²

Outrossim, Ferreira discorda acertadamente que o retorno dos judeus à Palestina é prova de o mundo estar à beira do seu fim. Ele até chama de maníacos aqueles que usam tal pretexto para “fazer” profecias.⁴⁸³ Stein também alerta para que o intérprete não fique procurando o significado “implícito” do texto bíblico. Em vez disso, é melhor procurar as implicações do texto ao leitor. Não se procura aqui qualquer significado implícito assim. Ao contrário, não parece haver dúvida nas afirmações das profecias: Deus haveria de cuidar de Israel, fato que pode ser observado no decorrer da história.⁴⁸⁴

Sim, normalmente as profecias do AT se referiam à sua época presente. Por sua vez, havia aquelas que apontavam para depois do tempo do AT. Essas profecias devem ser interpretadas à luz do NT, sendo justamente essa a tarefa do intérprete: “alinhar o conteúdo das profecias do AT com a perspectiva do NT”, explica Klein.⁴⁸⁵ Ora, a carta aos Romanos afirma

⁴⁷⁹ FERREIRA, 1987, p. 43, 36.

⁴⁸⁰ “De hecho, los acontecimientos redentores del futuro descritos por los profetas van desde el regreso de los judíos a su tierra después del cautiverio babilónico hasta la consumación de los designios de Dios al final de los tiempos.”. In. MARTÍNEZ, 1984, p. 305.

⁴⁸¹ STRONG, 2007, p. 253.

⁴⁸² STRONG, 2007, p. 256-257; BRUCE, [18-?], p. 359. In. STRONG, 2007, p. 256.

⁴⁸³ FERREIRA, 1987, p. 35.

⁴⁸⁴ STEIN, 1999, p. 103.

⁴⁸⁵ KLEIN, 1997, p. 594, 596-597.

que, após a plenitude dos gentios, todo Israel será salvo, ou seja, restaurado à oliveira natural, observa Sayão⁴⁸⁶ e “todo Israel não significa todo judeu, mas todo fiel”.⁴⁸⁷ Em suma: dentre os judeus, alguns creram e outros ainda crerão em Cristo. Diante da vinda de Jesus, “a nação de Israel como um todo mostrava-se surda à voz do seu pastor, mas aqueles que ouviram e seguiram o pastor constituiriam o seu rebanho [...] o verdadeiro Israel”.⁴⁸⁸ Esse é o remanescente. À luz disso, entende-se que a descendência *espiritual* de Abraão é uma, pela fé, que herdará o reino de Deus, e a descendência *física* é outra. A Aliança Abraâmica foi incondicional e eterna à descendência física. Visto que não foi cumprida completamente, o será no futuro. Para tanto, Israel precisa ser preservado como nação e deve herdar sua terra⁴⁸⁹, com o objetivo de que tanto Israel como as demais nações reconheçam a Deus como responsável por tudo isso.

⁴⁸⁶ SAYÃO, 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

⁴⁸⁷ FERREIRA, 1987, p. 50.

⁴⁸⁸ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Jussara Marindir Pinto S. Árias. São Paulo: Exodus, 1997, p. 101, 102.

⁴⁸⁹ PENTECOST, 1977, p. 72.

CONCLUSÃO

Uma vez que a Bíblia tem sua veracidade e confiabilidade constantemente questionadas, conclui-se que é de grande validade perceber que acontecimentos históricos reais, do presente, foram previstos por ela, por vezes em minúcias. Isso reforça a confiabilidade não só dos relatos históricos e das profecias da Bíblia, mas de tudo o que ela afirma. Afinal, seus próprios autores concordam que ela é *a Palavra de Deus* (cf. Is 40.8; Sl 119; 2 Tm 3.16; 2 Pe 1.21). Além disso, é solidificado todo o domínio da Teologia Bíblica, uma vez que ele é baseado na Bíblia. Especialmente à área da Hermenêutica, a pesquisa contribui com a conclusão de que nem todas as profecias devem ser lidas como completamente cumpridas. Há profecias que apontam para um cumprimento completo no futuro, com a revelação de Cristo a toda humanidade, mas cujo cumprimento já iniciou no passado e vem acontecendo ainda hoje. Como afirma Von Rad, até mesmo aquilo que foi prometido e já se cumpriu foi, mesmo assim, passado às próximas gerações como profecias que não deixaram de apontar para o futuro.⁴⁹⁰

Nessa pesquisa foi exposta uma pequena parcela do cuidado dispensado por Deus à nação de Israel no decorrer da história. Deus demonstra com isso que Ele é mesmo o dono e criador da história. Ele não apenas criou o universo e afastou-se, deixando-o sozinho, mas continua intervindo, cuidando, disciplinando e protegendo seu povo escolhido. Sabe-se disso por meio da Sua Palavra revelada, a qual mais uma vez é confirmada como verdadeira. Aliando-se a comprovação da ação de Deus na história com a certeza de que se pode confiar na Bíblia, surge aí uma fonte preciosa de esperança e firmeza a todo aquele que crê e obedece a esse Deus e à Sua Palavra.

De que forma, então, pode ser observado o cuidado prometido por Deus nas profecias do AT, nos fatos ocorridos com o Novo Estado de Israel? Na busca de respostas, traçou-se o curso descrito a seguir.

No primeiro capítulo, observou-se que os judeus sempre sofreram perseguição de alguma forma, o que se intensificou sobremaneira a partir do século XIX com os *pogroms*, depois com o Holocausto e discriminações diversas. Isso tornou necessário um território de asilo ao povo judeu que estava espalhado pela Europa. Para tanto, eles voltaram-se à Palestina, seu terreno histórico de habitação, onde constituíram o Novo Estado de Israel, em 1948. Devido aos atritos com os palestinos nativos e ao ódio dispensado contra os judeus (agora chamados também israelenses) pelos árabes, foram deflagrados diversos conflitos armados. Na pesquisa, foram analisados os dois primeiros conflitos. Em ambos foi possível observar uma capacidade

⁴⁹⁰ RAD, 2006, p. 722.

de superar dificuldades muito maior por parte dos judeus, fosse em conseguir armamentos, em desenvolver estratégias e táticas ou em reestruturar seu território após os embates. Isso deixa no ar, ainda, a pergunta: sendo uma nação recém-formada, meio esvaçada pelo recente Holocausto, em grande parte refugiada, como Israel conseguiu tais proezas? Isso não é humanamente lógico.

No capítulo 2, então, a pesquisa voltou-se às profecias bíblicas que falam sobre a restauração de Israel. Primeiro, foi analisada a profecia de Amós 9.11-15. O livro de Amós é de advertência e ameaça à disciplina do Senhor que viria sobre Israel devido à injustiça deles. O trecho do capítulo 9.11-15 mostra uma virada de assunto, apontando para a restauração futura que Deus promete. Israel seria espalhado e peneirado (purificado) do seu pecado entre muitas nações, por certo tempo. Ainda assim, Deus continuaria controlando a história e cuidando de Seu povo. No futuro, então, Ele os reuniria de todos os lugares para onde foram espalhados, e os restauraria à sua própria terra, onde habitariam completamente em segurança e fartura.

Depois, foi abordado o texto de Ezequiel 36.19-30. Esse é um dos principais trechos do livro do profeta, porque está dentro de um trecho maior de oráculos sobre as nações e traz a passagem em que Deus promete um novo coração ao povo (cf. Ez 36.26). Um novo coração era necessário para que o povo adorasse a Deus e o servisse sincera e incessantemente. Eles não fizeram isso por gerações, e agora estavam no exílio. O problema, no entanto, era que aos olhos das nações era o Deus de Israel quem havia falhado em proteger seu povo. Agora, Ele iria restaurá-los para mostrar que isso não era verdade. De forma geral, se Israel tivesse cumprido a vontade de Deus, seu retorno teria acontecido antes à Palestina. Mesmo eles tendo falhado, Deus lhes dará as bênçãos prometidas, simplesmente por amor a Seu Nome.

A última profecia estudada foi a de Zacarias 8.1-8. Esse é um texto escrito após o exílio babilônico, o que já mostra que a restauração prometida pelos profetas antes desse tempo não se referia apenas ao retorno do exílio. A análise da profecia de Zacarias chegou a uma conclusão parecida com a de Ezequiel. O cuidado de Deus com Israel foi para mostrar Seu poder sem fim e trazer reconhecimento por isso aos olhos de toda humanidade. Por meio da Sua intervenção na história o Senhor aponta para Seu poder e Soberania, com o propósito maior de que toda a terra glorifique o Seu Santo nome.

No terceiro capítulo, com a análise da profecia como gênero literário da Bíblia, concluiu-se que, na maioria das vezes, as profecias do AT referiam-se ao presente de seus ouvintes. Ao mesmo tempo, algumas delas anunciavam algo para além do período do veterotestamentário, já que os profetas por vezes não conseguiam ver o distanciamento entre os fatos futuros que anunciavam e falavam deles como se fossem todos juntos. Essas profecias

devem ser interpretadas à luz do NT. Fazendo isso, chega-se ao entendimento que alguns judeus crerão em Cristo, formando assim o remanescente ao qual os profetas se referiram. Portanto, a descendência *espiritual* de Abraão é uma, por meio da fé (cf. Gl 3.7). Esta herdará o reino de Deus. A descendência *física* de Abraão é outra. Todos aqueles que fazem parte dela, mas não crerem no Messias, terão o Reino tomado de si (cf. Mt 21.43). Ainda assim foi com essa descendência que Deus estabeleceu a aliança Abraâmica, incondicional e eterna. Por essa aliança não ter sido cumprida completamente, o será no futuro. Para que isso aconteça, Israel precisa ser preservado como nação e herdar sua terra.

Isso tudo posto, entende-se que o desenrolar do plano de Deus pode estar ocorrendo hoje, a olhos vistos. Não se pode ter completa certeza de que os eventos atuais são cumprimentos das profecias. Da mesma forma, não se pode ter certeza de que não o são. É notável, tendo em vista essas profecias, o retorno em massa dos judeus à Palestina e a formação do Estado de Israel em 1948. Assim, compreende-se que a sobrevivência dos judeus pode ser o cumprimento de profecias bíblicas.

Uma questão digna de nota e de reprovação é a postura, ao que parece às vezes, de soberba da Igreja como substituta de Israel, uma vez que eles foram rejeitados por não obedecerem a Deus. Viu-se que esse pensamento é equivocado, fruto de acontecimentos e períodos históricos conturbados. A análise cuidadosa e humilde do texto bíblico, assim como da história geral, aponta que essa substituição não foi o que de fato aconteceu, mas que a Igreja passou a *fazer parte do Israel fiel*, aquele chamado de remanescente no AT. Todos os que têm fé no Messias, independente do seu povo de origem, são enxertados na oliveira natural.

Todas essas mostras de Israel como foco da atenção divina não devem envolver a nação atual de Israel com uma aura de intocabilidade, em qualquer sentido. Essa nação não é perfeita nem isenta de falhas. Ademais, assim como da Igreja não se espera perfeição, mas por meio dela Deus opera, da mesma forma acontece com Israel. Nesta pesquisa, foi abordada uma pequena parcela do cuidado de Deus com a nação de Israel, no decorrer da história. Em quantas outras situações não se poderia identificar o agir divino? Quanto mais Deus tem agido, não só com relação a Israel, mas na história toda?

Por fim, a postura da Igreja – os filhos adotados de Abraão, por meio da fé – com os judeus não deve ser “nem semitismo, nem anti-semitismo (sic). Apenas, messianismo”.⁴⁹¹ Os judeus não são coitados, santos ou vilões. São um povo em guerra constante, sujeitos à sua própria natureza pecaminosa e às ações geradas por ela. Isso em muito fomenta a tensão dos

⁴⁹¹ FERREIRA, 1987, p. 43.

conflitos, ainda mais com os relatos de abusos por parte deles. Como qualquer outro povo, eles precisam ser alvo de orações e compaixão, em especial para que reconheçam a Cristo como *O Messias* prometido pelos mesmos profetas que anunciaram as promessas de cuidado divino constante com a nação de Israel.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- ANDRADE, José Sélvio de. **Os profetas maiores II: Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel**. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.
- BALDWIN, Joyce G. **Ageu, Zacarias, Malaquias: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1972.
- BARD, Mitchell. *Myths and Facts: a guide to the Arab-israeli conflict*. Chevy Chase: American-Israeli Cooperative Enterprise, 2017. 400 p. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- BARON, David. *The visions e prophecies of Zechariah*. Michigan: Kregel, 1975.
- BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras: Ezequiel a Malaquias**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1995. V. 4.
- BBC News**. [S. l.]: BBC, 29 abr. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- BENTZEN, Age. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Helmut Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1968. V. 2.
- BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica**. Tradução de Merval Rosa. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.
- BOICE, James Montgomery. *The minor prophets*. Grand Rapids: Kregel, 1986. V. 1 e 2.
- CALDAS AULETE DIGITAL. Rio de Janeiro: Lexicon, [20-?]. Disponível em: <https://www.aulete.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- CARDIN, Hélder. **Hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. 2.ed. São Paulo: Candeia, 1995. V. 1.
- CHAPMAN, Colin. Liberdade para expressar opiniões diferentes. **Martureo**, São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em <https://www.martureo.com.br/liberdade-para-expressar-opinioes-diferentes>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- CRABTREE, A. R. **O livro de Amós**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.
- CRABTREE, A. R. **Teologia do Velho Testamento**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.
- CRANE, Ashley. *The restoration of Israel: Ezekiel 36-39 in Early Jewish Interpretation: A textual-comparative study of the oldest extant Hebrew and Greek manuscripts*. Murdoch: Murdoch University, 2006. Disponível em: <https://researchrepository.murdoch.edu.au/id/eprint/505/2/02Whole.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- CRUZ, Héber Monteiro da. **Israel e os (gillûlim): idolatria na perspectiva de Ezequiel**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/813/1/cruz_hm_tmp521.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.

- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento**: uma exposição teológica e homilética. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- DILLARD, Raymond B. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- DOLAN, David. **Guerra Santa para a Terra Prometida**. Traduzido por João M. Bentes. São Paulo: Candeia, 1993.
- DOUGLAS, J. D. (org.) **O Novo Dicionário da Bíblia**. Traduzido por João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- Encyclopaedia Britannica*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com>. Acesso em: 26 mar. 2021.
- ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- FAIRBAIRN, Patrick. *An exposition of Ezekiel*. Minneapolis: Klock Christian, 1979.
- FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Tradução de Luiz A. Caruso. Miami: Vida, 1988.
- FEINBERG, Charles L. *The prophecy of Ezekiel: the glory of the Lord*. Chicago: Moody, 1980.
- FERREIRA, Franklin. A tentação do antissemitismo. **Teologia Brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- FERREIRA, Júlio Andrade de. **Judeu**: enigma da história. Campinas: Luz para o Caminho, 1987.
- FRANCISCO, Clyde T. **Introdução ao Velho Testamento**. Tradução de Antônio Neves de Mesquita. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- GAEBELEIN, Frank E. (org.). *Expositor's Bible Commentary*. Michigan: Zondervan, 1979. V. 1.
- GARLAND, D. David. *Amos: a study guide*. Michigan: Zondervan, 1973.
- GHELLI, Leônidas Ramos. **A influência da apocalíptica na formação tardia dos livros de Oséias e Amós**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2013. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/427/1/ghelli_lr_tmp302.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.
- GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**: os 2174 dias que mudaram o mundo. Traduzido por Ana L. Faria e Miguel S. Pereira. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**: atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- GUTTERMAN, Bella; SHALEV, Avner (edt.). *Para que los sepan las generaciones venideras*: la recordación del Holocausto en Yad Vashem. Jerusalém: Yad Vashem, 2008.
- HARRIS, R. L. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Bruce K. Waltke. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HINDSON, Edward E. YATES, Gary (edt.). **A Essência do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2014.
- HITLER, Adolf. **Mein Kampf**: a minha luta. Lisboa: Guerra e Paz, 2016.

- HOMBURG, Klaus. **Introdução ao Antigo Testamento**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1976.
- HUBBARD, David A. **Joel e Amós: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- INTERNATIONAL BIBLE SOCIETY. **Bíblia Sagrada português-inglês**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.
- Israel Ministry of Foreign Affairs*. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- KLEIN, Ralph W. **Israel no exílio: uma interpretação teológica**. Santo André: Academia Cristã, 2012.
- KLEIN, William W. (et al.) **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 1997.
- KUNSTMANN, Walter G. **Os profetas menores: comentário bíblico**. Porto Alegre: Concórdia, 1983.
- KUNZ, Marivete Zanoni. **O termo Kabod no livro de Ezequiel**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2006. 157 p. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/91/1/kunz_mz_tm146.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Jussara Marindir Pinto S. Árias. São Paulo: Exodus, 1997.
- LAILA, Sâmia. O que foi o Sionismo? **Teologia brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- LASOR, William S.; et. al. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- LUDWIGSON, R. *A survey of Bible prophecy*. 2.ed. Michigan: Zondervan, 1974.
- MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MARINHO, Ricardo Aurelio Madeira. **Ezequiel 38-39: protoapocalíptica no exílio?** São Leopoldo: Faculdades EST, 2016. 71 p. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/668/1/marinho_ram_tmp441.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.
- MARTÍNEZ, José M. *Hermeneutica bíblica: como interpretar las Sagradas Escrituras*. Barcelona: CLIE, 1984.
- MCDERMOTT, Gerald R. **A importância de Israel: porque o cristão deve pensar de maneira diferente em relação ao povo e à terra**. Traduzido por A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo no livro de Ezequiel**. 2.ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1980.
- MEYER, F. B. **Zacarias: o profeta da esperança**. Tradução de Wanda Assumpção. Florida: Vida, 1987.
- MOORHOUSE, Roger. **O Terceiro Reich em 100 objetos: uma história material da Alemanha Nazi**. Traduzido por Miguel Mata. Alfragide: Casa das Letras, 2018.
- MORGAN, G. Campbell. *The minor prophets: the men and their messages*. New Jersey: Fleming H. Revell, 1960.

MORRIS, Benny. *Righteous victims: a history of the Zionist-Arab conflict, 1881-2001*. Nova York: Vintage, 2001.

MOTYER, J. A. **A mensagem de Amós**. Traduzido por Yolanda Mirdsa Krievin. 2.ed. São Paulo: ABU, 1991.

MOYAERT, Marianne. POLLEFEYT, Didier. *Israel and the Church Fulfillment Beyond Supersessionism?* Disponível em: https://www.academia.edu/9743549/Israel_and_the_Church_Fulfillment_Beyond_Supersessionism_with_Didier_Pollefeyt_in_M._MOYAERT_and_D._POLLEFEYT_eds._Never_Revoked_Nostra_Aetate_as_Ongoing_Challenge_for_Jewish-Christian_Dialogue_Louvain_Theological_and_Pastoral_Monographs_40_Louvain_Peters_2010_159-183. Acesso em: 22 jun. 2021.

NIEWÖHNER, Stéfani. **O dia de Javé: origem e desenvolvimento do conceito na profecia clássica veterotestamentária, especialmente no profeta Sofonias**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2016. 131 p. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/694/1/niew%c3%b6hner_s_tm319.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.

O novo dicionário da Bíblia. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

OLIVEIRA, Raimundo F. de. **Como estudar e interpretar a Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PENTECOST, J. Dwight. *Eventos del porvenir: estudios de escatologia biblica*. Venezuela: Libertador, 1977.

PFEIFFER, Charles. **Comentário bíblico Moody**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1999. V. 3.

PISCOPO, Michele. Zacarias: o profeta messiânico. **Revista de cultura teológica**. V. 4. N. 14. São Paulo: PUC-SP, 1996, p. 53-67. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14259/12111>. Acesso em: 22 abr. 2021.

PUSEY, E. B. *The minor prophets: a commentary*. Michigan: Baker Book House, 1963. V. 1 e 2.

RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: ASTE, 2006.

REIMER, Haroldo. *Amós, un profeta de juicio y justicia*. **RIBLA**, n. 35-36. Quito: [S.n.], 200?, p. 154-169. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/35-36.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ROBERT, Johnson (et al.). **Para ganhar a guerra: as 25 melhores táticas de todos os tempos**. Traduzido por Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SACCONI, Luiz A. **Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SAYÃO, Luiz. **A importância de Israel**. São Paulo: Vida Nova, 30 nov. 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

- SAYÃO, Luiz. **Israel nas Escrituras - O mistério do povo judeu - Romanos 11** | Luiz Sayão | IBNU. Igreja Batista Nações Unidas, São Paulo, 14 mai. 2017, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=brT5bDqLazA>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- SAYÃO, Luiz. **Israel ontem e hoje**. Projeto Crer, [S.l.], 10 jun. 2019, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7d1yiQcVyI>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- SAYÃO, Luiz. Jerusalém: a cidade da fé e o cenário árabe-israelense. In. **Luiz Sayão**, [S.l.], 29 jun. 2020. Disponível em: <https://luizsayao.com.br/jerusalem-a-cidade-da-fe-e-o-cenario-arabe-israelense>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- SCHÖKEL, L. A. **Profetas II: Ezequiel, doze profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias**. Tradução de J. L. S. Diaz. São Paulo: Paulinas, 1991.
- SHAVIT, Ari. **Minha terra prometida: o triunfo e a tragédia de Israel**. Traduzido por Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2016.
- SICRE, José Luiz. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem**. Tradução de João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SILVA, Aldina da. **Amós: um profeta politicamente incorreto**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- STEIN, Robert H. **Guia básico para a interpretação da Bíblia: interpretando conforme as regras**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- STRONG, Augustus H. **Teologia sistemática: edição revisada e ampliada**. Tradução de Augusto Vitorino. São Paulo: Hagnos, 2007. V. 1.
- TAYLOR, John B. **Ezequiel: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- The Broadman Bible commentary*. Tennessee: Broadman, 1970. V. 7.
- The Holocaust Memorial Museum*. Washington: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1987.
- WALVOORD, John F. **Major bible prophecies: 37 crucial prophecies that affect you today**. Michigan: Zondervan Publishing House, 1991.
- WESTMINSTER ABBEY. **Anthony Ashley-Cooper, 7th Earl of Shaftesbury**. Londres: [s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.westminster-abbey.org/pt/abbey-commemorations/commemorations/anthony-ashley-cooper-7th-earl-of-shaftesbury>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento: Profético**. Traduzido por: Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008. V. 4.
- World History Encyclopedia*. Canadá, 30 ago. 2018. Disponível em: <https://www.ancient.eu>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Amós e a missão da igreja brasileira na atualidade. **Boletim Teológico**. V. 5. N. 5. São Paulo: FTL, 1985, p. 47-108. Disponível em: <http://www.repci.co/repositorio/handle/123456789/336>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- ZUCK, Roy B. (edit.). **Teologia do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994.